



ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Dissertação de Mestrado/2º Ciclo em Arqueologia e Ambiente
Departamento de História da Universidade de Évora

MARIA DO ROSÁRIO CARDOSO FERNANDES



**Entre a Arrábida e o Alentejo Central:
o enquadramento das grutas naturais no contexto da Pré-história**

Orientadora: Prof. Doutora Leonor [Maria Pereira] Rocha

Abril/2011



ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Dissertação de Mestrado/2º Ciclo em Arqueologia e Ambiente
Departamento de História da Universidade de Évora

MARIA DO ROSÁRIO CARDOSO FERNANDES

**Entre a Arrábida e o Alentejo Central:
o enquadramento das grutas naturais no contexto
da Pré-história**

Orientadora: Prof. Doutora Leonor [Maria Pereira] Rocha

Abril/2011

Resumo:

As grutas naturais ocorrem em Portugal em territórios circunscritos, estando a sua existência condicionada pela geologia, aparecendo a maioria, associada aos maciços calcários da Estremadura, Arrábida e Barlavento algarvio.

As cavidades naturais foram espaços desde sempre desejados pelo homem para abrigo e protecção, no território português (e não só) possuem ainda um papel de destaque como espaços sagrados, associadas a contextos funerários. Esta utilização específica inicia-se no território nacional, com o advento das sociedades produtoras e perdurará em média, por quatro mil anos, trespassando sociedade (s) em grande transformação e mudança.

Os estudos efectuados em Sesimbra, na segunda metade do século XX destacaram duas grutas – necrópole no contexto do megalitismo nacional.

São pois estas cavidades naturais bem como a compilação de dados novos que se pretende analisar no contexto deste trabalho procurando, simultaneamente, perceber a sua utilização, como necrópoles, e a sua associação a contextos mágico - religiosos do Neolítico/Calcolítico, entre o litoral e o Alentejo Central.

Palavras – chave:

Sesimbra; Arrábida; grutas naturais; contextos funerários; pré-história; Reguengos de Monsaraz; Alentejo Central.

Title:

Among the Arrabida and the Alentejo Central: the framework of the natural caves in the context of prehistory.

Keywords:

Arrábida; natural caves; funerary contexts; prehistoric; Reguengos de Monsaraz; Alentejo Central.

Abstract:

The natural caves found in Portugal circumscribed territories, conditioned by the existence of suitable geological formations, most associated of Extremadura, Arrábida and Western Algarve.

The natural caves were spaces have always desired by man for shelter and protections, in Portuguese territory (and beyond) still have a prominent role as sacred spaces, associated with funerary contexts. This particular use begins on national territory, with the advent of the producing societies and will last four thousand years, covering societies in major transformation and change.

The studies in Sesimbra in the second half of the twentieth century highlight two burial caves in the context of national megalithic.

These are natural caves as well the compilation of new information to be analyzed in this study and looking at the same time perceive the burial use, and their association with magical and religious contexts in Neolithic / Chalcolithic, between the coast and Alentejo Central.

Para as minhas gémeas,
Sara e Inês

Índice

Índice das ilustrações intra-texto	7
0. Agradecimentos.....	9
1. Introdução	10
2. Definição da (s) área(s) de estudo	13
3. Metodologia.....	16
3.1. Prospecção.....	16
3.1.1. Critérios descritivos.....	18
4. Entre o Litoral e o Interior: breve caracterização geomorfológica.....	20
5. História da Investigação Arqueológica.....	24
5.1. De Sesimbra a Reguengos de Monsaraz	24
6. Da Arrábida ao Alentejo.....	27
7. Da Arrábida... ..	30
7.1. As arquitecturas funerárias – o invólucro.....	31
7.1.1. As grutas naturais	31
7.1.2. As grutas de Sesimbra	33
7.1.3. Outras grutas naturais de Sesimbra	84
7.1.4. As grutas artificiais.....	89
7.1.5. Os tholoi	94
8. Do Alentejo... ..	104
8.1. As grutas do Alentejo	105
8.1.1. A gruta do Escoural	106
8.2. Os monumentos megalíticos funerários	108
8.2.1. As antas	108
8.2.2. Os <i>tholoi</i>	112
9. As datações disponíveis, as cronologias possíveis.....	117
10. Algumas [possíveis] conclusões.....	120
Bibliografia.....	126

Índice das ilustrações intra-texto

Ilustração 1. Identificação das áreas de estudo (Sesimbra e Reguengos de Monsaraz) em Portugal.	13
Ilustração 2. Sítios de Sesimbra. Grutas (verde) e povoamento (vermelho)	30
Ilustração 3. Grutas de Sesimbra. 1-Fumo; 2- Páscoa; 3- Burro; 4- Sapo; 5- Forte do Cavalo/Cabras; 6- Forte do Cavalo A e B; 7- Withania; 8- Jerónimo; 9- Nazaré/Ovelha; 10- Janela 3; 11- Janela 2; 12- Pinheirinhos 1; 13- Janela 1; 14-Sono; 15-Pinheirinhos 2; 16- Ribeira do Cavalo; 17-Euphorbia;	1
Ilustração 4. Planta das Grutas A e B do Forte do Cavalo, com indicação da localização do espólio recolhido (sgd. Serrão, 1967)	38
Ilustração 5. Planta do Forte do Cavalo. Sgd. NECA.	41
Ilustração 6. Lapa do Fumo. Corte esquemático realizado pelo NECA.	48
Ilustração 7. Lapa do Fumo. Planta topográfica e corte esquemático realizados por João da Luz e Armando Ribeiro (NECA).	48
Ilustração 8. Lapa do Fumo. Corte esquemático (seg. Serrão e Marques, 1971)	48
Ilustração 9. Lapa do Fumo. Corte esquemático e planta com indicação da quadrícula (seg. Serrão e Marques, 1971).	49
Ilustração 10. Lapa do Fumo. Corte com identificação das camadas identificadas (seg. Serrão e Marques, 1971)	49
Ilustração 11. Corte estratigráfico da Lapa do Fumo (seg. Serrão, 1994: 76)	50
Ilustração 12. Lapa do Fumo. Planta com identificação da posição do espólio (seg. Serrão e Marques, 1971)	51
Ilustração 13. Lapa do Chão. Planta topográfica realizada por João da Luz e Armando Ribeiro (NECA).	54
Ilustração 14. Lapa do Chão. Planta e alçados realizados por João da Luz e Armando Ribeiro (NECA)	54
Ilustração 15. Plantas e alçados topográficos da Lapa dos Pinheirinhos 1, realizados por João da Luz e Armando Ribeiro (NECA). (Sgd. Fernandes e Rocha, 2008).	59
Ilustração 16. Corte esquemático da Lapa dos Pinheirinhos 1 realizado por João da Luz e Armando Ribeiro (NECA).	59
Ilustração 17. Plantas e cortes esquemáticos da Lapa dos Pinheirinhos 2, realizados por João da Luz e Armando Ribeiro (NECA).	61

Ilustração 18. Planta da Lapa do Sono – Sectores A e B. Planta elaborada a partir dos levantamentos topográficos realizados pelo NECA.	65
Ilustração 19. Planta e corte realizados na Lapa do Bugio, no final da campanha de escavação de 1966 (sgd Monteiro <i>et al.</i> , 1971; Estampa 1)	72
Ilustração 20. Planta actual da Lapa do Bugio. Sgd. AAVV, 2009: 116.	72
Ilustração 21. Planta actual da Lapa do Furada realizada por Pedro Pinto (CEAE/LPN).	78
Ilustração 22. Plantas e cortes da Lapa 4 de Maio. Sgd. AAVV. 2009: 117.	82
Ilustração 23. Lapa da Janela 1. Planta sgd NECA.	86
Ilustração 24. Plantas e cortes da Lapa da Euphorbia. Sgd NECA.	88
Ilustração 25. Planta da Lapa da Cova, sgd NECA.	89
Ilustração 26. Localização da necrópole da Quinta do Anjo (sgd. Leisner <i>et al.</i> , 1961)	90
Ilustração 27. Planta da Roça do Casal do Meio com indicação dos enterramentos e espólio. (sgd. Spindler e Veiga Ferreira, 1973)	95
Ilustração 28. Grutas (verde) e eventuais <i>tholoi</i> (azul) de Sesimbra.	96
Ilustração 29. Povoamento pré-histórico de Sesimbra. Povoados (vermelho) e Achados avulsos (amarelo)	97
Ilustração 30. Povoamento Paleolítico (1) e Neolítico (2). Sgd. AAVV, 2009.	100
Ilustração 31. Relação das grutas (verde) com os povoados pré-históricos (vermelho) em Sesimbra.	103
Ilustração 32. Dispersão dos monumentos megalíticos de Reguengos de Monsaraz. Fonte: Endovélico.	104
Ilustração 33. Tipo e número de artefactos recolhidos no <i>tholos</i> de OP2b. (quadro adaptado de Gonçalves, 1999:95)	114

0. Agradecimentos

À minha orientadora, Prof. ^a Doutora Leonor Rocha agradeço toda a amizade e auxílio neste, e em outros projectos, sem o qual este trabalho não teria sido possível.

À minha colega e amiga Gertrudes Branco, pela sua infatigável tarefa no tratamento e elaboração da cartografia, o meu muito obrigado.

Ao Francisco Rasteiro, pela pronta disponibilidade com que me facultou plantas, fotografias, levantamentos topográficos, fichas e inúmeros dados dos trabalhos de espeleologia na Arrábida e por me ter iniciado nestas “lides” da espeleologia.

Aos espeleólogos do NECA, em particular ao Armando Jorge Ribeiro, Mário Oliveira, José Silveira e ainda ao Ricardo Mendes e à Carla Pereira, pela disponibilidade e demais ajudas.

Ao João da Luz o “ponto zero” no primeiro dia nos Pinheirinhos.

Ao Pedro Pinto, Sofia Abrantes e Rui Francisco, incansáveis companheiros de campo e de grutas, ao primeiro, ainda, por me ter ensinado a “caminhar” numa gruta.

Aos então alunos de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, Ricardo Soares, Miguel Amigo e Beatriz Barros, pela colaboração.

Ao Sérgio Barbosa, Filipe Neves e André Reis, pelas deambulações nas cavidades do Vale do Nabão e aos demais espeleólogos do CEAE-LPN, por colaborações pontuais.

E a todas as pessoas e instituições que, de uma forma ou de outra, tornaram este projecto possível.

Um agradecimento especial à minha família, em particular aos meus pais, à Tina e à Cláudia por tudo o que sempre fizeram para ajudar.

Por último às minhas filhas, pela paciência e carinho com que aceitaram a minha falta de tempo.

1. Introdução

“Je suis habitué à ce paysage, tour à tour rocailleux, cultivé ou boisé. Il n`a rien de très particulier ni d`attachant mais je sens que je l`aime toujours un peu plus”

Guilaine, 2006: 13-14

As grutas naturais ocorrem em Portugal em territórios circunscritos, uma vez que a sua presença está condicionada pela existência (ou não) de formações geológicas adequadas à sua formação - a grande maioria surge associada aos maciços calcários de Sicó-Alvaiázere e Estremenho, às Serras de Montejunto e da Arrábida e ainda ao Barlavento algarvio.

As cavidades naturais foram espaços desde sempre desejados pelo homem para abrigo e protecção, assumindo no território português (e não só) um papel de destaque como espaços sagrados, associadas a contextos funerários. Esta utilização específica, inicia-se (aparentemente) no território nacional, com o advento das sociedades produtoras e perdurará em média, por quatro mil anos, trespassando sociedade(s) em grande transformação e mudança.

No panorama da investigação arqueológica, as cavidades naturais são um tema precoce e recorrente da arqueologia portuguesa. A identificação e escavação de grutas como a Furninha ou Porto Covo, ainda no século XIX, colocam estas estações no quadro dos principais estudos europeus de então, pelo seu papel no estudo de contextos rituais da pré-história recente e em particular da componente artefactual destas estações arqueológicas (Diniz e Gonçalves, 1993-94)

Das cavidades com interesse arqueológico que se conhecem na Arrábida, as estações do Fumo e do Bugio, escavadas e estudadas na segunda metade do século XX (Serrão, 1962, 1973) assumem desde o primeiro momento um importante papel no contexto da arqueologia nacional, face à sua relevância para a compreensão da utilização destes espaços, como necrópole, e a sua associação a contextos mágico - religiosos do Neolítico/Calcolítico.

A escavação destas grutas naturais, em particular da Lapa do Fumo, revelou ao nível da componente artefactual uma significativa presença de elementos que, quer pela

natureza da matéria-prima, quer em termos de representatividade, encontram-se associados aos conteúdos artefactuais do megalitismo alentejano, partilhando ainda com o Alentejo Central rituais, como é o caso da utilização do ocre.

O interesse pelos contextos funerários, em grutas, surgiu no meu percurso de investigação, de forma natural. De facto, por morar no concelho de Sesimbra procurei nos vários trabalhos académicos realizados a nível da licenciatura centrar, sempre que possível, a pesquisa nesta área.

Terminada a licenciatura e atendendo ao meu gosto pela pré-história recente, iniciei em 1999 um projecto de investigação que visava a realização de trabalhos arqueológicos de prospecção e de escavação, no concelho de Sesimbra. Por falta de apoio, este projecto acabou por ficar muito aquém das expectativas. Posteriormente, em 2007, integrei um novo projecto de investigação que tinha por objectivo realizar a Revisão da Carta Arqueológica (AAVV, 2009).

Concluído este trabalho, de âmbito mais alargado, voltei a centrar a minha atenção no estudo da pré e proto-história, na região da Arrábida (PNTA 2009/2012).

A selecção da área mais ocidental (planalto do Espichel) da Serra da Arrábida, Sesimbra, para este trabalho, tem como ponto de partida os estudos iniciados por Eduardo da Cunha Serrão, e posteriormente desenvolvidos por João Luís Cardoso (Cardoso, 1990). Mas, como referi anteriormente, é também o resultado natural dos trabalhos que tenho vindo a desenvolver neste território, no estudo e inventariação de novas cavidades que resultam, em grande medida, das actividades realizadas no âmbito da espeleologia, levadas a cabo pelo NECA (Núcleo de Espeleologia da Costa Azul), numa primeira fase e, mais recentemente, pelo CEAE-LPN (Centro de Estudos e Actividades Especiais da Liga de Protecção da natureza), e que revelou um território onde a presença de cavidades naturais, e a sua ocupação em particular com contextos funerários, é mais intensa do que inicialmente se pressupunha, impondo a caracterização e estudo do papel das grutas naturais nos contextos funerários da pré-história recente e a sua relação com o (s) território (s) envolvente (s).

A integração destes “monumentos”, grutas naturais, numa estrutura simbólica atestada pela presença de artefactos e rituais com paralelos noutras paisagens, foi realçada por vários autores, (Cardoso, 1990, Gonçalves, 1992, 1999, Serrão, 1962) tornando-se assim evidente, desde cedo, a relação com os territórios do Sul, em particular com o Alentejo Central.

Escolhi, por opção metodológica, o território de Reguengos de Monsaraz, para comparação, porque se tratar de uma região com um considerável número de trabalhos e estudos que tem reforçado quase sempre o carácter de excepção e unidade (embora rica em diversidade) do fenómeno megalítico presente nos monumentos funerários da região, permitindo uma melhor compreensão e enquadramento dos contextos de Sesimbra, bem como aceitar (ou refutar) a existência de uma relação directa entre estes dois territórios e enquadrar o papel das grutas naturais nas sociedades da pré-história recente.

2. Definição da (s) área(s) de estudo

“Viajar es un acto inherente al ser humano. Desde buscar agua, hasta trasladarse a regiones remotas para comerciar o intercambiar productos, viajar a diversas escalas geográficas ha constituido una actividad esencial en el desarrollo de cualquier sociedad”

Murrieta Flores, Wheatley e García Sanjuán, 2011: 85

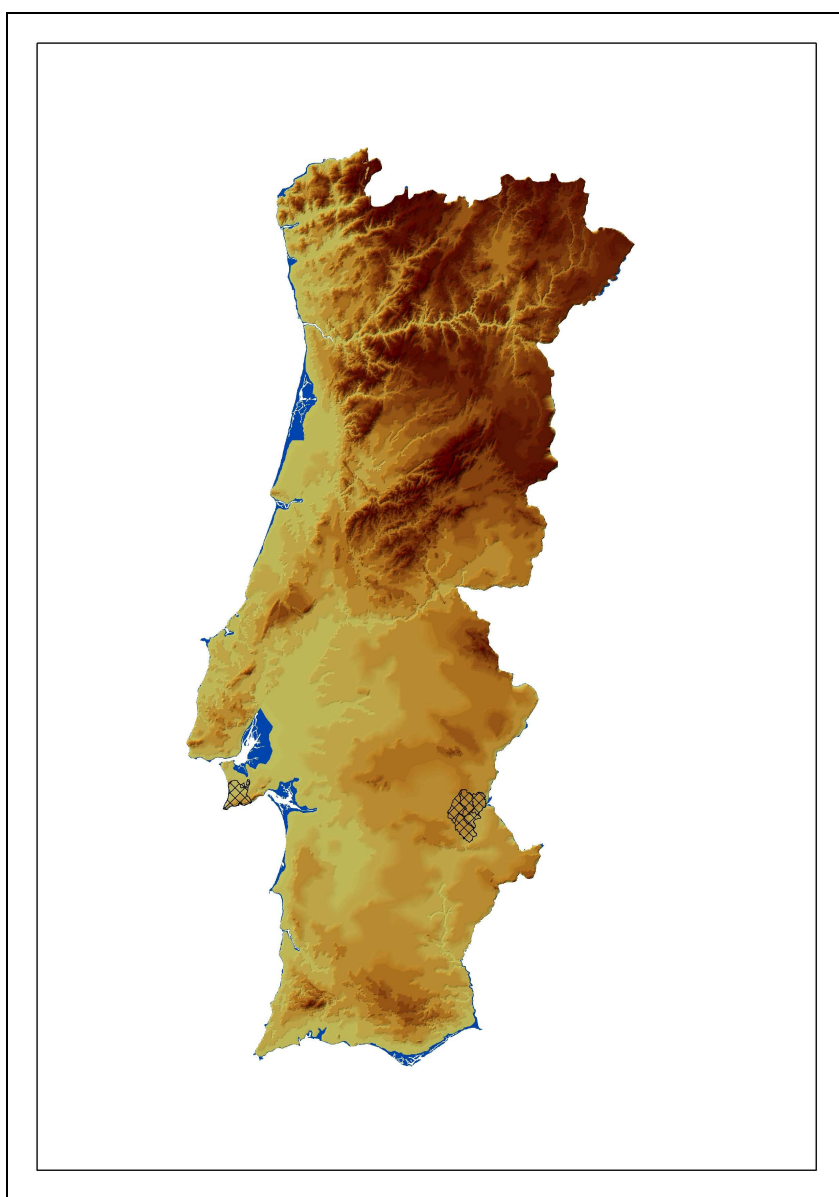


Ilustração 1. Identificação das áreas de estudo (Sesimbra e Reguengos de Monsaraz) em Portugal.

A área de estudo (ou as áreas) é, em traços gerais, o Centro/Sul de Portugal, seguindo os denominadores comuns para os contextos funerários pré-históricos, balizados entre o V e o III milénio a.C. e tendo como ponto de partida as cavidades naturais da Arrábida, em particular o conjunto de grutas que ocorrem no Planalto do Espichel.

Em Sesimbra, encontram-se duas das mais conhecidas grutas naturais com arqueologia da Península de Setúbal (Fumo e Bugio), cuja leitura e interpretação cedo demonstraram uma clara relação com o espaço geográfico do Sul, em particular com o Alentejo Central, expresso através do mobiliário simbólico e ritual. A partir deste elemento comum procurei seguir a linha natural de um percurso terrestre, o festo, defendido por alguns autores (Calado, 2001, 2004), como sendo a linha de contacto entre os territórios, facilitando e promovendo a relação litoral/interior mas, também, a comunicação mais regional, como é o caso do corredor megalítico Évora/Reguengos (Gonçalves, 2003).

Mas, para além destes territórios, definidos desde o século passado, surgiram agora, no alvor do séc. XXI, novas áreas “megalíticas”. De facto, os trabalhos resultantes da arqueologia de emergência, associada aos projectos da rede secundária do Empreendimento do Alqueva, revelaram-nos que a ocupação no Alentejo não se resume, à já de si complexa presença de monumentos megalíticos – com sepulturas proto-megalíticas, antas e *tholoi* - mas também que este território é palco de uma grande diversidade de outras soluções, no que concerne às estruturas dos contextos funerários.

Por questões metodológicas optei por centrar o meu estudo numa área que abrange um território consignado entre Sesimbra e o Cabo Espichel, opção que resulta do conhecimento que possuo desta área, devido aos trabalhos de investigação que aqui tenho desenvolvido, nos últimos anos.

No decurso dos trabalhos de prospecção arqueológica e espeleológica em que participei, ou co-dirigi, tive a oportunidade de identificar, registar e caracterizar um significativo número de cavidades naturais, com ocupação e utilização diversas, em termos de funcionalidade e cronologias. É, no entanto, de destacar a ocupação destes sítios como espaços funerários durante o Neolítico/Calcolítico e Idade do Bronze, confirmada pela presença de material osteológico e artefactual.

Não querendo cingir-me a um mero elencar de sítios, fechada numa área que conheço razoavelmente bem, aventurei-me a seleccionar outra área – a de Reguengos de Monsaraz – como objecto de comparação. Apesar do Alentejo possuir uma extensa mancha de monumentos megalíticos funerários, estruturados em grupos com alguma individualidade (Reguengos, Redondo, Évora, Montemor, Pavia) e cuja utilização,

coincide, de *grosso modo*, com algumas das grutas de Sesimbra, escolhi o grupo de Reguengos de Monsaraz por se tratar de uma das áreas melhores conhecidas pelo número de monumentos intervencionados e publicações existentes. Por outro lado, Reguengos de Monsaraz encontra-se na extremidade oposta a Sesimbra, em termos geográficos.

Trata-se, naturalmente, de uma opção arriscada, uma vez que as informações disponíveis sobre os dois territórios é bastante díspar, quer em número de sítios inventariados e escavados, quer em termos de publicações mas, o meu objectivo ao realizar este trabalho, foi apenas o de, face aos dados disponíveis actualmente, contribuir para a compreensão do fenómeno funerário, na pré-história recente.

3. Metodologia

“Los proyectos de investigación siempre dependen para su éxito de una serie de factores, más allá de la consistencia de sus propuestas teóricas o metodológicas”.

Bueno Ramírez, Barroso Bermejo e Balbín Behrmann, 2009: 35

A metodologia reflecte, naturalmente, as opções tomadas no decurso da elaboração de um trabalho de investigação, condicionados por factores de ordem diversa. Neste caso, tratando-se de uma dissertação que se baseia maioritariamente em dados de prospecções e na avaliação, sumária, de dados provenientes de escavações antigas, optei por criar uma ficha descritiva para as grutas inventariadas.

Em termos de imagens, optei por colocar algumas (mapas e plantas de sítios) dentro do texto por considerar que tornava mais explícita a informação, em vez de as remeter para o Anexo, apesar de, com esta opção, ter ultrapassado ligeiramente as páginas previstas.

Os mapas gerais e temáticos foram elaborados, por Gertrudes Branco (à excepção de dois, cuja origem se identifica) com base nos dados existentes em várias bases de dados: Endovélico, NECA, publicações e dos meus trabalhos.

3.1. Prospecção

Em termos de trabalhos de campo, comecei por realizar uma revisão e actualização dos dados e sítios já conhecidos no terreno, que foi complementada pela prospecção mais ou menos intensiva das áreas envolventes, condicionada pela visibilidade dos solos e características da paisagem.

A delimitação da área a prospectar, no que diz respeito aos vestígios de habitat foi sendo adaptada, bem como os modelos, que tinham por base os modelos de implantação utilizados em trabalhos no Alentejo Central (Calado, 2001). Contudo as características da paisagem, particularmente a nível geológico parecem ter condicionado nesta área o modelo de povoamento, bem como provavelmente, a distribuição dos vestígios arqueológicos presentemente visíveis. A disparidade no elevado número de artefactos líticos face a um registo muito pontual de pedra polida e mós, bem como uma quase ausência em algumas estações de ar livre de cerâmica, colocou-me alguns problemas de interpretação, cuja

resposta pode estar, em particular para a cerâmica, numa eventual existência de fenómenos tafonómicos, por hora mal conhecidos.

No que às cavidades naturais diz respeito, o método de identificação utilizado foi o que é aplicado na prospecção em espeleologia, e que em geral é muito semelhante ao utilizado na arqueologia, mas dando-se particular atenção à orientação dos estratos, existência de falhas e hidrologia, com vista à identificação de áreas de escoamento de águas. A aplicação no terreno destes princípios é condicionado pela visibilidade, mas a sua utilização permite definir locais com maior probabilidade de se verificar a existência de grutas. Como referi anteriormente, este trabalho foi apoiado pelo NECA e pelo CEAE/LPN, em diferentes períodos,

O segundo passo, e face à lista de cavidades naturais identificadas com vestígios humanos, foi estabelecer um critério de selecção que me permitisse caracterizar os contextos funerários e definir os elementos que permitiam aceitar, com relativa segurança, estarmos perante um contexto de necrópole cujas cronologias se enquadravam na pré-história recente. Assim excluí, da descrição mais pormenorizada, todas as cavidades que não davam contextos claramente associados ao Neolítico/Calcolítico, mas incluí, as cavidades naturais que apresentavam vestígios osteológicos e cerâmicas, mesmos que incharacterísticas, do ponto de vista tipológico, mas cujas pastas se correlacionam com sítios que permitem com relativa segurança aceitar serem produções enquadráveis nas primeiras sociedades de cariz agro - pastoril. Ao contrário do que ocorre nas estações de ar livre, as cerâmicas estão presentes neste tipo de estações, mesmo que nem sempre sejam suficientemente esclarecedoras do enquadramento cultural e, em particular, das cronologias.

As cavidades que apresentam à superfície contextos mais recentes, nomeadamente da Idade do Ferro e Medievais, e que na ausência de escavações, não me permitem atribuir-lhes uma utilização nos períodos em estudo. Mas, como isso não significa que nos níveis inferiores, não se verifiquem ocupações mais antigas, apesar de não apresentar uma ficha pormenorizada de cada uma delas, optei por as incluir na listagem geral e por cartografá-las.

Uma última nota para as plantas e alçados das grutas. A sua diversidade, em termos de apresentação, resulta do facto de terem sido realizadas em diferentes alturas, por diferentes espeleólogos e em associação a diferentes projectos. As do NECA são as mais antigas, tendo sido maioritariamente realizadas na última década do séc. XX.

Nesta altura encontrava-se em curso o projecto *Investigação Arqueológica no Concelho de Sesimbra* (1998/2002) que nos permitiu identificar e assinar um conjunto de cavidades naturais com arqueologia.

As que aparecem como do CEAE/LPN foram realizadas já no séc. XXI, algumas no âmbito do projecto de *Carta Arqueológica de Sesimbra* (2007/2009)

3.1.1. Critérios descritivos

Para a descrição das grutas inventariadas elaborei uma ficha tipo, que me permitisse estruturar a informação disponível. Assim foi criada uma primeira tabela em Excel, que para além de servir de base a este trabalho, numa fase inicial, permitiu também trabalhar os dados em SIG, de modo a obter uma cartografia o mais exacta possível.

A Ficha Descritiva mantém os campos criados na tabela Excel, tendo em conta os seguintes critérios metodológicos:

Designação. Nome que consta na bibliografia e na base de dados do IGESPAR (Endovélico), uma vez que os dados aqui apresentados fazem parte de um projecto de investigação desenvolvido por mim e outros investigadores, entre 1999 a 2004 e 2007 a 2009.

Localização. Apresenta as coordenadas obtidas por GPS ou através da bibliografia.

Tipo. Em relação a esta categoria e tendo em conta que se está a trabalhar, apenas, os contextos de grutas, considere: i) **abrigo** - as cavidades cársticas, abertas, com materiais arqueológicos e/ou restos osteológicos; ii) **gruta** – as cavidades cársticas que se desenvolvem, em maior ou menor profundidade, com materiais arqueológicos e/ou restos osteológicos; iii) **monumento natural** – as grutas, algares e sumidouros, sem evidências arqueológicas.

Contexto arqueológico. Descrição dos materiais arqueológicos recolhidos e/ou evidências arqueológicas observadas.

História do sítio. Explicação do modo como foi identificado, descrição de trabalhos arqueológicos realizados, caso se justifique.

Descrição. Definição da cavidade cárstica em termos de medidas e modo de desenvolvimento. Descrição detalhada do estado de conservação. Sempre que realizado, inseri aqui o levantamento topográfico da mesma

Materiais. Descrição, sumária, dos materiais recolhidos em prospecção ou escavação.

Cronologia. Atribuída com base na cronologia proposta na bibliografia.

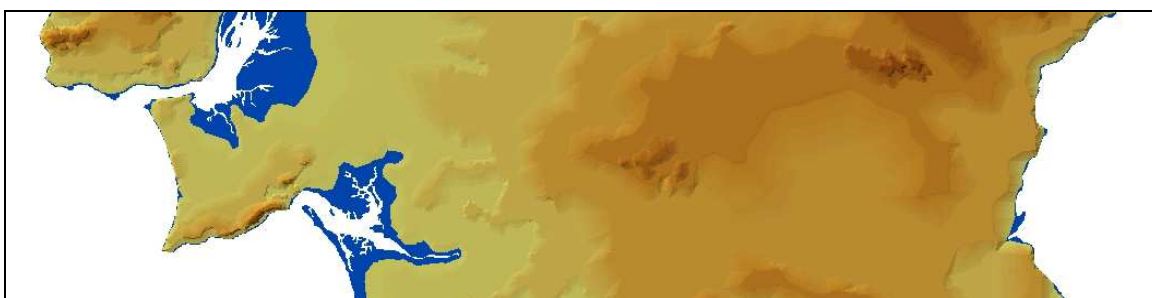
Bibliografia. Descrição das referências bibliográficas existentes, de acordo com as normas do Instituto Português de Arqueologia.

Ilustrações. Levantamento topográfico da gruta (sempre que exista), plantas e cortes provenientes de escavações já realizadas. Os restantes elementos, como fotografia do sítio, desenho e fotografia de materiais foram remetidos para anexo.

4. Entre o Litoral e o Interior: breve caracterização geomorfológica

“A montanha, quando não domina, avista-se de todos os lugares”

Orlando Ribeiro, 1998:3



A área em estudo divide-se em duas unidades distintas, por um lado a Arrábida, a serra e o mar, por outro, o Alentejo, as planícies e o sequeiro. Diferentes sob o ponto de vista geológico e paisagístico, partilharam tradições e, como veremos culturas, no seu sentido mais lato...

A área de Reguengos de Monsaraz localiza-se na extremidade Este do distrito de Évora, abrangendo essencialmente o substrato antigo, formação que nesta área é vulgarmente denominada por Maciço de Évora que se caracteriza por apresentar uma grande diversidade de formações e de intrusões eruptivas de natureza granítica, como é o caso dos maciços de Reguengos (Carvalhosa, 1983: 206). Esta geologia encontra-se integrada na zona da Ossa-Morena, na grande unidade peninsular que é o Maciço Hespérico.

No que diz respeito à orografia o Alentejo é dominado por três conjuntos, a serra d' Ossa, a NW, a serra do Mendro, a Sul e a serra de S. Mamede, a Norte. Trata-se de importantes pontos de controlo da paisagem, pelo domínio que possuem sobre as áreas envolventes. A presença de povoados pré e proto-históricos, nos pontos mais elevados destas serras, atesta a sua importância estratégica, para estas comunidades.

Em relação à topografia, as áreas graníticas caracterizam-se, regra geral, por apresentarem relevos moderados devido à boa conservação das superfícies de erosão nos interflúvios, com vales abertos de fundo aplanado.

No que diz respeito ao clima e de um modo geral, podemos referir a existência de grandes contrastes térmicos entre o Inverno e o Verão, devido às elevadas temperaturas atingidas no Verão e às baixas (por vezes negativas), no Inverno (Daveau, 1985).

Em termos hidrográficos o concelho de Reguengos encontra-se integrado na bacia hidrográfica do rio Guadiana que, se por um lado podemos considerar como uma barreira física natural (no sentido E/W, pelo menos nalguns locais) é, por outro, um eixo de ligação/passagem e comunicação com o litoral algarvio e com o Mediterrâneo. Apresentando nalguns pontos do seu curso um encaixe mais ou menos significativo, com um relevo relativamente movimentado, sobretudo nas áreas xistosas, tem na área do actual concelho de Reguengos de Monsaraz (antes da construção da barragem do Alqueva) um leito tendencialmente mais amplo, com abundantes afloramentos graníticos na envolvente, nos quais se fixaram núcleos de populações neolíticas.

A vegetação desta região é diversificada, apresentando nalgumas áreas mata de cariz mediterrânico. Na Corografia Portuguesa do séc. XVIII, refere-se que as principais produções, na área de Monsaraz, eram o pão, a caça, o gado, algum azeite, muitos montados, colmeias e peixe do rio Guadiana (Costa, 1708:517)

O caminho natural entre o Alentejo e o Litoral faz-se através de uma paisagem relativamente aberta, de relevo suavemente ondulado. A área de Évora é, curiosamente, o ponto de contacto das três principais bacias hidrográficas do Sul de Portugal (Tejo, Sado e Guadiana) mas também de ligação às duas áreas litorais com importantes núcleos populacionais únicos no território português, os concheiros mesolíticos, presentes nos estuários do Tejo e do Sado.

Mas, seguindo em frente, pelo festo, chega-se também a um dos dois pontos onde a terra mais se projecta pelo mar dentro em Portugal, o cabo Espichel, onde *“as marcas da ocupação humana tornam-se mais ténues e raras, como se esta se degradasse antes de atingir os limites impostos pela natureza (.../...) durante o dia ia-se até lá cumprir obrigações rituais, mas deixava-se discretamente a noite aos deuses que ali reuniam: quanto muito assistia-se, de uma povoação vizinha, ao ocaso do Sol...”* (Ribeiro, 1998: 105).

A cadeia montanhosa da Arrábida é um elemento que, do ponto de vista paisagístico se destaca e se impõe visualmente por terra e por mar. A cadeia, composta por uma série de montanhas, tem uma extensão de cerca de 35 km, num alinhamento ENE-WSW, por 6 km de largura média, sendo formada por sequências sedimentares carbonatas

e margosas por vezes intercaladas com unidades detríticas, de idade Mesozóica. Sobre estas sobrepõem-se outras formações, sobretudo detríticas ou carbonatadas de ambientes marinhos, de idade Cenozóica (Ribeiro, 1937;Marçal e Martins, 2005).

Do ponto de vista da geologia a Arrábida apresenta uma grande diversidade e complexidade, com falhas normais, acidentes tectónicos, deformações, cavalgamentos, anticlinais, entre outras (Marçal e Martins, 2005).

Nas formações carbonatadas das Bordaduras Ocidental e Meridional ocorre a formação de um grande número de grutas e abrigos (Real, 1987).

Esta cadeia montanhosa tem altimetrias que variam entre os 500m, no alto do Formosinho, e os 215m, da serra de Setúbal. Destaca-se ainda a serra do Risco, com 380m, por se tratar da maior falésia sobre o mar em Portugal continental e também a maior escarpa carbonatada da Europa (Marçal e Martins, 2005).

As áreas envolventes apresentam um relevo mais suave, do Pliocénico e Quaternário (Ribeiro, 1937).

A flora da Arrábida conjuga três tipos distintos: a atlântica, a mediterrânica e a macaronésia – flora típica das ilhas do Atlântico, dos Açores a Cabo Verde. Esta diversidade atesta o seu valor científico e natural pelo que foi criado um Parque Natural da Arrábida, que engloba uma parte dos concelhos de Sesimbra, Setúbal e Palmela, e à sua inclusão na Rede Europeia de Reservas Biogenéticas (Conselho da Europa).

Nas áreas mais altas e agrestes predomina a vegetação espontânea, própria das áreas calcárias, enquanto nos vales interiores e planícies circundantes, predominam as charnecas e os pinhais, bem como alguma agricultura (*Idem, Ibidem*).

Nas Memórias Paroquiais de 1758 refere-se que a produção desta região era, à época, o vinho e o azeite, com maior abundância, pouco trigo, algum milho e feijão e, em relação aos frutos, que existia de tudo um poço, mas com maior abundância os abrunhos¹.

Na realidade, as duas áreas em apreço comungam algumas culturas, como a vinha e a oliveira. Apesar de distintas em termos geológicos e pedológicos as espécies vegetais existentes, na actualidade, são as que melhor se adaptam a condições de maior calor e secura, como o sobreiro, a azinheira, o pinheiro manso, o medronheiro, o alecrim, a alfazema, a esteva, o rosmaninho, a piteira e figueira-da-índia, entre outras (Medeiros, 1987).

¹ <http://digitarq.dgarq.gov.pt/?ID=4239121>

Mas, ao contrário do Alentejo que no verão deixa de ter pastagens, na Arrábida “ *a fraca humidade do verão permite o desenvolvimento de xerófitos, mas não seca excessivamente a erva, que em todo o ano fornece ao gado caprino e lanígero pascigo abundante*” (Ribeiro, 1937:100)

Na Arrábida, como no Alentejo, os arvoredos e as matas cerradas conservaram-se até ao séc. XVIII, onde abundava a caça (javali, veados, coelhos) e também alguns animais selvagens (lobos e ursos).

5. História da Investigação Arqueológica

5.1. De Sesimbra a Reguengos de Monsaraz

“Enquanto para alguns a aventura da descoberta se ia esgotando, outros procurávamos, então, compreender e agrupar, unicamente por intuição, o que à superfície íamos recolhendo, porque na região não havia bibliotecas nem quem nos pudesse esclarecer”

Oliveira, 1997: 31

A investigação arqueológica, quer em Sesimbra quer em Reguengos de Monsaraz, sobre os contextos funerários do Neolítico/Calcolítico remontam ao início da segunda metade do século XX.

Em Sesimbra este estudo foi iniciado por Eduardo da Cunha Serrão, nos 50 do século XX, com a identificação e escavação da Lapa do Fumo (Serrão, 1973) e posteriormente da Lapa do Bugio (Monteiro e Serrão, 1959), tendo os trabalhos arqueológicos deste sítio sido concluídos, posteriormente, por Rafael Monteiro e Octávio Veiga Ferreira (Monteiro *et al*, 1971).

Em 1972, Octávio da Veiga Ferreira e Georges Zbyszewski, no decurso do levantamento para a Carta Geológica de Setúbal, identificaram o monumento da Roça do Casal do Meio, tendo a sua escavação ocorrido nesse mesmo ano com a colaboração de K. Spindler. Trata-se de um monumento de falsa cúpula, de planta circular, que continha no seu interior o enterramento de dois indivíduos cuja cronologia, com base na cultura material, apontava para o Bronze final (Spindler *et al*, 1973-1974). Esta proposta foi recentemente revista, tendo sido colocada a hipótese de se tratar de um *tholos* (Cardoso, 2005; Harisson, 2007)

No final dos anos 80 do século XX, no âmbito do levantamento arqueológico do Parque Natural da Arrábida, Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, num estudo direccionado para uma leitura da ocupação humana na cordilheira da Arrábida, desenvolveram novos trabalhos arqueológicos de prospecções, pontuais, na área em estudo, identificando novos sítios e divulgando jazidas arqueológicas como o Picoto, Zambujal ou a Fonte de Sesimbra, contribuindo para a identificação de povoados,

informação arqueológica, até aí mais “esquecida”, nas investigações realizadas (Silva e Soares, 1986; Soares *et al*, 1979)

Na última década do século XX, João Luís Cardoso publica o estudo da Lapa do Bugio, estação arqueológica identificada em 1957, mas que, por vicissitudes várias, não havia sido convenientemente estudada no seu conjunto (Cardoso, 1990). O trabalho realizado por este investigador, com a recolha de dados dos cadernos de campo e estudos dos materiais, veio colmatar uma lacuna na investigação arqueológica desta área, permitindo uma interpretação mais completa desta importante jazida arqueológica. Posteriormente, efectua a escavação e estudo da Lapa da Furada (Cardoso, 1995).

Nos últimos anos do século XX, primeiros do século XXI, Rosário Fernandes e Leonor Rocha, iniciam o acompanhamento dos trabalhos de prospecção espeleológica efectuados pelo NECA e do qual havia resultado a descoberta de um novo conjunto de cavidades naturais com ocupação humana, em particular com contextos funerários enquadráveis na pré-história recente (Rocha e Fernandes, 2008; Fernandes e Rocha, 1999).

No que diz respeito ao Alentejo Central, mais especificamente ao território de Reguengos de Monsaraz, o estudo sistemático dos contextos funerários desta área tem o seu início com os trabalhos de identificação, inventariação e escavação dos monumentos megalíticos efectuado por Georg e Vera Leisner, nos anos 40 do século XX. A sua publicação, é o culminar de um árduo e profícuo trabalho, com a inventariação de 134 monumentos, entre antas e tholoi e a escavação (e estudo) de várias dezenas deles (Leisner e Leisner, 1951; 1959).

Nas décadas de 60 e 70, desse mesmo século, continuaram os trabalhos de levantamento e inventários de monumentos megalíticos da região, efectuados por Henrique Leonor Pina e José Pires Gonçalves, que identificaram, sobretudo, menires e recintos megalíticos (Pina, 1962).

A partir da segunda metade dos anos 80 do século XX, Victor Gonçalves inicia um novo projecto de investigação nesta área que visava a revisão sistemática dos trabalhos anteriormente desenvolvidos e a escavação de novos monumentos.

Este trabalho acrescentou algumas análises espaciais (implantação dos monumentos megalíticos e intervisibilidades), complementando o espaço da morte, com o espaço dos vivos, ao identificar e estudar o povoamento com correlação cultural e cronológicas às antas e *tholoi* da região, visando a compreensão da emergência e transformação do megalitismo de Reguengos (Gonçalves, 1992; 1995a; 1995b, 1999; 2000; 2002b; 2003a; 2003e; Gonçalves e Sousa, 1997; 2000).

Nos finais da década de 90, do século XX, António Valera e Miguel Lago iniciam os estudos do Povoado dos Perdigões (Valera *et al*, 1998) e em particular, no caso que para este estudo interessa, dos *tholoi* associados. Este trabalho tem vindo a revelar um contexto funerário que, embora semelhantes a outros deste concelho, do ponto de vista morfológico do monumento, (os *tholoi* identificados encontram-se associados a antas, noutros pontos de Reguengos) apresentam algumas especificidades não só por se encontrarem em clara associação espacial a um povoado, mas também do ponto de vista artefactual, uma vez que apresentam espólios mais diversificados, mas que comprovam relações com outras áreas geográficas, nomeadamente a Estremadura e o Mediterrâneo. (Dias *et al*, 2008; Odriozola *et al* 2008; Valera, 2010).

No final dos anos 90 do séc. XX e início do século XXI, com o projecto de salvaguarda de sítios arqueológicos na área de Reguengos do regolfo do Alqueva, efectuaram-se várias intervenções em contextos funerários, pese embora os resultados não tenham acrescentado respostas a muitas das questões, permitiram contudo uma leitura mais sistemática e em particular uma melhor caracterização dos conteúdos, destes contextos funerários.

6. Da Arrábida ao Alentejo...

“Aquilo que, bem ou mal, se vem designando por Centro e Sul de Portugal corresponde na realidade a 3 realidades geográficas distintas, para as quais seria aprioristicamente defensável ver correspondências na natureza da ocupação humana aí detectadas. Mas, como sabemos, nem sempre o aprofundar da pesquisa é compatível com certas generalizações prévias...”

(Gonçalves, 2003d:).

Ao longo do último século, a tentativa de compreender e explicar as sociedades produtoras baseou-se num primeiro momento (em parte pela falta de ferramentas disponíveis) no estudo, classificação e tipificação dos elementos artefactuais presente nas estações arqueológicas, do qual resultou a caracterização em muitos casos dos contextos arqueológicos pelos chamados horizontes, assumindo assim alguns artefactos a função de fósil director, a sua presença no espólio arqueológico, enquadrava cultural e tecnologicamente o sítio em estudo. Com a introdução das datações de Carbono 14 foi possível um enquadramento cronológico medido em tempo, com representação numérica real, confirmando que a realidade era mais complexa que a simples presença ou ausência de determinado(s) elemento(s). Contudo, a ocorrência do chamado “fósil director” também não foi totalmente refutada, passou a ser apenas menos enfatizada, permitindo enquadrar mas não determinar.

De facto, para além da presença, num determinado período de tempo, mais ou menos longo, é necessário ter em conta que a representatividade numérica, em particular quando associado à matéria-prima de suporte é, para muitos artefactos, o primeiro elemento da caracterização do seu enquadramento regional de origem. Implicitamente a dispersão geográfica dos artefactos deixa antever dois factores: 1) a existência de trocas entre áreas, atestada pela presença de artefactos sob suportes (matéria-prima) inexistentes no território onde a jazida se situa; 2) que as populações que promovem essas trocas, comungam das mesmas referências culturais, em particular quando essa cultura é expressa através de elementos simbólicos, linguagem que implica descodificação (Leach, 1976).

No registo arqueológico das regiões em análise, Arrábida e Alentejo, tem-se verificado a presença, a nível da componente material, de artefactos que comprovam a existência de trocas; é o caso, por exemplo, da presença de artefactos em sílex no Alentejo e de machados de anfibolite e placas de xisto, na Arrábida. Naturalmente que esta análise deve ser matizada por dois aspectos que, no estado actual dos nossos conhecimentos, nos impede de perceber/contextualizar melhor estas dinâmicas: 1) a existência de blocos de sílex, em algumas linhas de água; 2) a inexistência de um mapeamento preciso, em termos geológicos, de eventuais filões de xisto e anfibolitos, nas áreas em apreço.

É também plausível supor que as trocas não ocorrem apenas no campo material mas igualmente no plano cultural e mental. A presença de um ídolo de calcário ou de conchas (elementos de adorno pessoal), numa anta de Reguengos ou de uma placa de xisto, numa gruta de Sesimbra, tratando-se de peças ideotectónicas, possuem simbolismos, cuja leitura teria de ser partilhada pelas comunidades humanas destas duas regiões.

Os trabalhos desenvolvidos em Sesimbra, por Cunha Serrão e colaboradores inscreveram desde o primeiro momento, as grutas naturais desta região, seus espólios e rituais nos contextos funerários do Alentejo. A descoberta e escavação da Lapa do Fumo (Serrão, 1967,1975) e da Lapa do Bugio (Monteiro, 1953; Cardoso, 1992), fomentou uma leitura de integração cultural, tecnológica e cronológica entre os dois territórios, que os estudos mais recentes dos hipogeus do Casal do Pardo, Palmela, (Soares, 2003) continuam a reforçar.

Na investigação arqueológica em Portugal aceita-se a terminologia de Centro e Sul de Portugal, como uma área supra – regional por onde circulam materiais que parecem expressar-nos a comunhão de princípios e práticas sociais, económicas, tecnológicas mas principalmente culturais e mágico - religiosas, atestadas em particular nos contextos funerários do IV e III milénio a.C. que, não sendo exclusivas destes territórios, nele parecem marcar presença em maior simbiose (Gonçalves, 1993; Serrão, 1975). Mas, se as semelhanças parecem ser irrefutáveis, em particular nos contextos funerários, uma leitura um pouco mais atenta dos mesmos, também apresenta diferenças significativas do ponto de vista estrutural entre as ditas realidades geográficas, realçando igualmente a diversidade de soluções dentro das respectivas “unidades regionais”. Esta leitura parece ser tanto sincrónica como diacrónica, isto é, se por um lado temos opções arquitectónicas, como é o caso das antas, cujas plantas, dimensões e espólios se alteram, num desenvolvimento que parece corresponder a uma natural sequência evolutiva, outros casos há, em que tempo e o espaço não explicam a persistência de determinada opção ou a sua ausência.

Os trabalhos desenvolvidos nos últimos anos tanto no Alentejo, como na Baixa Estremadura têm acentuado as múltiplas escolhas efectuadas pelas comunidades agro - pastoris quer para o mundo dos vivos quer para o mundo dos mortos. Na verdade, se para os contextos funerários já se conheciam várias opções arquitectónicas sepulcrais, como grutas naturais, antas, grutas artificiais e *tholoi* (já para não falar da diversidade tipológica dentro de quase todas estas tipos de arquitecturas), foi ao nível do povoamento que o leque de soluções quer de implantação, quer arquitecturas mais se acentuou, sendo o caso do povoado dos Perdigões, um dos exemplos mais interessantes.

Os projectos de investigação e os trabalhos arqueológicos realizados no âmbito de medidas de minimização de impactes, nas últimas décadas em Portugal, vieram demonstrar que as comunidades do IV e III milénio a.C., apresentavam uma grande diversidade de soluções e opções, quer no mundo dos vivos, quer no dos mortos.

7. Da Arrábida...

“As sepulturas estão gastas por fora pelos passos dos vivos e por dentro pelo esforço dos mortos”

Raúl Brandão, 1917: 23

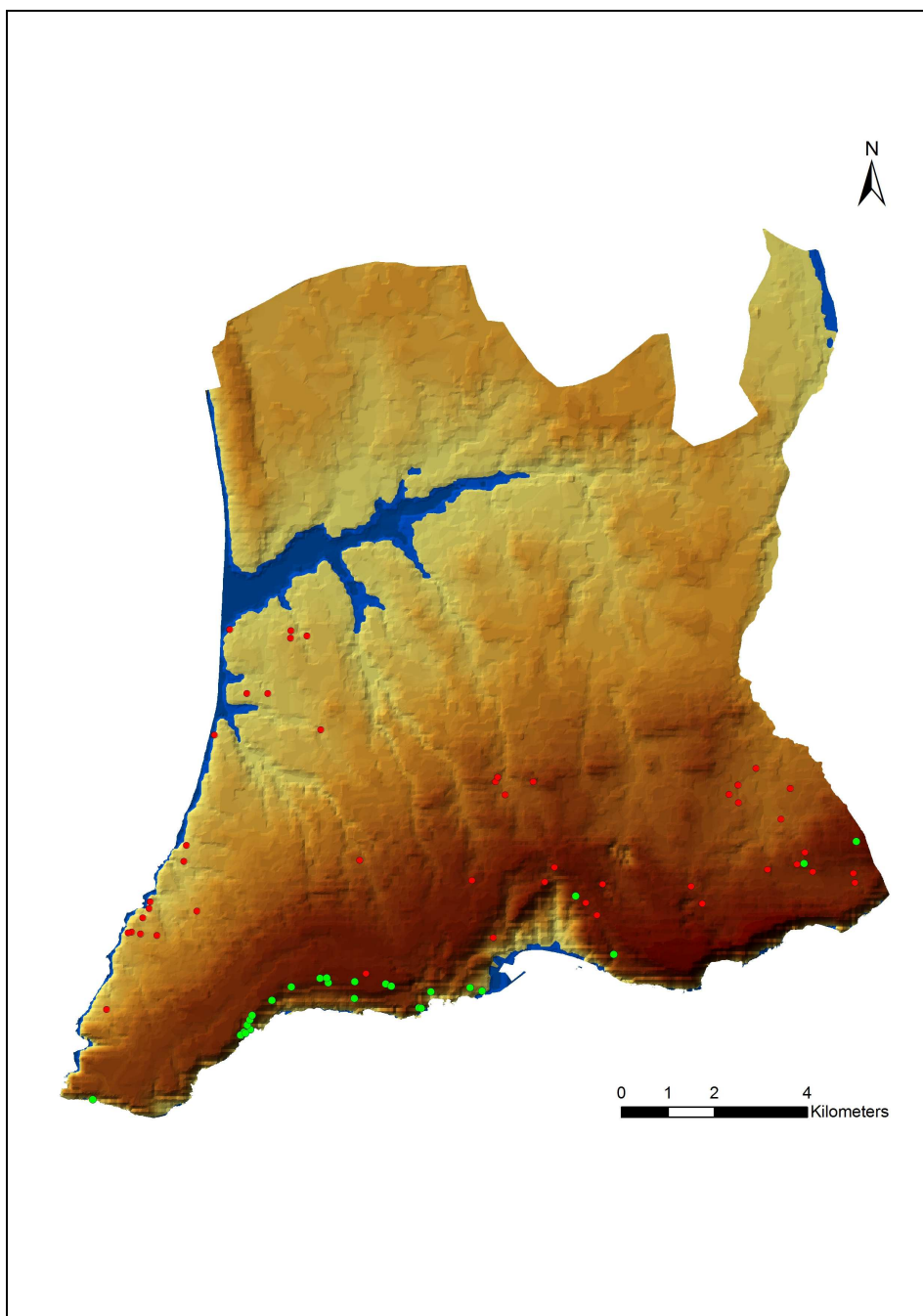


Ilustração 2. Sítios de Sesimbra. Grutas (verde) e povoamento (vermelho)

7.1. As arquitecturas funerárias – o invólucro

Um dos aspectos que as comunidades humanas da pré-história recente parecem ter dado particular atenção, foi o papel que atribuíram aos seus mortos, patente no registo arqueológico pelas práticas funerárias e rituais, inseridas num invólucro que, no Ocidente peninsular se apresenta com várias configurações, normalmente designadas por antas ou dólmen, *tholoi*, grutas naturais, grutas artificiais ou hipogeus.

A esta diversidade de soluções arquitectónicas deveria corresponder alguma ordem cronológica, evolutiva ou então de opções de ordem geológica, que deveriam ser facilmente perceptíveis; no entanto, a sua compreensão tem sido uma missão quase impossível, devido à grande variabilidade existente e também porque o que podemos estudar é o somatório de um número indeterminado de utilizações, quando não apenas uma, a última. Ainda assim, alguns autores têm defendido, de forma mais ou menos explícita, uma sequência na introdução das diferentes arquitecturas, em que os pequenos monumentos sem corredor seriam os monumentos mais antigos, seguidos das antas de corredor, grutas artificiais e *tholoi* (Cardoso, 1995; Gonçalves, 1999 e 2003, Rocha, 1997 e 2005), realçando, no entanto, que se tratam de estruturas com uma longa utilização e onde os construtores, bem como os posteriores utilizadores do monumento, enterraram os seus mortos.

Fora destas diacronias arquitectónicas ficam, naturalmente, as grutas naturais. Não foram construídas mas apenas foram escolhidas e amplamente utilizadas.

7.1.1. As grutas naturais

As grutas naturais possuem um importante papel ao longo da história da humanidade, pela sua contínua utilização, assumindo diferentes funções na vivência do homem, desde abrigo, necrópole a santuário.

Uma das funções atribuídas pelas sociedades humanas às cavidades naturais foi o de local para deposição dos seus mortos. Esta escolha ocorre um pouco por todo o planeta, desde a Pré-história até à época actual (ainda se pratica, por exemplo, em algumas das ilhas do Pacífico), desde que o substrato geológico permita a formação de cavidades cársticas, mais ou menos perceptíveis na paisagem e que, no caso da Pré-história, se enquadrem, no quadro mental e religioso destas comunidades.

No território português, a valorização das cavidades naturais no plano mágico religioso, associado aos contextos simbólicos da morte, está muito bem definido nas primeiras sociedades agro - pastoris. Numa rápida leitura à listagem de cavidades naturais, com vestígios arqueológicos, que constam na base de dados do Endovélico, verificamos que o número de grutas, em que os contextos funerários ocorrem, representa cerca de oitenta por cento, o que parece demonstrar a importância destes espaços no quadro mental destas antigas comunidades, importância essa que se mantém por quase quatro milénios, atravessando contextos económicos e culturais díspares, desde as comunidades do Neolítico antigo até às da Idade do Bronze.

Mais circunscrita é contudo a sua área de implantação, uma vez que a sua presença está condicionada à existência de substrato geológico muito particular, nomeadamente a presença de rochas carcificáveis. A sua presença, pode ocorrer, ainda que raramente, em granitos e basaltos.

Nos terrenos mesozóicos da Bacia Lusitânica e Bacia Algarvia, onde se encontram os maciços calcários de Sicó – Alvaiázere e Estremenho, as Serras de Montejunto, Arrábida e do Barrocal algarvio, bem como Portunhos – Ançã, Cesareda, Alenquer, Pêro Pinheiro e Cascais, áreas onde o endocarso apresenta amplo desenvolvimento (Crispim, 2007), encontramos um elevado número de cavidades naturais utilizadas como necrópoles, apresentando a área mais setentrional do Maciço Calcário Estremenho o número mais elevado de enterramentos em gruta.

Os calcários do miocénico, também apresentam uma carsificação superficial, onde ocorrem algumas grutas (Crispim, 2007), como é o caso na Bacia do Tejo, da Lapa da Galinha e Gruta da Marmota e, no litoral, as lapas de Santa Margarida e a da Figueira-brava, em Setúbal.

Não parece existir um padrão claro na escolha das grutas, mas ainda assim constata-se que as cavidades naturais utilizadas, em contextos funerários, possuem quase sempre um desenvolvimento horizontal ou semi-horizontal a partir da entrada, e quando esta se efectua em poço ou algar, estes são, regra geral, pouco profundos. Igualmente os espaços utilizados são quase exclusivamente galerias fósseis, mesmo que integrem sistemas cársicos mais desenvolvidos e ainda activos como é o caso do Almonda. Quanto à dimensão e ocupação das salas ou galerias, não se regista igualmente, em termos gerais, nenhum padrão; tanto podem ser grutas extensas, como a do Algar do Bom Santo onde a área de dispersão dos vestígios osteológicos se dispersa por várias salas (Duarte, 1998), em mais de 200m² ou, mais reduzidas, embora ainda com dimensões consideráveis, como a

Lapa do Fumo (Sesimbra) com cerca de 80m de comprimento linear, mas onde os enterramentos parecem concentrar-se maioritariamente junto da entrada (Serrão, 1971). Regista-se ainda a utilização de pequenas diáclases, como local de enterramento, como em Rio Seco (Tereso *et al*, 2006).

A perceptibilidade, na paisagem, destas necrópoles é muito reduzida (Boaventura, 2009), sendo a sua visibilidade maioritariamente no local, apenas junto da entrada. Em Sesimbra, por exemplo, a maioria das grutas encontra-se camuflada pela vegetação de cariz mediterrânico apesar de, por vezes, as suas aberturas de situarem junto a afloramentos com alguma notoriedade sendo facilmente reconhecível a sua localização, para quem conhece a sua existência (é o caso, por exemplo, da Lapa do Fumo ou da Lapa dos Pinheirinhos 1). Outras, pelo afeiçoamento da entrada da cavidade ou pela sua implantação em escarpas, são claramente visíveis. Noutros casos parece ainda existir um monólito associado à entrada da gruta, a assinalá-la, como a Vermelha dos Ruivos, segundo os seus escavadores (Boaventura, 2009; Leitão *et al*, 1084 *apud* Boaventura, 2009).

É possível ainda admitir a associação de cavidades a relevos destacados na paisagem (Boaventura, 2009) por parte das populações pré-históricas. No entanto, a associação de relevos destacados a grutas/abrigos depende das condições geológicas, pelo que, apenas com um registo sistemático de todas as cavidades cársticas, com e sem ocupação humana, se poderá vir a analisar e estudar estatisticamente esta questão.

No estado actual dos nossos conhecimentos não podemos afirmar, com toda a certeza, que perante duas cavidades cársticas disponíveis numa dada área, foi utilizada a que se encontrava associada a um relevo destacado na paisagem, em detrimento de outra, cuja entrada se encontrava oculta/invisível.

7.1.2. As grutas de Sesimbra

A área de Sesimbra apresenta um conjunto já significativo de cavidades cársticas identificadas, umas com ocupação antiga, outras sem qualquer utilização.

Uma das primeiras grutas a ser referida na bibliografia (e embora não se localize no actual concelho de Sesimbra, implanta-se igualmente na vertente sul da Arrábida) é a Lapa de S. Margarida, identificada nas Memórias Paroquiais de 1758 como “*hua concavidade digna de admiração, em que esta o altar da sancta*” referindo ainda de seguida que “*entre a dita Lapa caminhando para a parte da Fortaleza tem algumas (...) concavidades junto*

*ao caminho muito perigosas donde há noticia morreo um religioso Arrabido, a que chamavam Alcanty, que são como poços estreitos e que communicam ao mar*²

As lapas do Fumo e do Bugio (Cardoso, 1992), escavadas por Eduardo da Cunha Serrão e Rafael Monteiro, respectivamente, a partir dos finais da década de 50 do séc. XX e, mais recentemente a escavação da lapa da Furada, por João Luís Cardoso, todas no planalto do Espichel, tornaram esta região conhecida a nível nacional e internacional, pela importância dos contextos funerários da Pré-história recente, identificados.

As prospecções espeleológicas realizadas a partir da última década do séc. XX, pelo NECA a que se juntou, no início do séc. XXI, o CEAE/LPN permitiram aumentar substancialmente o número de cavidades conhecidas, muitas delas com ocupação humana. De realçar que este conjunto de grutas se encontra implantado, *grosso modo*, numa estreita faixa geológica de calcários do jurássico, nos denominados calcários de pedreiras (J2p).

O conjunto de grutas inventariado resulta de projectos de investigação que foram realizados na última década do séc. XX/ primeira década do séc. XXI, uns directamente vocacionados para a arqueologia, como os de João Luís Cardoso (PNTA/2002; PNTA/2003 – Povoado Pré-histórico de Sesimbra), de Rosário Fernandes e Leonor Rocha (PNTA/99 – Investigação Arqueológica do Concelho de Sesimbra) e, mais recentemente, o projecto de Carta Arqueológica de Sesimbra (PNTA/ 2007), da responsabilidade de Leonor Rocha, Rosário Fernandes, Manuel Calado e Luís Gonçalves (AAVV, 2009).

Não constam desta lista as cavidades cársticas cujos contextos apontam para cronologias que não se encontram abrangidas no âmbito deste trabalho. No entanto, por ter consciência que, para a maior parte dos sítios, esta atribuição cronológica se baseia nos dados de superfície e que algumas delas podem ter uma longa sequência de ocupação, apresento no final deste ponto um quadro síntese com as que não foram tratadas de forma mais pormenorizada, como referi anteriormente.

² <http://digitalq.dgarq.gov.pt?ID=4239121>

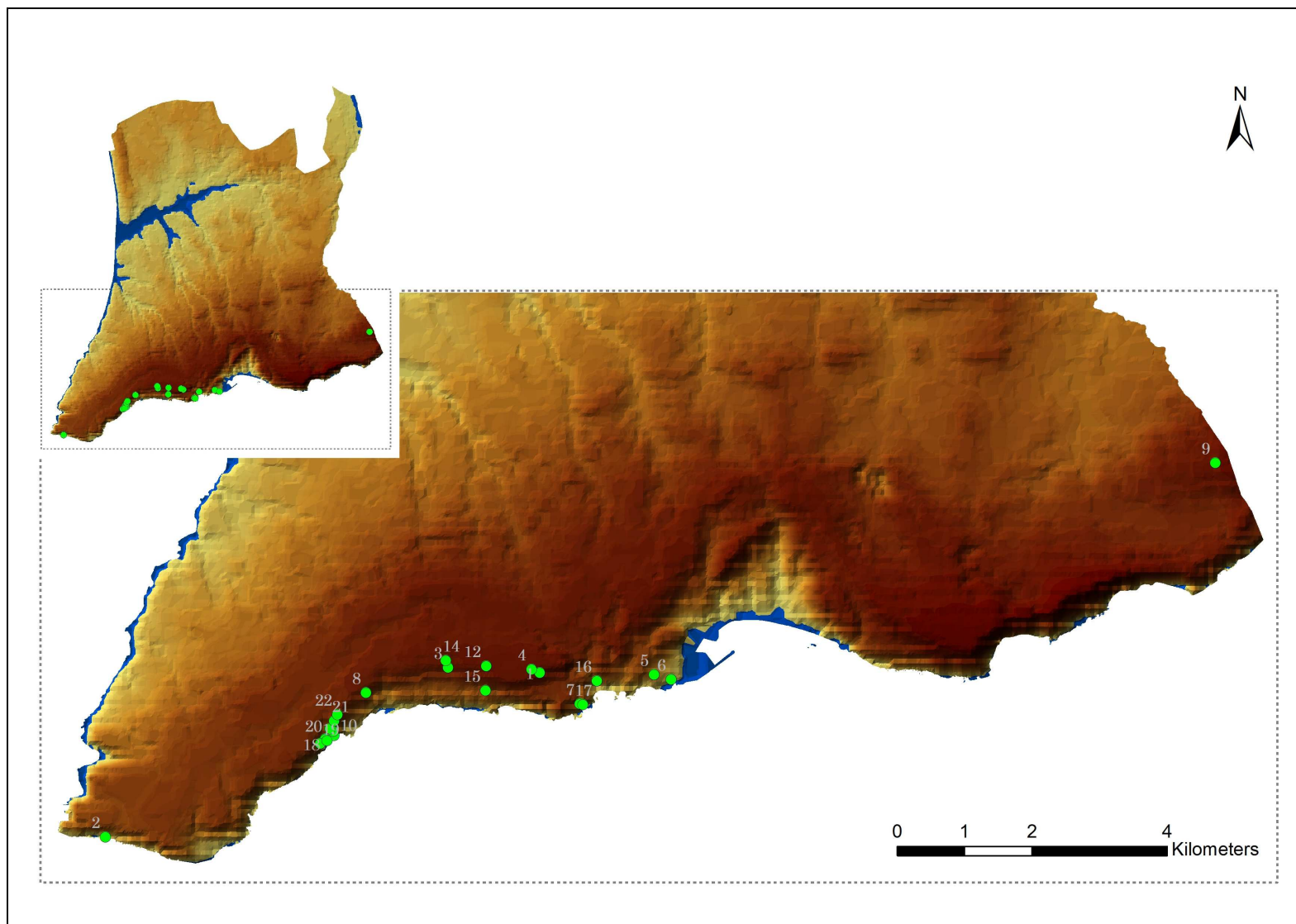


Ilustração 3. Grutas de Sesimbra. 1-Fumo; 2- Páscoa; 3- Burro; 4- Sapo; 5- Forte do Cavalo/Cabras; 6- Forte do Cavalo A e B; 7- Withania; 8- Jerónimo; 9- Nazaré/Ovelha; 10- Janela 3; 11- Janela 2; 12- Pinheirinhos 1; 13- Janela 1; 14-Sono; 15-Pinheirinhos 2; 16-Ribeira do Cavalo; 17-Euphorbia; 18-4 de Maio; 19-Vale; 20-Corvos Marinheiros; 21-Bugio; 22-Piolho/Furada.

Grutas do Forte do Cavalo A e B (destruídas)

Localização

M: 114000; P: 163500. Altitude: 30m

CMP: 1/25000; Fl. 464

Tipo

Gruta

História do sítio

Na enseada de Sesimbra, mais concretamente entre o Forte do Cavalo (distanciando-se deste cerca de 200m, para NNE) e uma zona que os habitantes locais designam de “Prainha”, foram identificadas em Outubro de 1958, de forma accidental, duas pequenas cavidades naturais, designadas por grutas do Forte do Cavalo A e B. O seu descobridor comunicou o achado à Câmara Municipal de Sesimbra que solicitou a intervenção de Eduardo da Cunha Serrão e Rafael Monteiro; nessa data os investigadores limitaram-se a recolher o espólio, constituído maioritariamente por pedra polida.

A projectada intervenção arqueológica acabou por nunca se chegar a realizar uma vez que, em Setembro de 1961, no decurso das obras de alargamento do Porto de Abrigo, a encosta onde se localizavam estas duas cavidades foi destruída (Serrão, 1967).

Descrição

Com base nos dados que dispomos, tratava-se de uma cavidade, aparentemente natural, com um desenvolvimento horizontal. A configuração que apresentava à data da sua descoberta, duas grutas, seria resultado de uma destruição parcial, possivelmente aquando da abertura da estrada que liga o centro da vila de Sesimbra ao porto de abrigo.

A gruta A era uma pequena sala, à qual se acedia por um baixo e curto corredor em rampa descendente, situando-se a sala num nível mais abaixo, tendo aproximadamente 8m de comprimento por 5m de largura. No seu interior encontraram-se ossos humanos cobertos por um manto de calcite (*Idem, Ibidem*).

A descrição da gruta B é ainda mais sumária, referindo-se apenas que a sala se encontrava próxima da entrada e seria de dimensões mais reduzidas do que A.

No âmbito deste trabalho não foi possível relocalizar o local.

Contexto arqueológico

Com base nos dados recolhidos e informação publicada (Serrão, 1967), tratava-se de um contexto funerário, uma vez que entre o espólio recolhido existiam restos osteológicos humanos e um conjunto de artefactos composto por pedra polida e pedra lascada.

Na gruta A, encontrar-se-ia ossos humanos cobertos de calcite, embora não sendo explícito que a recolha foi efectuada neste espaço, é referido que foram retirados do chão da gruta, dois pequenos blocos de calcite que envolviam fragmentos de ossos longos, agrupados.

Na gruta B foram recolhidos materiais de pedra polida e pedra lascada e restos de crânios humanos.

Esta (s) gruta (s) apresenta um dado interessante, o elevado número de artefactos de pedra polida: foram recolhidos um total de vinte e sete instrumentos de pedra polida (treze machados e catorze enxós). A total destruição, pouco tempo depois de descoberta, impediu a realização de trabalhos arqueológicos de escavação ou exploração metódica, resumindo-se os trabalhos realizados à recolha dos materiais e a um pequeno esboço, feito no local.

Apesar dos poucos dados disponíveis, mas atendendo à homogeneidade do espólio recolhido, foi tentado um enquadramento cronológico e cultural para estas duas cavidades (Serrão, 1967). O estudo centrou-se apenas na análise dos artefactos recolhidos salientando-se a presença do um número considerável de enxós e machados, dos quais se regista a presença de sete machados de secção oval (mais de 50%) com superfície rugosas, picotadas e apenas um com polimento no gume.

Segundo Cunha Serrão esta associação tinha paralelos com a cultura megalítica, em particular com as antas de corredor de Reguengos de Monsaraz, onde a presença deste tipo de artefactos é recorrente e em número significativo, sobretudo quando comparado com outras regiões (Serrão, 1967: 28).

Por outro lado, a presença destes artefactos na camada pré-campaniforme da Lapa do Fumo, reforça a cronologia proposta para o Neolítico devendo-se “...optar por uma cronologia não muito desviada da que se atribui aos monumentos megalíticos de Monsaraz...” (*Idem, Ibidem*: 32). Esta proposta é apresentada com as devidas reservas, em virtude da aparente ausência dos restantes artefactos que, em termos gerais, deveria conter o típico conjunto que caracterizaria o Neolítico de feição megalítica (*Idem, Ibidem*).

Embora reduzidos, os dados que dispomos para as Grutas do Forte do Cavalo A e B levantam algumas reservas, tendo em conta que o estudo assenta principalmente em

trabalhos de prospecção, *per si* sempre muito limitativos. Contudo o elevado número de artefactos de pedra polida suscita algumas questões, uma vez que, curiosamente, nos trabalhos de prospecção mais recentes efectuados em Sesimbra este tipo de espólio, quando ocorre, é em número muito reduzido (AAVV, 2009).

Na verdade a presença dos machados e enxós assume, nesta estação, uma representatividade considerável, mesmo para o contexto de uma gruta natural. Em termos gerais, este conjunto aparece, regra geral, nos contextos funerários do Neolítico (grutas naturais, grutas artificiais e antas), em contextos datados da segunda metade do 4º milénio (Gonçalves, 2003d; Boaventura, 2009).

Em relação à presença/ausência de outro espólio nestas grutas, em particular de recipientes cerâmicos, face à representatividade do espólio de pedra polida, algumas propostas são possíveis:

1) a probabilidade das cerâmicas estarem sob o manto de calcite, tal como anotado para alguns ossos, não tendo por isso sido recolhidas. Esta opção parece-me pouco plausível já que, em geral, em todas as grutas da Arrábida em que observei contextos arqueológicos, a cerâmica marca presença, de forma inequívoca. Por outro lado, poder-se-ia questionar também a razão dos machados e enxós não estarem também sobre o manto de calcite;

2) nos únicos dados publicados sobre esta estação é mencionado que as salas conhecidas poderiam ser parte de uma cavidade maior, parcialmente destruída (Serrão, 1967). Nesse caso, estes espaços poderiam ser, tal como ocorre noutras grutas, nichos onde foram colocados artefactos ainda no contexto da sua utilização como necrópole, quer o depósito resulte de deposições secundárias ou da necessidade de reorganizar o espaço, enquanto sepulcro.

3) por outro lado a ocorrência de contextos funerários neolíticos, cujo espólio assenta quase exclusivamente em artefactos líticos (machado, enxós e geométricos) poderá ser uma hipótese a considerar, embora neste caso falem os geométricos, que geralmente surgem nestes conjuntos, mas a sua ausência seria mais facilmente explicada pelas condicionantes da recolha.

Em todo o caso não é possível determinar com segurança (tanto quanto aquela que uma escavação arqueológica permite) qual o papel do espólio de pedra polida no contexto deste sítio arqueológico, podendo apenas apontar algumas hipóteses.

Materiais

Pedra polida: treze machados e catorze enxós;

Pedra lascada: uma lâmina de sílex e fragmento de outra.

Restos Osteológicos: calotes cranianas, maxilares inferiores, falanges, ossos longos indefinidos.

Malacofauna: valva de *Pecten maximus*

Cronologia

Neolítico

Bibliografia

Serrão, 1994: 68; Serrão, 1967: 24-32 e 33-39; Boaventura, 2009

Ilustrações

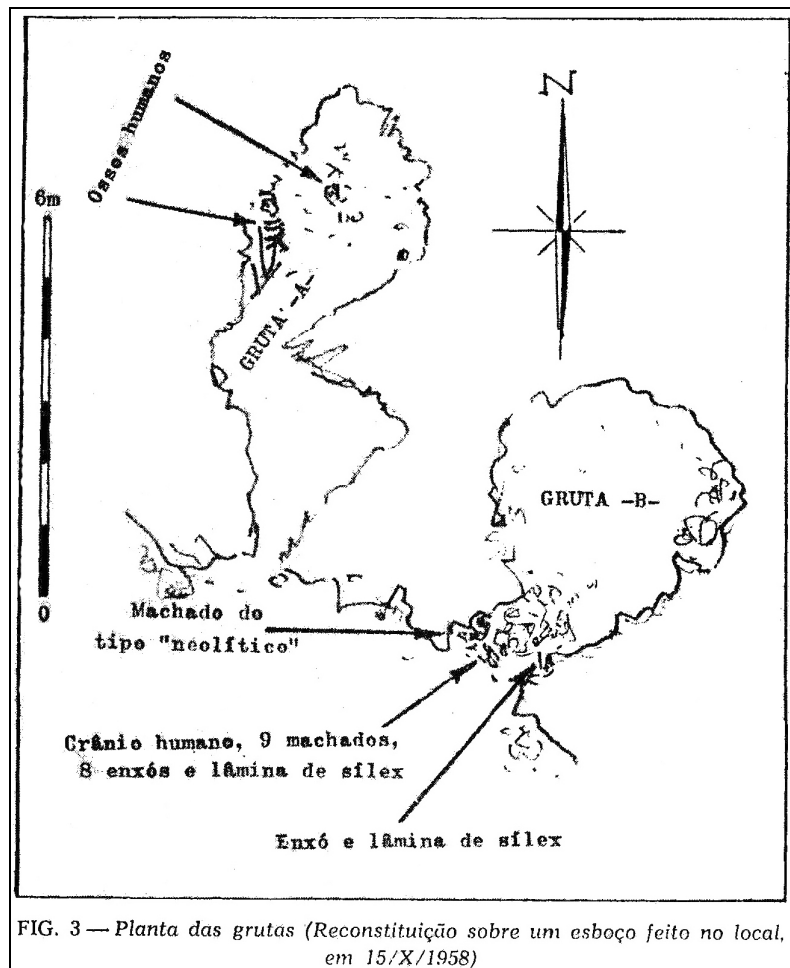


Ilustração 4. Planta das Grutas A e B do Forte do Cavalto, com indicação da localização do espólio recolhido (sgd. Serrão, 1967)

Designação: Lapa Forte do Cavalo / Lapa das Cabras

Localização

M: 113745; P: 163574. Altitude: 80m

CMP: 1/25000: Fl. 464.

Tipo

Gruta natural

História do sítio

Situa-se a poucos metros da estrada que liga o Porto de Abrigo à Pedreira do Zambujal, em plena Serra, nas Baterias, numa rechã aplanada

A Lapa do Forte do Cavalo / Lapa das Cabras é uma cavidade conhecida das populações que habitaram em Sesimbra, desde tempos imemoriais. No século XX e embora sem registos etnográficos que o comprovem, esta cavidade teria sido ocupada como abrigo ou mesmo curral, sendo visível o “manto” compacto de excrementos que cobre o solo da cavidade.

Em 1995, o NECA passa a incluir esta gruta na lista de cavidades da Arrábida, tendo as desobstruções por eles projectadas sido impedidas pela presença de abundante espólio arqueológico, em várias áreas desta cavidade. Adiada a exploração espeleológica, a gruta passa a ser utilizada como gruta escola para o ensino da espeleologia.

No final dos anos noventa é utilizada igualmente como cenário para as filmagens da série de televisão “Os Távoras”, que deixaram parte dos cenários *in situ*, bem como muito lixo do material usado para a construção dos mesmos, situação que ainda hoje é visível.

No âmbito do projecto de investigação para a revisão da Carta Arqueológica de Sesimbra, recolheu-se um conjunto de materiais arqueológicos que permitiu obter alguns dados sobre a sua cronologia.

Desde 2008, que esta cavidade está a ser alvo de um trabalho de escavação e estudo, por Tiago Pereiro, conforme consulta disponível na base de dados do Endovélico (IGESPAR), não foi contudo no âmbito deste trabalho, realizada qualquer leitura dos relatórios deste PNTA junto do IGESPAR.

Descrição

Gruta natural de galeria fóssil com desenvolvimento horizontal, possui cerca de 30m de comprimento, por 20m de largura, com o tecto parcialmente abatido, apresenta

uma altura de 10m aproximadamente, na zona cujo tecto ainda se encontra conservado e um desnível de -9m, sensivelmente. O acesso faz-se por um caos de blocos, que resulta, possivelmente, do abatimento do tecto.

A camada que compõe o solo da cavidade é compacta e de tonalidade castanha, apresentando inúmeros remeximentos que resultam da acção dos animais, mas o principal agente na perturbação dos sedimentos arqueológicos, nos últimos anos, tem sido o homem.

De salientar que esta é presentemente a maior cavidade com vestígios arqueológicos do concelho de Sesimbra e uma das maiores cavidades naturais da Serra da Arrábida.

Contexto arqueológico

No âmbito do projecto realizado em 2007, foi recolhido um conjunto de materiais arqueológicos que permitiu uma leitura mais atenta desta gruta (Carvalho, 2009; Conceição, 2009).

O estudo realizado permitiu atestar a intensa ocupação deste local, que terá ocorrido em várias épocas, sendo a cronologia mais antiga proposta, para a Idade do Bronze, seguindo-se a Idade do Ferro e os Períodos Romano, Islâmico e Medieval /Moderno. A localização junto a baía, fácil acesso e as grandes dimensões da cavidade, teriam sido factores importantes na escolha e utilização no passado.

Apesar dos materiais de superfície recolhidos apontarem para uma ocupação preferencialmente de habitat, foi recolhido um fragmento de calote craniana e um fragmento de taça carenada; estes dois elementos, só por si, não garantem a existência de uma ocupação do sítio na pré-história recente, e muito menos se pode afirmar que estamos perante contextos funerários, mas atendendo às características únicas desta cavidade no carso da Arrábida, a sua localização e proximidade com outros sítios arqueológicos como as Grutas A e B do Forte do Cavalo (Serrão, 1967), permite-me deixar em aberto a hipótese de existir uma ocupação da Lapa do Forte do Cavalo pelas primeiras sociedades produtoras, ficando por esclarecer em que contexto.

Materiais

Cerâmica: fragmentos de cerâmica de roda (e torno lento), pintada, vidrada; fragmento de taça carenada;

Restos osteológicos: fragmento de calote craniana.

Cronologia

Pré-História (?) Idade do Bronze, Época Romana, Época Medieval, século XV.

Bibliografia

Neca, 2005: 25; Carvalho, 2009; Conceição, 2009

Ilustrações

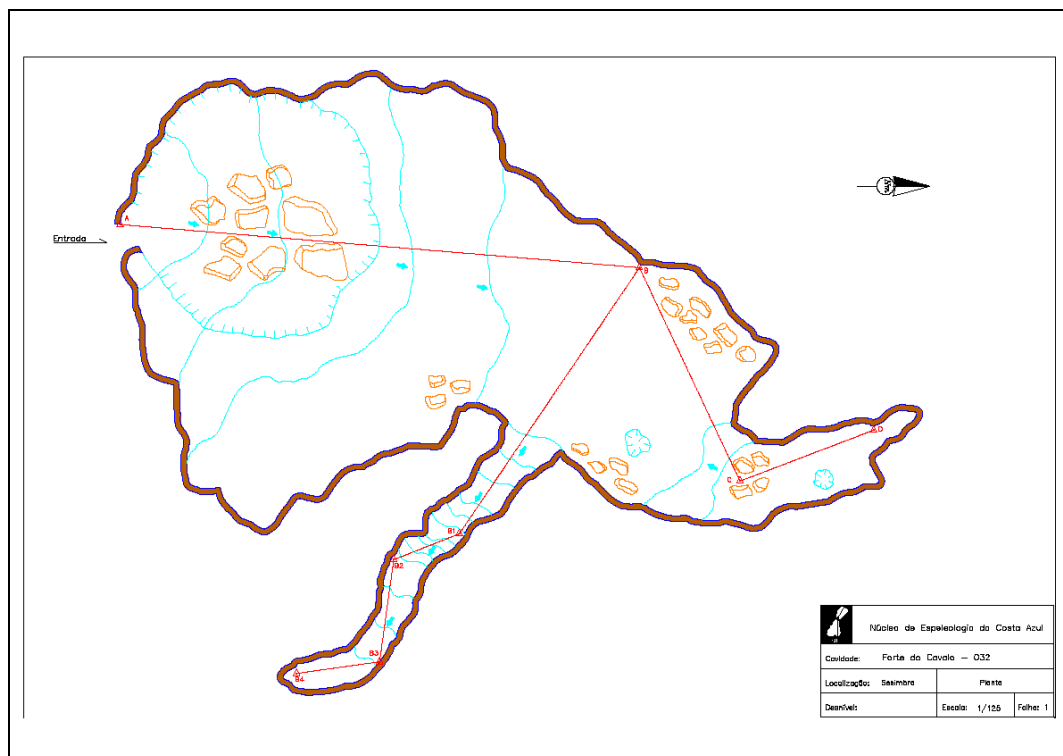


Ilustração 5. Planta do Forte do Cavalo. Sgd. NECA.

Designação: Lapa do Fumo

Localização

M: 112050; P: 163600. Altitude: 209m

CMP: 1/25000. Fl. 464

Tipo: Gruta natural

História do sítio

A Lapa do Fumo foi identificada por Eduardo da Cunha Serrão, em 30 de Agosto de 1956 (Serrão, 1971), iniciando a partir do verão de 1957, uma primeira série de escavações e prospecções nesta cavidade natural que se viriam a prolongar até 1960. Em termos metodológicos, a escavação foi realizada, pelo que se depreende através das publicações, por níveis artificiais (“grid system”) e a área intervencionada cingiu-se, apenas, a uma faixa junto da entrada da gruta (Serrão, 1978), onde foram implantados dois quadrados. Nas primeiras intervenções foram intervencionados apenas cerca de 20cm, tendo-se recolhido artefactos de cronologias variadas, com principal destaque para os *quirates* e para as cerâmicas de ornatos brunidos.

Após um interregno de quatro anos, devido à falta de meios considerados adequados para uma boa prática arqueológica (Serrão 1972), retoma os trabalhos em 1964 que prosseguiram, através de curtas campanhas, até 1970. Nesta fase alarga-se a área de escavação para as quadrículas contínuas, onde se identifica a denominada “camada vermelha” e a outras áreas, pontuais, dentro da gruta.

A partir de 1970, a gruta e em particular o seu espólio ficaram à mercê de sucessivas violações, que aliás já havia ocorrido ainda no decurso das campanhas de escavação, destruindo a área deixada como “testemunho”, uma vez que, aparentemente metade da sala de entrada havia sido intervencionada. Esta violação será a responsável pela existência de inúmero espólio arqueológico (contas de colar, fragmentos de lâminas de sílex, fragmentos de cerâmica, dentes e ossos humanos muito fragmentados) misturados com terras, que se encontram no exterior, junto da construção que protege o acesso a entrada da cavidade.

É pois neste cenário de profundo remeximento e destruição que, em 1995 o NECA encontra esta cavidade, efectuando então a recolha de todo material artefactual e osteológico que se encontrava disperso junto da entrada e entrega-o à Câmara Municipal de Sesimbra.

Nos últimos anos tem vindo a ser frequentemente revisitada, quer no âmbito do projecto IACS (Fernandes e Rocha 1999/2000) quer no decurso dos trabalhos de prospecção arqueológica para a elaboração da Carta Arqueológica de Sesimbra (AAVV, 2009).

Descrição

A Lapa do Fumo é uma galeria fóssil, com desenvolvimento preferencialmente horizontal, ao longo de uma junta de estratificação no sentido NW-SE, possuindo um comprimento de cerca de 80m, uma largura máxima de 12m e uma altura aproximada de 7m, apresenta em desnível máximo de -15m. É composta por uma sala de grandes dimensões que se encontra dividida por um eixo de formações calcíticas, composto maioritariamente por colunas³; estas formações dividem a galeria em dois corredores por onde se circula facilmente e para onde convergem vários túneis e pequenas galerias. Na globalidade, a gruta apresenta uma área aproximada de 565m².

A entrada encontra-se actualmente protegida por uma construção de tijolo, acedendo-se à entrada da cavidade, através de um pequeno lanço de escadas. No interior da gruta, na área junto da entrada, onde se incluí o espaço alvo de intervenção arqueológica, encontram-se blocos de calcário soltos e, em algumas áreas, ocorre um manto de calcite, por baixo do qual se encontra uma terra escura e compacta. Por toda a cavidade ocorrem sedimentos mais ou menos compactos de tonalidade castanho-escuro, que resulta da desagregação da rocha, ráizes e guano.

No corredor Sul do eixo que divide a galeria encontram-se com frequência inúmeros fragmentos de cerâmica, quer manuais quer de roda, não sendo possível caracterizar se se trata de depósitos resultantes das várias ocupações da gruta ou das destruições.

Contexto arqueológico

A Lapa do Fumo é uma importante estação arqueológica portuguesa, com uma longa diacronia de ocupação, parcialmente escavada (Serrão, 1967, 1970, 1971, 1975). No âmbito dos trabalhos realizados foi possível identificar, no contexto da pré-história recente, quatro fases distintas de ocupação: Neolítico antigo, Neolítico final, Calcolítico e Bronze

³ Espeleotema, que resulta da união de uma estalagmite com uma estalactite, formando uma coluna.

final. Com base nos dados conhecidos não é possível afirmar que todas estas fases de ocupação sejam funerárias.

De referenciar ainda que na camada superior foram recolhidos artefactos atribuíveis à Idade do Ferro (cerâmica) e aos períodos Romano (bicos de ânfora) e Islâmico (cerâmica vidrada e um conjunto de moedas árabes - quirates).

Os dados que dispomos para a Lapa do Fumo, encontram-se dispersos em diversas publicações, em geral de síntese e temáticas, não existindo um estudo sistemático de todos os dados e informações recolhidos nas várias campanhas de escavação. Ainda assim, os estudos realizados apresentam-nos uma interessante estação arqueológica, em particular no que concerne à temática em análise neste trabalho; devo ainda salientar que, e pelos dados publicados, apenas foi escavado um pequeno sector desta cavidade natural.

A metodologia utilizada na Lapa do Fumo, assenta na escavação através de níveis artificiais de 20 cm, com base numa quadrícula com 2m de lado por 8,50m de comprimento. A área escavada nos primeiros anos corresponde aos quadrados Q2 e Q1 e onde ocorre a presença de artefactos de sílex, pedra polida, osso, cobre ou bronze, objectos de adorno e vários ídolos - placa (Serrão, 1958), em particular no Q1 foram recolhidos inúmeros fragmentos de cerâmica cuja tipologia se enquadra em onze tipos distintos, tendo sido recolhida, cerâmica decorada do Neolítico antigo evolucionado, esféricos lisos neolíticos, cerâmica com decoração campaniforme, cerâmicas brunidas e cerâmica de roda, que o autor considera luso – romana (*Idem, Ibidem*). Regista-se ainda a presença de cerâmica medieval, confirmando aliás a presença islâmica que os quirates já haviam indiciado.

O resultado das primeiras campanhas revela assim, que a Lapa do Fumo teve uma intensa e longa diacronia de ocupação. Ao nível da estratigrafia, esta encontrava-se aparentemente muito perturbada, nestes dois quadrados. Ainda assim evidenciou um conjunto significativo de cerâmicas brunidas, associadas a cerâmicas do bronze argárico.

Na segunda fase de escavações (entre 1964 e 1970), abrem-se os quadrados Q3 (metade), V3 e V1. A estratigrafia aqui apresentada baseia-se nos dados publicados no estudo do estrato pré-campaniforme do Fumo (Serrão, 1971) que refere a existência de vários níveis arqueológicos, do topo para a base:

- Níveis 1 e 2: apresentavam uma espessura variável entre 15cm e 35cm. Era composta por terra mais escura na primeira camada sendo mais clara no nível 2, esta última apresentava ainda vestígios de carvões e pequenas pedras (muro de pedras construído por pastores, segundo C. Serrão). Continha materiais de várias épocas sendo a sua composição

muito semelhante à dos quadrados Q1 e Q2. Por baixo deste nível superficial, encontravam-se os contextos funerários atribuídos à pré-história.

- Nível 3: apresentava uma espessura entre 17cm a 23 cm. Caracterizava-se por conter grandes pedras no meio e no fundo, ossos humanos, cerâmica lisa (esféricos), fragmentos de cerâmica campaniforme, fragmentos de placas de xisto e contas de colar.

- Nível 4: sem dados exactos sobre a sua potência e que apresentava uma camada de barro calcado, constituindo o pavimento das inumações do nível estratigráfico (3). Cunha Serrão identifica os níveis 3 e 4, como uma mesma fase de utilização, a Camada C (*Idem, Ibidem*).

- Nível 5: sem dados exactos sobre a potência, apresentava um sedimento avermelhado que envolvia os restos osteológicos, as placas de xisto, as cerâmicas lisas e o ocre.

- Nível 6: sem dados exactos sobre a sua potência, era composto por lajes e pedras, colmadas por barro, e corresponderia ao pavimento das tumulações do nível 5. A homogeneidade destes dois níveis (5 e 6), bem como o facto de se encontrarem relativamente bem selados em relação às restantes unidades estratigráficas identificadas levou Cunha Serrão a denominá-la de Camada B, mais conhecida pela “camada vermelha” da Lapa do Fumo.

- Nível 7: sem dados exactos sobre a sua potência, era composto por bolsas de areia acinzentada que continha fragmentos de cerâmica com decoração impressa (unidade estratigráfica A); este nível assentava num depósito arenoso, concrecionado, e que continha poucos materiais. (*Idem, Ibidem*).

Pela descrição estratigráfica apresentada constata-se a existência de quatro ocupações, na pré-história recente. A mais antiga ocupação identificada na Lapa do Fumo parece remontar ao Neolítico antigo, atestada pela presença de vários fragmentos de cerâmica impressa (do grupo tipo Furninha), restos de alimentos e ossos humanos (muito poucos). Para além dos quadrados Q3 e V3, foram também identificados fragmentos de cerâmica com decoração impressa, noutras áreas da gruta, em grande quantidade o que permitiu reconstruir dois vasos. Assim sendo, apesar dos inúmeros vestígios existentes, os dados publicados não são suficientemente esclarecedores para podermos aceitar a existência de um contexto funerário do Neolítico antigo, nesta cavidade.

A utilização seguinte é, indubitavelmente, um contexto funerário. Nesta Camada B (composta pelos níveis 5 e 6) verifica-se uma preparação prévia do pavimento, com construção de uma fossa ampla, alisamento e colocação de lajes e barro sob as quais se

terão depositado ossos humanos, fragmentados, em monte, indicando tratar-se de segundas deposições. Esta camada apresenta manchas de resíduos carbonizados que parece indiciar a presença de fogueiras. Sobre este conjunto de ossos e carvões é posteriormente depositado o espólio artefactual polvilhado com ocre sendo de seguida tapados com terra da gruta. Este ritual é, segundo C. Serrão (Serrão, 1971), para as primeiras inumações da Camada B e para as que lhe sucedem, que vão gerindo o espaço existente, afastando as ossadas anteriores ou removendo-as, para nichos da gruta.

A datação de C14 da Lapa do Fumo foi efectuada a partir de ossos humanos desta camada, tendo fornecido uma datação de 4420 ± 45 - ICEN-1276 (Boaventura, 2009).

A Camada C, que engloba os níveis 3 e 4, apresentava claras distinções da antecedente, em termos de rituais funerários. De facto, segundo C. Serrão (*Idem, Ibidem*), para a inumação dos seus mortos, procederam agora ao alisamento e colocação de grandes pedras e barro no pavimento, efectuando depois as deposições que, por vezes, eram cobertas por pedras. A presença de ossos inteiros, embora não cabalmente esclarecida pelo autor, parece indicar a presença de enterramentos primários, associados aos primeiros registos da presença da cerâmica campaniforme, embora subsista o espólio da camada B, como as placas de xisto. (Serrão, 1958, 1975).

Apesar de, em algumas publicações, serem mencionadas tumulações do Bronze pleno (Serrão, 1958), em rigor não existe a confirmação da utilização da Lapa do Fumo como necrópole nessa época. As últimas inumações parecem ter ocorrido no Calcolítico final/ Bronze inicial, associado ao grupo campaniforme inciso. Permanece por esclarecer, como o próprio autor assume (Serrão, 1978: 34) qual o contexto em que se inserem as cerâmicas brunidas, nesta gruta natural.

Recentemente, para outra gruta (Ladroeira Grande, Moncarapacho), foi atribuída a deposição de cerâmica, a contextos simbólicos e rituais associados, possivelmente, a divindades subterrâneas (Gomes e Calado, 2007), facto que parece repetir-se em outras grutas do Algarve e da Estremadura.

Os dados que dispomos para o conjunto osteológico da Lapa do Fumo é muito parco (conjunto de enterramento secundários, um ossário de treze indivíduos, sendo dois infantis), por um lado, porque não se realizou, até ao presente, nenhum estudo antropológico desta colecção, por outro, porque os poucos dados que estão publicados resumem-se à camada B (a “camada vermelha”) e são muito sumários.

Materiais

Como referi anteriormente, no caso dos materiais da Lapa do Fumo, também os mais conhecidos são os da camada B, conjunto atribuído ao Neolítico final e as cerâmicas de ornatos brunidos, do Bronze final. O conjunto artefactual é composto por: cerâmicas em forma de saco, cerâmicas lisas e com decoração incisa, carenas, cerâmica com decoração campaniforme, cerâmicas com ornatos brunidos, cerâmica estampilhada, bicos de ânfora e, cerâmica medieval.

Ao nível da indústria lítica, verifica-se a presença de lâminas de sílex com e sem retoque, geométricos (trapézios), lascas, polidor em grés e pedra polida (machados e enxós). A matéria-prima mais utilizada é o sílex.

A indústria óssea é representada por furadores,

A lista dos objectos de adorno da Lapa do Fumo é composta por contas de colar, discóides, em osso, contas discóides em rocha (não especificada) e azeviche, alfinete de cabeça.

Ao nível dos artefactos votivos regista-se apenas a presença de placas de xisto, ídolo placa, artefactos em osso “coelhos” e diversas conchas, de espécies como *Pecten*, *Mitylus*, *Patella*, *Cyprae* e *Helix*.

Associado igualmente aos contextos rituais, verifica-se a presença de inúmeros fragmentos de ocre.

Cronologia

Neolítico antigo e final / Calcolítico/Bronze/Idade do Ferro/Romano/Islâmico

Bibliografia

Serrão, 1958, 1967, 1970, 1971, 1975, 1978, 1994; Serrão e Marques, 1971; NECA, 2005: 29,31.

Ilustrações

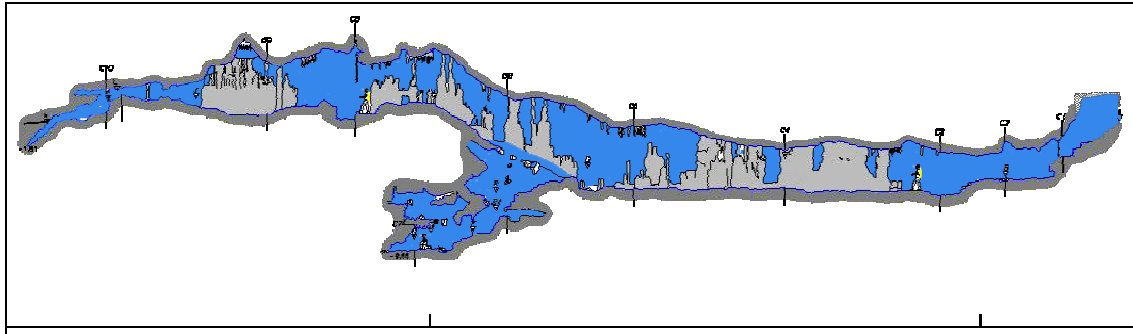


Ilustração 6. Lapa do Fumo. Corte esquemático realizado pelo NECA.

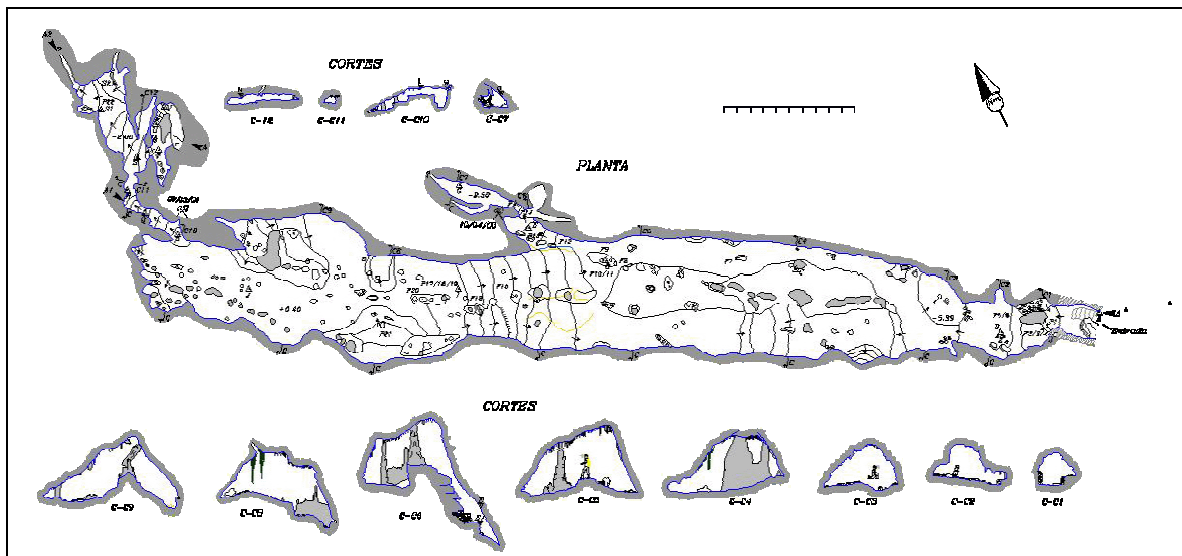


Ilustração 7. Lapa do Fumo. Planta topográfica e corte esquemático realizados por João da Luz e Armando Ribeiro (NECA).

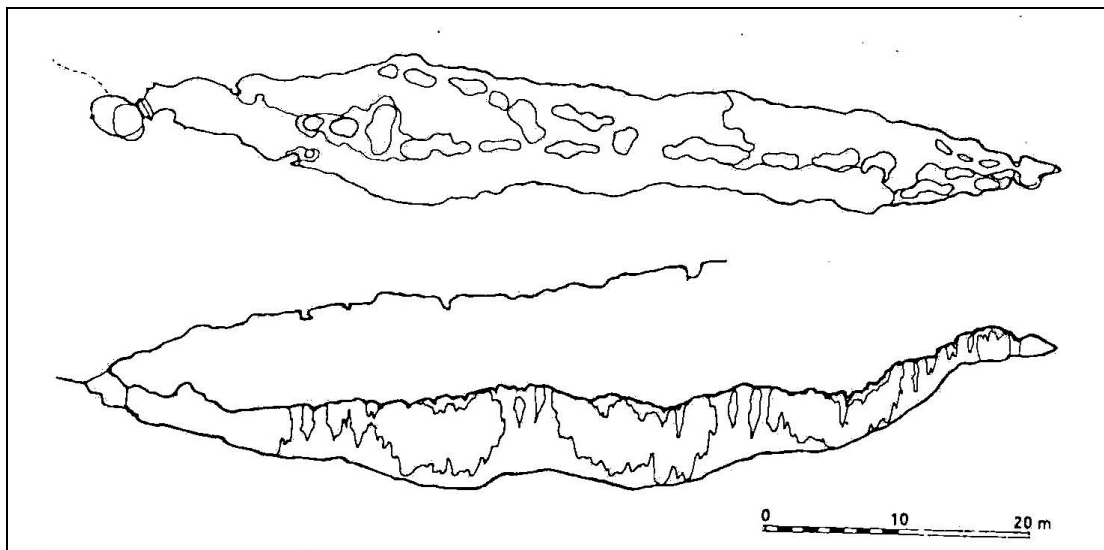


Ilustração 8. Lapa do Fumo. Corte esquemático (seg. Serrão e Marques, 1971)

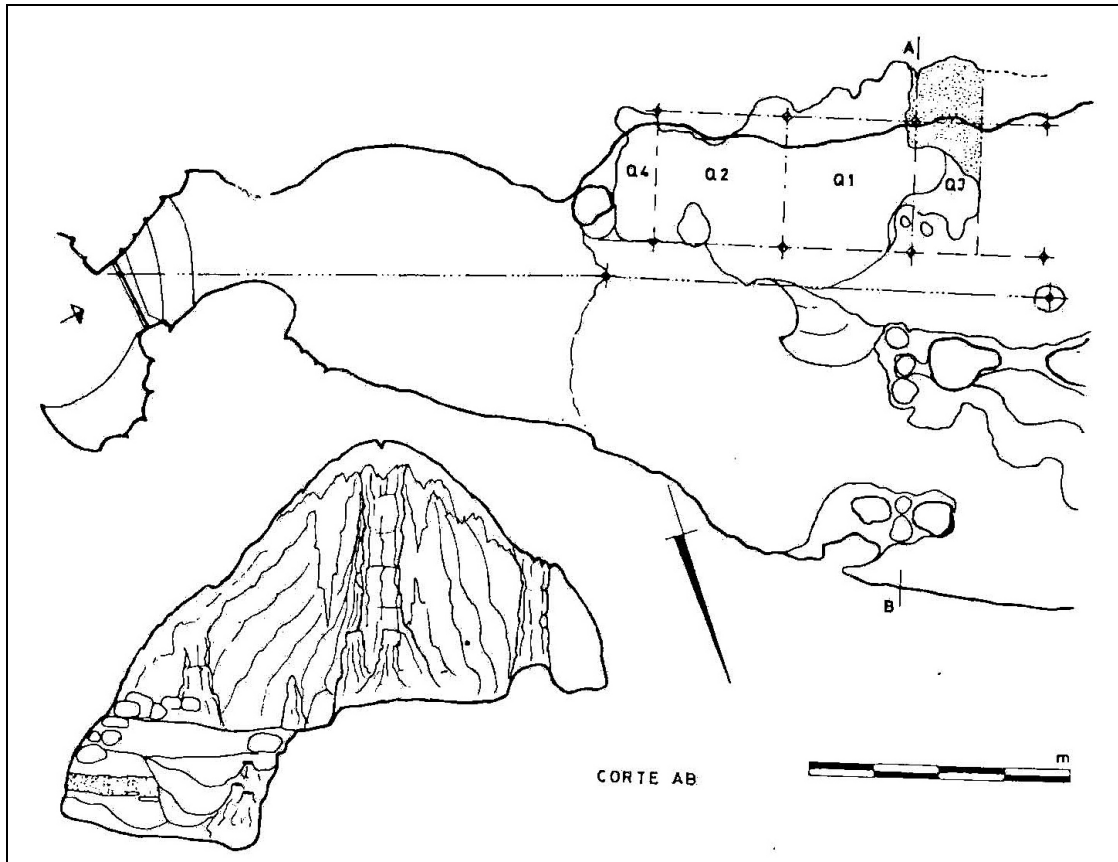


Ilustração 9. Lapa do Fumo. Corte esquemático e planta com indicação da quadrícula (seg. Serrão e Marques, 1971).

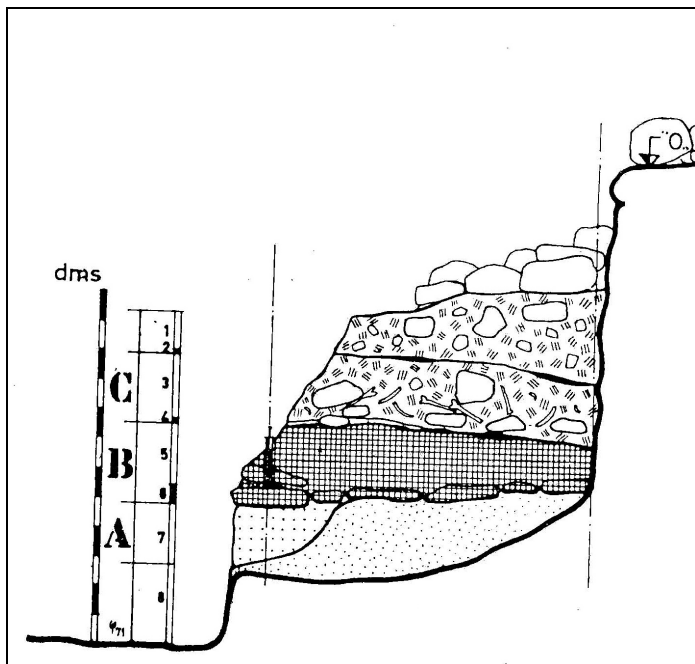


Ilustração 10. Lapa do Fumo. Corte com identificação das camadas identificadas (seg. Serrão e Marques, 1971)

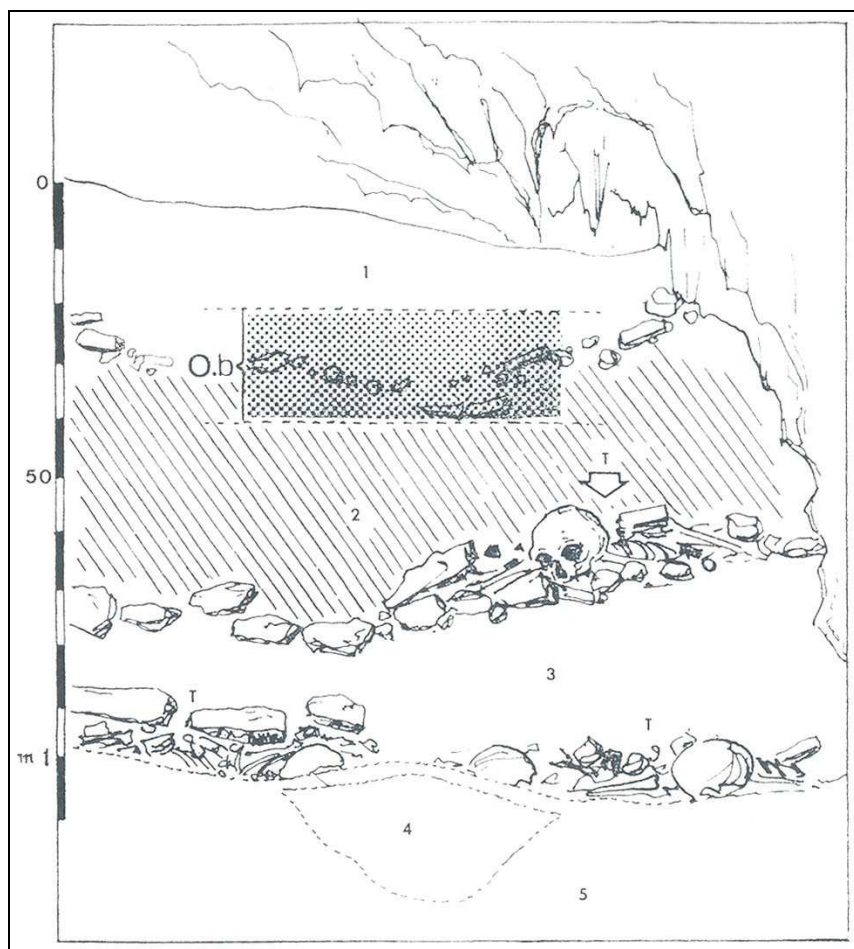


Ilustração 11. Corte estratigráfico da Lapa do Fumo (seg. Serrão, 1994: 76)

Legenda:

1. Estrato com mistura de materiais;
 2. Predominância de cerâmicas do Bronze avançado e final;
 3. Materiais do Calcolítico;
 4. Bolsa com materiais escassos e incharacterísticos;
 5. Depósitos arenosos concrecionados;
- Ob. Predominância de cerâmica com ornatos brunidos;
 T. Zona de tumulações.

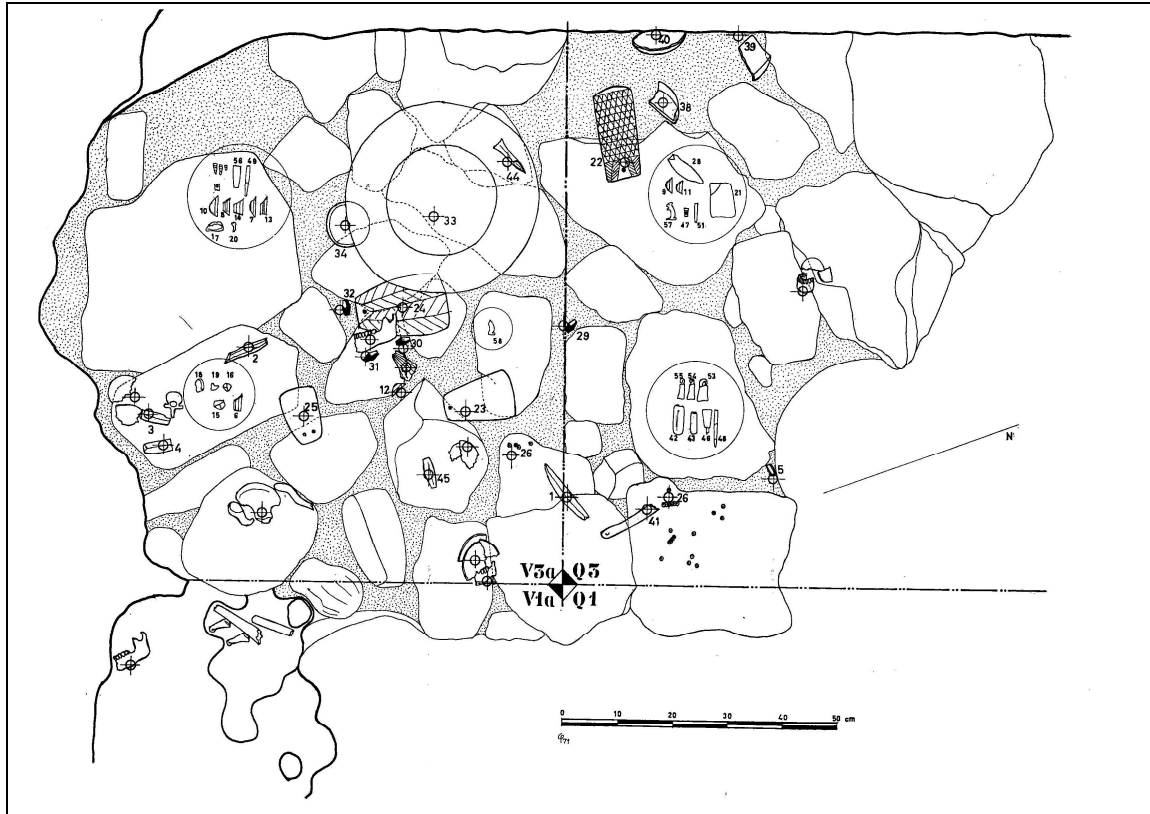


Ilustração 12. Lapa do Fumo. Planta com identificação da posição do espólio (seg. Serrão e Marques, 1971)

Designação: Lapa do Sapo / Lapa do Chão

Localização

M: 111930; P: 163650. Altitude: 218m

CMP: 1/25000. Fl. 464

Tipo

Gruta natural

História do sítio

A Lapa do Sapo foi referida pela primeira vez numa notícia de jornal de 1995 (relata a sua ocorrência), tendo sido visitada e referenciada pelo NECA, ainda nesse mesmo ano. Trata-se de uma pequena gruta natural que se situa a cerca de 100m da Lapa do Fumo e nas imediações da estação de ar livre dos Pinheirinhos (Serrão, 1994, Silva e Soares, 1986). A cavidade encontra-se parcialmente entulhada com blocos de pedras, soltas, e fauna (junto da entrada), que resultou da sua utilização como vazadouro de carcaças de gado, no século passado

Descrição

Trata-se de uma gruta natural fósil, com desenvolvimento horizontal que apresenta um desnível de -8.50m, no sentido sudoeste (em direcção à Lapa do Fumo) com um comprimento aproximado de 19.50m por 17.80m de largura e uma altura máxima de 2m.

A entrada encontra-se obstruída por blocos soltos, resultantes de acção antrópica relativamente recente, com o intuito, aparente, de selar a cavidade.

No seu interior encontram-se blocos soltos, particularmente na zona da entrada, sendo também nesta área que se concentram inúmeros ossos de animais, resultado da utilização deste espaço como vazadouro de carcaças de gado. Parece igualmente ter-se verificado a utilização desta gruta como curral, atestado pelo compacto nível de excrementos de animal.

Para além do referido anteriormente, a cavidade apresenta uma terra ligeiramente compacta de cor castanho/avermelhada, nas áreas que apresentam mais remeximento e em zonas mais profundas da cavidade, verifica-se a presença de vestígios arqueológicos em particular osteológicos.

Contexto arqueológico

Nas recolhas de superfície realizadas, verificou-se a presença, na área mais profunda, de alguns restos osteológicos à superfície - dentes, fragmentos de calote craniana e um fémur.

Regista-se ainda a presença de espólio cerâmico e de líticos.

A associação de artefactos líticos à cerâmica manual, de cariz pré-histórico e restos osteológicos permite colocar a hipótese de se tratar de uma necrópole.

Materiais

Cerâmica: fragmento de bojo de cerâmica manual; fragmentos de cerâmica de roda.

Líticos: no decurso deste trabalho não se identificaram artefactos líticos, contudo existe referência à sua presença, na base de dados do Endovélico.

Restos osteológicos: fragmento de calote craniana, fragmentos de maxilares, ossos longos indefinidos.

Cronologia

Pré-História

Bibliografia

Base de Dados do Endovélico

Ilustrações

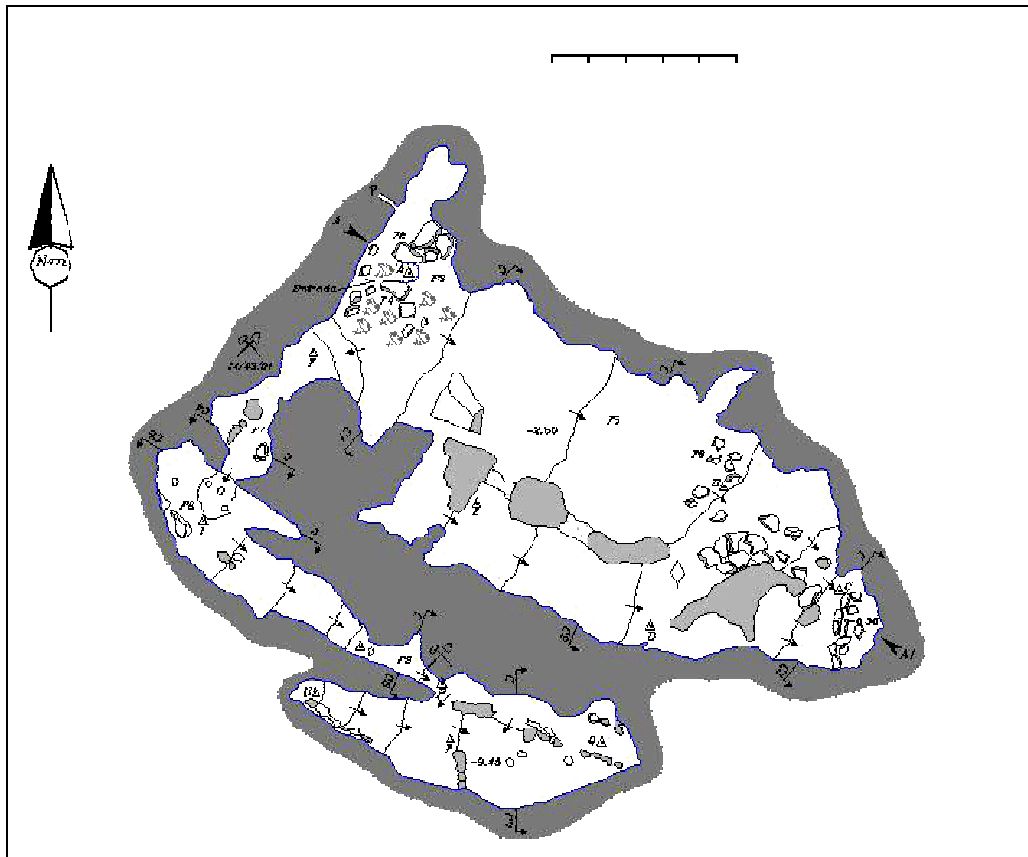


Ilustração 13. Lapa do Chão. Planta topográfica realizada por João da Luz e Armando Ribeiro (NECA).

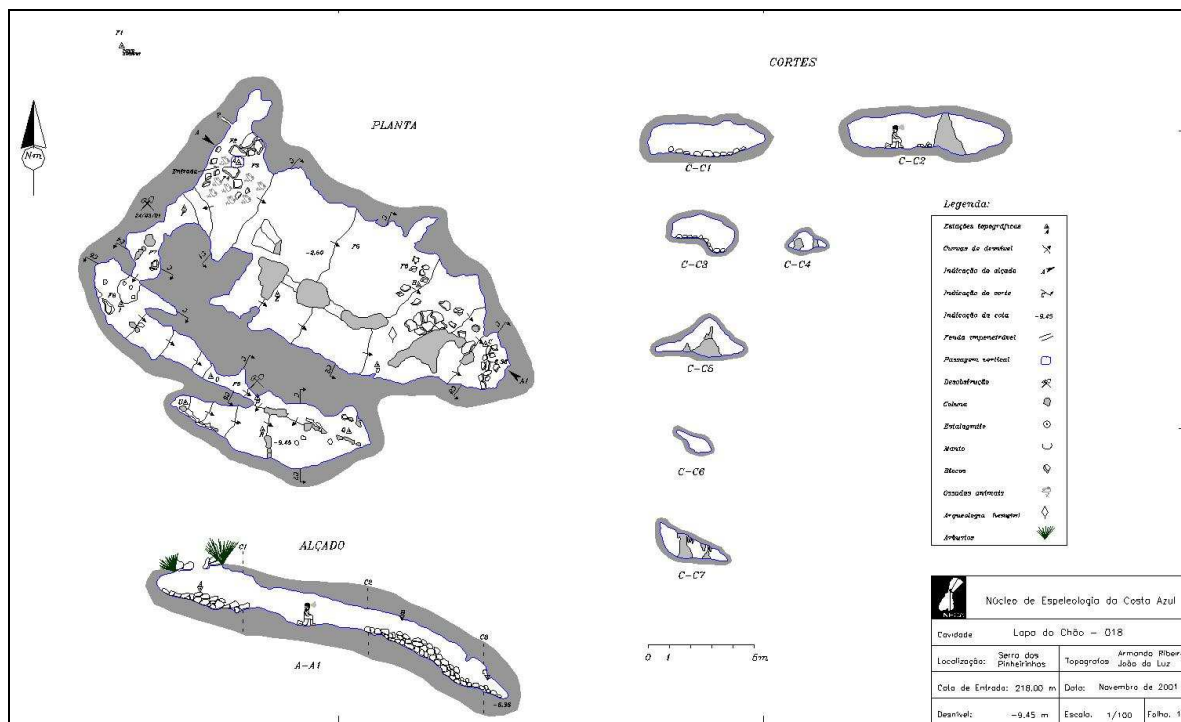


Ilustração 14. Lapa do Chão. Planta e alçados realizados por João da Luz e Armando Ribeiro (NECA)

Designação: Pinheirinhos 1

Localização

M: 111260; P: 163700. Altitude: 204m

CMP: 1/25000, Fl. 464

Tipo: Gruta Natural

História do sítio

A Lapa dos Pinheirinhos 1 foi registada por elementos de Núcleo de Espeleologia da Costa Azul (NECA) em 1995, no decurso dos trabalhos de prospecção espeleológica realizados, apesar de já ser conhecida da população local, sobretudo dos pastores, que a utilizavam como abrigo para os seus rebanhos. Os vestígios arqueológicos foram referenciados, pela primeira vez, no âmbito do projecto IACS (Fernandes e Rocha, 1999/2002), tendo sido intervencionado em 2000, por R. Fernandes e L. Rocha (Fernandes e Rocha, 2008).

O sítio foi recentemente revisitado no decurso dos trabalhos de prospecção arqueológica para a elaboração da Carta Arqueológica de Sesimbra.

De salientar que esta gruta se localiza nas proximidades de outras cavidades cársticas, nomeadamente da Lapa do Fumo, que se encontra a cerca de 300m.

Descrição

A Lapa dos Pinheirinhos 1 é uma cavidade natural, de progressão horizontal, com um cumprimento de 10m (actualmente), uma largura de 5 m, com uma altura máxima aproximada de 1,60m (apenas junto da entrada) e um desnível de 1,89m. Possui uma abertura virada a poente.

Situa-se na Serra dos Pinheirinhos, junto da pequena localidade com o mesmo nome, e encontra-se implantada numa pequena crista de afloramentos rochosos resultante da facturação dos calcários J2pe.

No seu interior, a camada de terra superficial apresenta um tom castanho, com uma textura fina e pouco compacta, para além de pedras de diferentes granulometrias, (alguns blocos); contém fragmentos de ossos e algum (pouco) material arqueológico visível.

A terra que se encontra no exterior e que continha material arqueológico, pela sua exposição às condições do exterior, não permite comparar com a camada superficial do interior, contudo e como é visível no corte (C) o nível de terra que falta na entrada (actual) da cavidade pode perfeitamente corresponder ao que se encontra no exterior.

O acesso ao interior desta cavidade, efectua-se no presente por uma abertura de dimensões médias, contudo a presença de blocos de grandes dimensões, que assentam sobre o estrato arqueológico colocam algumas dúvidas, uma vez que poderiam corresponder a um abatimento do tecto da cavidade. De facto, mesmo que o acesso original da lapa fosse este não teria certamente a configuração nem as dimensões que apresenta actualmente.

Contexto arqueológico

A gruta, que se apresenta preenchida por um sedimento onde é visível à superfície e no espaço exterior vestígios arqueológicos (elementos de adorno pessoal, cerâmicas e pedra lascada), ossos e dentes humanos, deverá ter sido usada como necrópole durante o Neolítico /Calcolítico.

Os trabalhos realizados nesta local resumiram-se essencialmente a recolhas de superfície, efectuadas em várias deslocações ao local (Fernandes e Rocha, 1999/2002), e incidiu nas terras que se encontram no exterior da gruta, junto da entrada, resultado de antigas violações, e que apresentavam muito material arqueológico.

Em 2000, efectuou-se uma pequena intervenção, cujo objectivo principal foi o de crivar, de forma mais exaustiva possível, as terras, tendo-se também procedido à recolha dos materiais existentes à superfície, no interior da gruta, tendo esta recolha sido efectuada com registo tridimensional (Fernandes e Rocha, 2008).

O conjunto do espólio recolhido, documenta a utilização da cavidade como espaço sepulcral na pré-história recente, atestado pela presença (com excepção da pedra polida que está ausente), de inúmeros artefactos que correspondem aos padrões habituais das necrópoles Neolítico/Calcolítico; a pedra lasca (pontas de seta, lâminas e lamelas), bem como a presença de restos de talhe (restos de talhe maioritariamente sob sílex), elementos de adorno pessoal, com um elevado número de contas de colar de xisto, contas de colar em osso, alfinetes de cabelo, verificando-se ainda a presença, embora vestigial, de um fragmento de placa de xisto.

Quanto à cerâmica, esta é maioritariamente lisa, sendo o acabamento e tratamento das pastas muito diferenciado entre os fragmentos recolhidos; existiam alguns fragmentos de cerâmica com decoração campaniforme.

A análise dos materiais osteológicos recolhidos no exterior, efectuada pela Dr.^a Paula Gunzburg, revelou um número mínimo de seis indivíduos (quatro adultos e dois subadultos) com base nos ossos e, de um número mínimo de onze indivíduos (oito adultos

e três subadultos) com base nos dentes. Não foi possível obter dados sobre a diagnose sexual, mas a presença de indivíduos de dois grupos etários (adultos e crianças), permite, com as devidas reservas, aceitar estarmos perante uma população natural (*Idem, Ibidem*).

Pela análise do desgaste existente nos dentes, pode-se apontar, com as devidas reservas que a faixa etária da idade à morte (6 adultos) se situa nos 30 anos de idade ou acima, contudo o desgaste na dentição pode ocorrer num processo e num período de tempo reduzido, bastando que, para tal, a população possua uma alimentação abrasiva, como a que ocorre em comunidades cuja dieta alimentar inclui abundantes moluscos, por exemplo. Este factor deve ser considerado tendo em conta os ecossistemas (marinho e estuário) que envolvem a área em estudo, implicando algumas reservas sob a esperança de vida destes indivíduos, já por si fortemente condicionada pela natureza da amostra.

Apesar de se tratar de uma leitura muito limitada, pelas condicionantes da própria recolha dos materiais é possível, contudo, avançar com uma leitura preliminar. A análise dos dados permite supor a existência de uma ocupação deste local como necrópole, em dois momentos culturais e cronológicos distintos: um primeiro que corresponderá ao Neolítico final e, o outro, do Calcolítico. O primeiro comprovado pela presença das cerâmicas lisas, elementos de adorno (alfinete de cabelo e contas), pedra lascada, etc., elementos que têm vindo a ser enquadráveis na primeira metade do III milénio (Gonçalves, 2003, 2005) e, o segundo, genericamente balizado pela presença da cerâmica campaniforme que surge associada a contextos arqueológicos de finais do III milénio (Cardoso, 1995, Gonçalves, 2005).

O enquadramento cronológico e cultural proposto, apresenta à partida alguma fragilidade, porque se baseia na ocorrência de determinados elementos do espólio, que são enquadráveis num determinado período de tempo. Sem a realização de uma escavação e a datação por C14 de alguns destes restos osteológicos, não posso propor uma cronologia mais fina. Por outro, também não é de descartar a existência de ocupações mais antigas (Neolítico antigo) neste local. A longa diacronia de utilização que se regista nos contextos de gruta desta região e que está bem presente nos registos do Fumo e do Bugio, torna plausível e aceitável que, também para a Lapa dos Pinheirinhos 1, a utilização deste espaço tenha ocorrido num longo período de tempo.

Esta parece ser uma constante na utilização dos espaços sepulcrais do III e IV milénio nas regiões Centro e Sul de Portugal (Boaventura, 2009; Cardoso, 1992, 1995, Gonçalves, 2003, 2003d, 2005; Serrão, 1975)

Materiais

Pedra lascada: indústria maioritariamente em sílex, mas com alguns artefactos também em chert; lâmina, lamela, lascas, ponta de seta em sílex, restos de talhe.

Cerâmica lisa, almagrada (?), com decoração campaniforme (bordo, e/ou bojo)

Objectos de adorno: alfinetes em osso, cabeça de alfinete decorado, contas de colar de xisto e ossos, búzios perfurados.

Objectos simbólicos: fragmento de placa de xisto (?)

Restos osteológicos: fragmentos de calotes cranianas, maxilares inferiores, dentem, falange, fémur, ossos longos indefinidos.

Cronologia

Neolítico final / Calcolítico.

Bibliografia

Fernandes e Rocha, 2001, 2008; NECA, 2005: 29,31,

Ilustrações

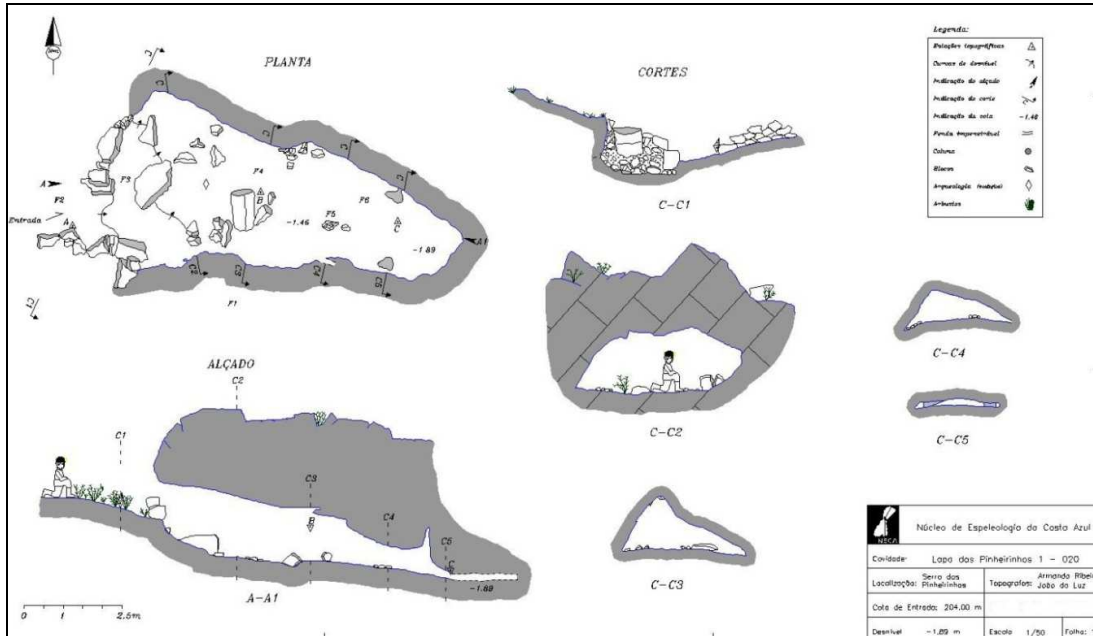


Ilustração 15. Plantas e alçados topográficos da Lapa dos Pinheirinhos 1, realizados por João da Luz e Armando Ribeiro (NECA). (Sgd. Fernandes e Rocha, 2008).

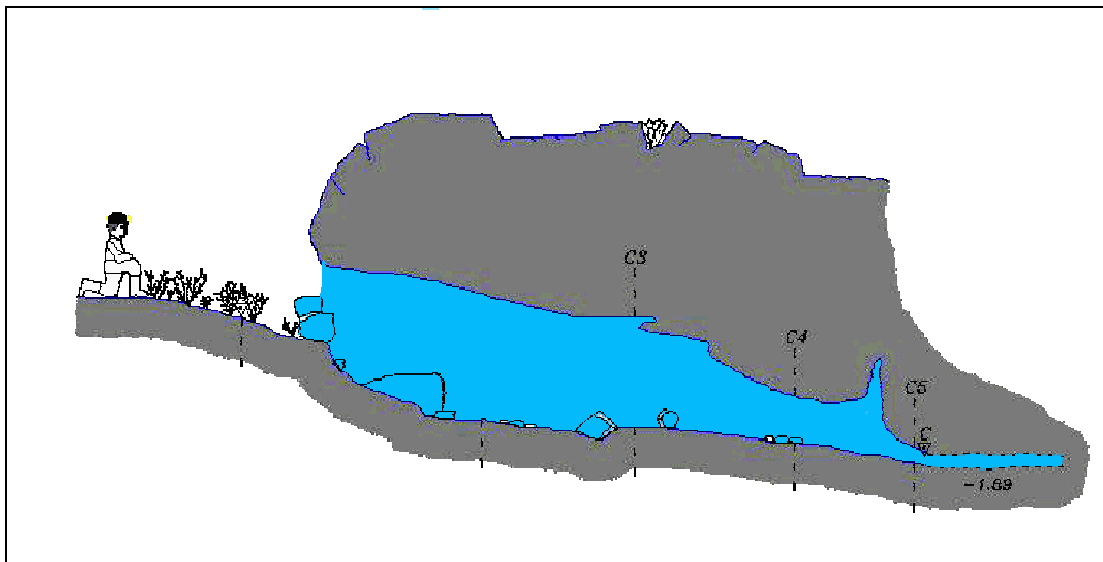


Ilustração 16. Corte esquemático da Lapa dos Pinheirinhos 1 realizado por João da Luz e Armando Ribeiro (NECA).

Designação: Pinheirinhos 2

Localização

M: 111251; P: 163335. Altitude: 198m

CMP: 1/25000. Fl. 464.

Tipo: Gruta natural

História do sítio

O sítio foi identificado no decurso dos trabalhos de prospecção espeleológica realizados pelo NECA, a 10 de Outubro de 2000. A descoberta desta cavidade resulta dos trabalhos de desobstrução de uma abertura no solo rochoso, mas o aparecimento de vestígios arqueológicos, a cerca de -2,5m da abertura, suspenderam os trabalhos de espeleologia. A primeira referência ao contexto arqueológico desta cavidade é do projecto IACS (Fernandes e Rocha, 1999/2002).

Foi recentemente revisitada no decurso dos trabalhos de prospecção arqueológica para a elaboração da Carta Arqueológica de Sesimbra, tendo-se recolhido mais materiais arqueológicos e afinado a cronologia.

Descrição

Trata-se de uma pequena depressão preenchida com terra e blocos, no afloramento rochoso da vertente Sul da Serra dos Pinheirinhos, na área central/oriental da *doma*. Por se encontrar muito colmatada por sedimento arqueológico, foi apenas possível identificar uma planta poligonal, com uma área aproximada de 6m quadrados e com um desnível em relação a entrada de -2m. Apresenta indícios de pertencer ao mesmo sistema subterrâneo da Lapa dos Pinheirinhos 1, desenvolvendo-se aparentemente na direcção desta cavidade, cuja entrada se encontra a escassos 30m de distância. Aceita-se a hipótese de se tratar da mesma estação arqueológica, de momento sem ligação, por se encontrar muito colmata pelo sedimento arqueológico.

Contexto arqueológico

A Lapa dos Pinheirinhos 2 encontra-se, como se referiu anteriormente, muito colmatada por sedimentos. Os trabalhos de desobstrução foram suspensos quando se verificou a presença de dois fragmentos de cerâmica manual pré-histórica e um pequeno seixo com vestígios de percussão, embora pouco expressivo.

A sua proximidade com a cavidade anteriormente descrita coloca a hipótese de ser uma segunda entrada para a mesma gruta, sendo de referir que esta se encontrava totalmente selada aquando da sua descoberta.

Apesar de não se ter registado ainda a presença de restos osteológicos nesta cavidade, face aos dados que dispomos neste momento, bem como pela comparação com as características de outras estações arqueológicas nas proximidades, proponho com relativa segurança, estarmos perante uma necrópole do Neolítico.

Materiais

Cerâmica: fragmentos lisos e decorados (com mamilo).

Líticos: seixo com vestígios de percussão.

Cronologia

Neolítico.

Bibliografia

Fernandes e Rocha, 2001; NECA, 2005: 29, 31.

Ilustrações

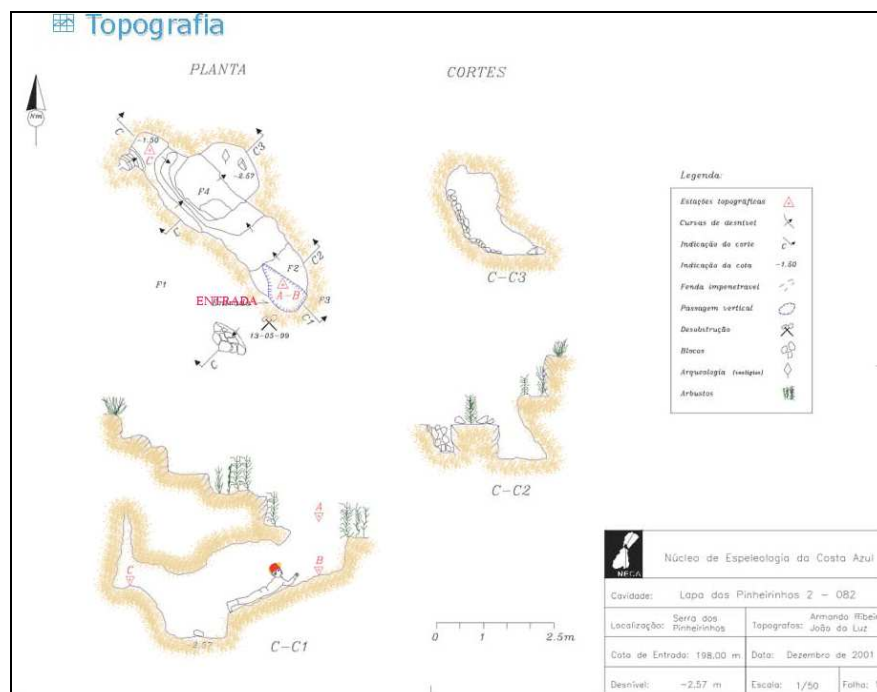


Ilustração 17. Plantas e cortes esquemáticos da Lapa dos Pinheirinhos 2, realizados por João da Luz e Armando Ribeiro (NECA).

Designação: Lapa do Sono

Localização

M: 110659; P: 163783. Altitude: 200m

CMP: 1/25000. Fl. 464.

Tipo: Gruta natural

História do sítio

A Lapa do Sono foi identificada no decurso de trabalhos de prospecção espeleológica, em 20 de Novembro de 2004, por Rui Francisco e José Brazinha. Os trabalhos de desobstrução efectuados na sala junto da entrada foram suspensos após terem sido detectadas cerâmicas e ossos humanos. A primeira referência deste sítio é realizada em 2005, numa publicação do NECA, tendo o local sido revisitado diversas vezes no âmbito dos trabalhos arqueológicos de revisão da Carta Arqueológica de Sesimbra. Aparece, neste trabalho, indevidamente classificada como Inédita (AAVV, 2009: 107).

Actualmente a Lapa do Sono encontra-se integrada num projecto que visa o estudo do Neolítico antigo, num contexto peninsular.

Descrição

A Sudoeste da pequena povoação dos Pinheirinhos, distando da estrada Pinheirinhos/Casais da Serra cerca de 1,5km, nos calcários do Jurássico e totalmente imperceptível na paisagem, encontra-se num pequeno buraco no solo que corresponde à entrada desta gruta. O seu acesso realiza-se através de um pequeno poço, resultante dos trabalhos de desobstrução espeleológicos, na base do qual se encontra uma pequena sala.

A Lapa do Sono é uma cavidade natural de progressão horizontal, possui uma entrada implantada a Norte, cujo acesso se efectua (presentemente) por um pequeno poço. Possui um comprimento linear aproximado de 19m, com um desnível a partir da entrada de -6,50m. No presente, a gruta divide-se em duas áreas ou salas distintas; junto da entrada (sector A) apresenta-se muito colmatada por sedimentos arqueológicos, a altura nesta área, entre o topo da camada e o tecto da gruta, tem aproximadamente 1m, sendo as medidas do seu comprimento e largura inferiores a 4m. A camada superficial, apresenta um tom vermelho, *terra rossa*, com uma textura fina e pouco compacta, e onde se verificou a presença de ossadas humanas e cerâmica.

Ao segundo sector (B), corresponde uma área mais profunda da gruta e de maiores

dimensões, à qual se acede por uma passagem, muito estreita entre o sedimento arqueológico. Possui uma altura máxima de 2,40m sendo aproximadamente as suas medidas de 13m de comprimento para 8,50 de largura; caracteriza-se pela presença em grande número de espeleotemas (estalactites, estalagmites, colunas). Os vestígios arqueológicos são escassos neste sector e os que ocorrem parecem resultar de escorrimentos do sector A. Verifica-se igualmente junto das paredes, um manto de calcite que, embora pareça pouco provável, pode eventualmente ocultar eventuais vestígios arqueológicos.

Contexto arqueológico

Os sedimentos que estão a selar a entrada da cavidade podem resultar de processos geológicos ou de depósitos de origem antrópica. A parede que envolve o poço é, no lado Sul, composta pelo substrato rochoso (calcários J2pe-calcários das pedreiras), enquanto a parede Norte é composta por terra e blocos de pequena e média dimensão, de salientar, contudo, que estes blocos são escassos no interior, em particular junto da entrada, pelo que a hipótese de um episódio natural que arrastasse blocos para o interior, me parece pouco provável. Outra hipótese é, que esta selagem seja resultado de uma actividade humana deliberada, possivelmente quando da condenação da própria necrópole, mas esta leitura carece de um estudo mais detalhado sobre a formação daquele depósito para se poder afirmar, com fiabilidade, estarmos perante uma selagem artificial da cavidade.

Como referi anteriormente, a gruta é composta por dois espaços ou salas, diferenciadas pela presença/quase ausência de vestígios arqueológicos, por designadas por sectores A e B. No seu interior (sector A), e imediatamente junto da entrada, apresenta-se muito colmatada por sedimentos, sendo muito reduzido o espaço que medeia entre o tecto da gruta e o topo dos sedimentos; é este sedimento que embala a maior concentração, visível, de fragmentos de cerâmica e ossos humanos existente na cavidade (Fernandes, 2010).

Um dado interessante em relação a esta necrópole é a grande concentração de vestígios arqueológicos visíveis, de momento, apenas no sector A (junto da entrada) onde preenche praticamente todo o espaço, apontando para uma potência estratigráfica com pouco mais de 2m. Se, no presente, o acesso a toda a cavidade é condicionado pelo depósito de sedimento arqueológico do sector A, aquando da sua utilização e em particular para as primeiras utilizações, toda a cavidade seria acessível. Coloca-se, no entanto, a questão se teria sido intencionalmente seleccionado apenas um dos espaços, até porque as

estalactites e estalagmites do sector B não apresentam sinais evidentes de terem sido partidos – o que certamente teria acontecido se este espaço tivesse sido muito utilizado.

No que diz respeito aos materiais arqueológicos recolhidos, encontram-se fragmentos de cerâmica lisa e com decoração, as pastas apresentam-se em geral depuradas e de boa qualidade, ao nível do seu tratamento. A decoração quer pelas técnicas empregues, incisa e cordões plásticos, quer pelo padrão decorativo em espinha e bandas, inscreve-se no universo cultural do Neolítico antigo (Carvalho, 2005; Diniz, 2007; Simões, 1999).

Resultante das actividades espeleológicas foi posto a descoberto um crânio humano. Dado que se encontrava numa área sensível e de forma a minimizar a sua destruição, foi recolhido e efectuado entretanto um estudo sumário (Marques e Silva, 2009). Trata-se de um indivíduo, do sexo feminino, adulto, com idade à morte superior a 45-50 anos, apresentando a face muito deteriorada pela acção de processos tafonómicos. Ao nível da dentição regista-se a presença de um dente (2ª pré-molar superior direito) que apresenta, segundo os autores, um grau de desgaste bastante elevado, foi ainda possível observar a perda *antemortem* (1º pré-molar direito) e já postmortem dos incisivos central e lateral superiores direito (Marques e Silva, 2009: 151).

A utilização da cavidade como espaço sepulcral, aparenta ser muito circunscrita á área imediatamente junto da entrada, não sendo contudo de descartar a hipótese de se estender a uma área mais alargada, é contudo muito marcada a preferência e intensa ocupação na área anteriormente referida (sector A). Também a aparente homogeneidade verificada nas cerâmicas recolhidas, permite aceitar, embora com as devidas reservas por se tratar de dados recolhidos em prospecção e observação *in loco*, estarmos perante uma necrópole, cuja cronologia se enquadra no Neolítico em particular no Neolítico antigo.

Materiais

Cerâmica lisa, decoração com cordões, espinhas e bandas

Restos osteológicos: crânio humano (sexo feminino)

Cronologia

Neolítico antigo

Bibliografia

NECA, 2005, AAVV, 2009; Marques e Silva, 2009: 151; Fernandes, 2010

Ilustrações

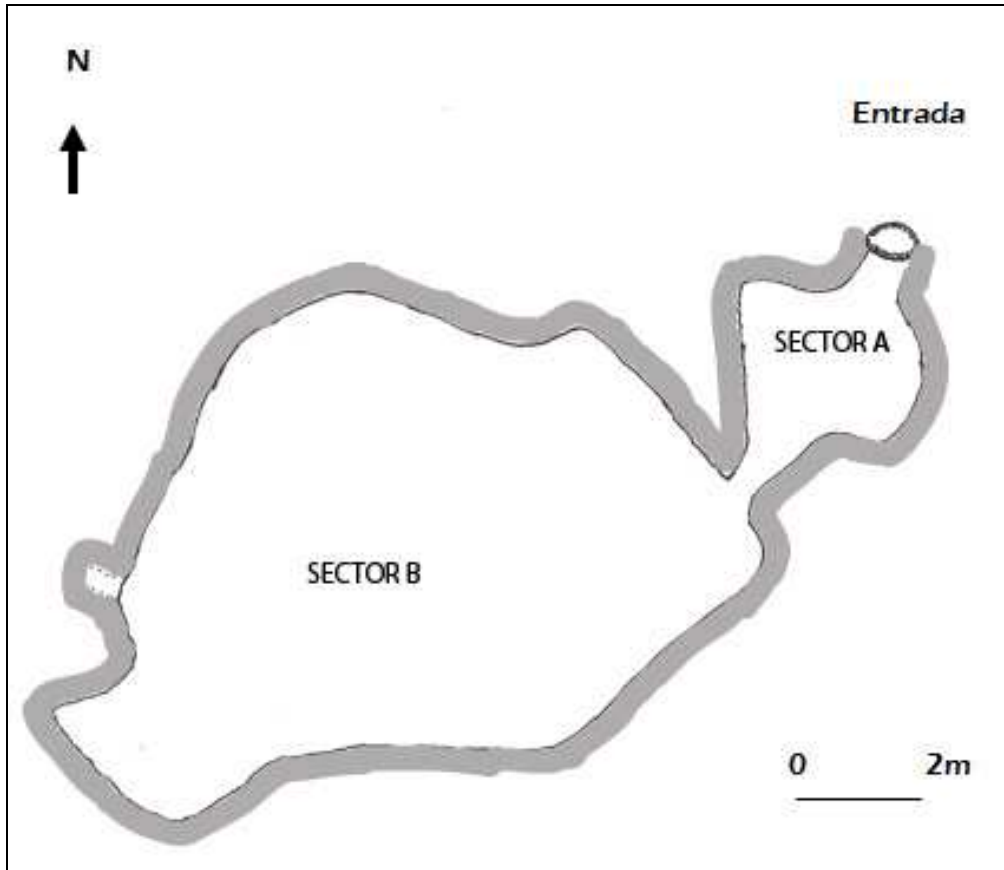


Ilustração 18. Planta da Lapa do Sono – Sectores A e B. Planta elaborada a partir dos levantamentos topográficos realizados pelo NECA.

Designação: Lapa do Bugio 1

Localização

M: 109004; P: 162883. Altitude: 200m

CMP: 1/25000. Fl. 464.

Tipo: Gruta natural

História do sítio

Próximo da localidade da Azóia, e implantada na escarpa meridional da Serra da Azóia encontra-se a Lapa do Bugio que foi identificada a 16 de Outubro de 1957, por Rafael Monteiro, tendo sido inicialmente designada por Estação Isabel, nome pelo qual foram apresentados os dados dos dois primeiros anos de trabalho neste sítio arqueológico, no I Congresso Nacional de Arqueologia, em 1959 (Monteiro *et al.*, 1959), realizados por Rafael Monteiro e Eduardo da Cunha Serrão. A dissolução da equipa, leva a um abandono dos trabalhos de investigação, que só voltariam a ser retomados em 1966.

Neste intervalo, o sítio é alvo de várias destruições que comprometeram significativamente a interpretação do mesmo, ainda assim quando os trabalhos de arqueologia são finalmente retomados em 1966, por Rafael Monteiro e Octávio da Veiga Ferreira, foi possível efectuar o levantamento da planta à prancheta, escavação de duas sepulturas ainda conservadas, identificação de um ossário e do depósito ritual de materiais, pois “apesar destas acções nefastas, a Lapa do Bugio estava ainda longe de ter sido totalmente saqueada” (Cardoso, 1992).

O estudo do conjunto artefactual desta gruta, a sua interpretação e integração cultural e cronológica, foi efectuado muito posteriormente por João Luís Cardoso (*Idem*, *Ibidem*) que, com base nos dados das intervenções arqueológicas realizadas na década de 50 e em finais da década de 60, do séc. XX consegue recuperar a informação que veio reforçar a importância e o papel desta necrópole, no contexto da arqueologia portuguesa.

Descrição

A Lapa do Bugio é uma cavidade natural de progressão horizontal, composta por uma sala com um comprimento linear aproximado de 8m e uma largura de 8m, com uma altura máxima de 2m e um desnível de -2m, o acesso efectua-se, na actualidade, por duas entradas implantadas a Sul.

A gruta encontra-se integralmente escavada, não se verificando a presença de quaisquer vestígios ou sedimentos arqueológicos, a camada térrea que no presente se

encontra no seu interior resulta da degradação da rocha base, calcários do jurássico (Jp2) e de poeiras provenientes do exterior.

Com base na interpretação dos dados provenientes das escavações foi efectuada uma proposta (Cardoso, 1992) da planta que teria correspondido ao contexto arqueológico identificado pelos signatários nas primeiras escavações, presentemente não é visível o átrio de acesso à gruta.

A descrição da planta da gruta apresenta um átrio exterior (A) parcialmente definido por parede constituída por grandes blocos de calcário do lado ocidental; do lado oriental, o contorno encontra-se imperfeitamente definido, este átrio seria coberto por uma mamoa que fechava a entrada da câmara sepulcral (Monteiro, 1971). Estes autores admitem que a forma da entrada denotava afeiçoamento à maneira das grutas artificiais. A zona de passagem (B) era constituída por uma estreita abertura natural, muito embora se assemelhe pela forma à de certas grutas artificiais e uma cripta ou sala (C) de contornos pouco ramificados.

Contexto arqueológico

A gruta estaria aparentemente intacta quando foi identificada (Serrão, 1967). Trata-se de uma necrópole pré-histórica que, pela análise da cultura material (placa de xisto, pedra polida, lâminas de sílex, ídolos cilíndricos de calcário, contas de colar, pendentes, objectos de adorno em osso e cerâmicas) se enquadra no contexto do Neolítico final /Calcolítico. Interpretação também corroborada pela datação por C-14, que aponta para 4850-+ 45 BP.

A estratigrafia identificada no Bugio, apresentada do topo para a base (Cardoso, 1992) é composta por: 1) terra superficial de entulho sem interesse arqueológico com cerca de 0,15m, que compõem a camada C1; 2) de seguida, a C2, camada lenticular de estalagmite misturada com um estrato de aspecto terroso e friável, medindo 0,30m; 3) sucede-lhe uma camada espessa, com medidas que vão dos 0,40m aos 0,80m e onde estão presentes os enterramentos que caracteriza a camada C3; 4) a camada C4 é marcada pela presença de *terra rossa*, remexida em alguns postos para se efectuarem os enterramentos; 5) a última camada, C5 é composta pela rocha base de gruta.

Pela descrição estratigráfica parece verificar-se a existência de apenas uma camada arqueológica (C3), que se teria mantido suficientemente nítida, apesar dos remeximentos (ocorridos entre as primeiras escavações e as de 1966). Os autores consideraram como vestígios mais antigos, os que apresentam as peças cujas fracturas se encontravam cobertas

por carbonato de cálcio; estas fracturas seriam resultado da própria dinâmica da utilização do espaço enquanto necrópole e estariam assim associadas às sucessivas inumações efectuadas na gruta.

Ao nível dos enterramentos, temos na Lapa do Bugio presentes dois rituais de enterramento distintos, mas que surgem muitas vezes associados; ossários e inumações individuais, sendo estas aparentemente dos primeiros enterramentos.

Apesar da destruição sofrida, é consensual a existência de ossários, com base na indicação dos trabalhos das primeiras escavações, é mencionado que “os ossos humanos encontravam-se fragmentados, serrados e arrumados sob lajes”. O facto desta situação se verificar um pouco por toda a cavidade leva a aceitar a existência de pequenos ossários distribuídos um pouco por toda a necrópole (Cardoso, 1992). Tal facto poderá estar relacionado com deposições intencionais de enterramentos secundários ou, em alternativa (ou simultâneo), também poderá ser o resultado da contínua utilização da cavidade e da necessidade da remoção parcial das ossadas para utilização do espaço, nomeadamente para deposições primárias.

A presença de inumações primárias, atestada pela sepultura 1, leva a aceitar que, pelo menos, mais nove primeiras deposições ocorreram, apesar de não ser possível caracterizar a orientação dos corpos, posição, número de indivíduos por sepultura ou outros aspectos relacionados com o ritual de deposição.

Um aspecto particularmente interessante que esta estação nos apresenta, prende-se com o facto de apesar de se tratar de um espaço de enterramento colectivo, nesta cavidade natural as deposições efectuaram-se através da preparação do espaço que cada morto deveria ocupar, marcando e separando claramente esse espaço pela colocação de pequenas lajes verticais - construindo assim pequenas sepulturas/nichos.

A sepultura 1 (melhor conservada) permitiu observar a criação de um espaço fechado de forma rectangular com 1,50m de comprimento e 1,00m de largura, parcialmente escavada na terra e na rocha de base da gruta, de forma a assegurar que o corpo assentasse horizontalmente. O corpo encontrava-se deitado de costas com as pernas reflectidas para o lado esquerdo.

Esta “compartimentação” do espaço foi utilizada quer para inumações primárias, quer para individualizar o espaço onde se colocou um ossário, “um recinto pequeno e fundo revestido em toda a volta de grossas pedras” (Monteiro *et al*, 1959). Este espaço encontrava-se preenchido por uma amálgama de ossos humanos e materiais arqueológicos, em grande abundância e, no fundo em “posição ritual” encontrava-se a placa de xisto

(ídolo almeriense); os autores não descartam a hipótese de ter havido mais ossários espalhados pelo espaço da gruta (*Idem, Ibidem*).

Outro “ritual” presente nesta estação arqueológica é a constituição de depósitos de artefactos votivos. Utilizando uma pequena fenda que resulta da queda de dois blocos do tecto da gruta, foram depositados, de forma ritual, alguns artefactos partir do fundo “machados e enxós uns sobre os outros em posição cuidada, depois as lâminas de sílex, os artefactos de osso para adorno, objectos votivos ou de finalidade religiosa e, por fim no topo um lindíssimo vaso cerâmico de paredes finas com duas asas pequenas para suspensão” (Cardoso, 1992). A aparente uniformidade do espólio aponta para que o depósito tenha sido constituído todo na mesma fase.

Os restos osteológicos da Lapa do Bugio foram inicialmente estudados por Agostinho Isidoro, em 1964 (Silva, 2006). Os dados que apresento baseiam-se nos estudos efectuados por Ana Maria Silva e, posteriormente por Rui Marques, com base essencialmente na amostra que se encontra depositada no Museu de Sesimbra e que, devido ao facto de ser impossível estabelecer a relação entre as sepulturas descritas e o material osteológico, teve de ser estudado como se de um ossário se tratasse (Silva e Marques, 2009: 148).

A amostra (ossos e dentes) é constituída por 105 peças, representa um número mínimo de 16 indivíduos, sendo 15 adultos (de ambos os sexos) e um não adulto (entre os 6 e os 12 anos). Esta variabilidade etária permite aceitar estarmos perante uma população natural, até porque o estudo apenas representa parte dos indivíduos exumados desta gruta.

Com base no estudo dentário verifica-se que, ao nível do desgaste dos dentes definitivos dos indivíduos adultos, o desgaste é médio, e que cerca de 20% dos dentes foram perdidos em vida; há vestígios de tártaro e cáries dentárias.

Regista-se ainda a presença de uma hipoplasia linear do esmalte, indicador de stress fisiológico (este facto é normalmente associado a um período na vida do indivíduo, com deficiências nutricionais); a presença num indivíduo do sexo masculino, com idade à morte entre os 30-45 anos de um fibroma ossificado (Silva and Wasterlain, 2008), e ainda, no registo dentário, foi observado um sulco paralelo ao plano da coroa. Três hipóteses são possíveis para explicar a ocorrência desta anomalia dentária: 1) uma função ocupacional extra mastigatória - casos em que se recorre à boca como a terceira mão; 2) práticas terapêuticas para alívio de situações dolorosas; 3) ou casos em que as práticas de higiene oral provocam tais alterações na dentição (Silva e Marques, 2009).

A análise do estudo ósseo revelou ainda sinais de infecções, em várias diáfises de ossos longos; estas lesões estavam contudo já remodeladas na altura da morte dos indivíduos (*Idem, Ibidem*). Registou-se igualmente a presença de patologias degenerativas articulares e não articulares, verificando-se pela amostra de úmeros, a hipótese desta região do esqueleto estar sujeita a stress biomecânico, situação que ocorre pela repetição intensiva da mesma tarefa.

Na análise osteológica do Bugio há ainda a registar a presença de “uma ponta de seta embebida no corpo vertebral” (*Idem, Ibidem*) este facto que já havia sido referenciado (Monteiro e Serrão, 1959), foi igualmente objecto de análise mas não foi acrescentada informação nova, (não foi possível identificar nem sexo nem idade do indivíduo). A trajetória de entrada do projectil terá sido pelas costas, mas não foi possível confirmar se tratou de um acidente ou de um acto de violência interpessoal (Silva e Marques, 2009).

Como referi anteriormente, apenas na camada C3 se verificava a presença dos enterramentos e o maior número de artefactos. A análise material deste estrato arqueológico integra a Lapa do Bugio em três contextos culturais (Cardoso, 1992); 1) Neolítico final – abundância de geométricos, pontas de seta, lâminas e lamelas, machados de secção elíptica e enxós espalmadas, taças carenadas, vasos de bordo denteado, elementos de adorno, alfinetes de cabeça estatuada e placas de xisto;

2) no Calcolítico inicial – artefactos de carácter mágico – religioso de calcário, fragmento de recipiente de osso com decoração reticulada, um fragmento de copo com decoração incisa e não canelada (difere do que é comum no Calcolítico);

3) Calcolítico final com campaniforme – fragmentos de cerâmica incisa e dois fragmentos com decoração linear-pontilhada, dois pequenos punções de secção quadrangular de cobre e um objecto de cobre inclassificável, embora o autor do estudo considere a presença do campaniforme nesta estação esporádica e pouco representativa (*Idem, Ibidem*).

Apesar das condições de escavação desta jazida e da informação que dispomos ser limitada, o estudo do conjunto (Cardoso, 1992) permitiu algumas leituras, em particular na integração cultural deste depósito, bem como confirmar a existência de dois tipos de enterramentos. Na Lapa do Bugio temos enterramentos primários, tendo em conta o tipo de deposição, bem como pela aparente conexão existente em alguns ossos, e secundários atestados pela presença dos ossários.

Parece igualmente ter ocorrido uma utilização diferenciada do espaço sepulcral colectivo, com alguns indivíduos a terem as suas sepulturas demarcadas e individualizadas, dentro da gruta.

Materiais

Cerâmica: lisa (pratos de bordo s/espessamento, taças de bordo espessado, taças em calote, esféricas, carenadas), decorada (incisa, canelura abaixo bordo, impressa, plástica, canelada e com perfuração) (Cardoso, 1992).

Cerâmica campaniforme: decoração incisa, decoração pontilhada ou linear-pontilhada (*Idem, Ibidem*).

Objectos de adorno: contas de colar em xisto, pingente de variscite (*Idem, Ibidem*).

Objectos simbólicos: placas de xisto, ídolos almeriense; ídolos gola, coelhos geminados, ídolos de calcário (cilindros lisos e decorados, placas curvas, “pinha”). (*Idem, Ibidem*).

Pedra polida: machados, enxós, goivas, polidor (arenito), (*Idem, Ibidem*).

Pedra lascada: geométricos, pontas de sete, lâminas, núcleo, percutores, raspadeira, furadores. (*Idem, Ibidem*).

Objecto metálico: punção (*Idem, Ibidem*).

Restos osteológicos: crânios, mandíbulas, atlas, clavículas, diversos ossos longos completos e fragmentados, úmeros, rádios, cúbitos, fémures, rotulas, tíbias, vértebras, astrágalos e calcâneos e dentes.

Cronologia

Neolítico final / Calcolítico.

Bibliografia

Serrão, 1967; 1994: 72-74; Monteiro, 1971; Monteiro *et al*, 1959; Cardoso, 1992; Silva e Marques, 2009; Silva, 2006

Ilustrações:

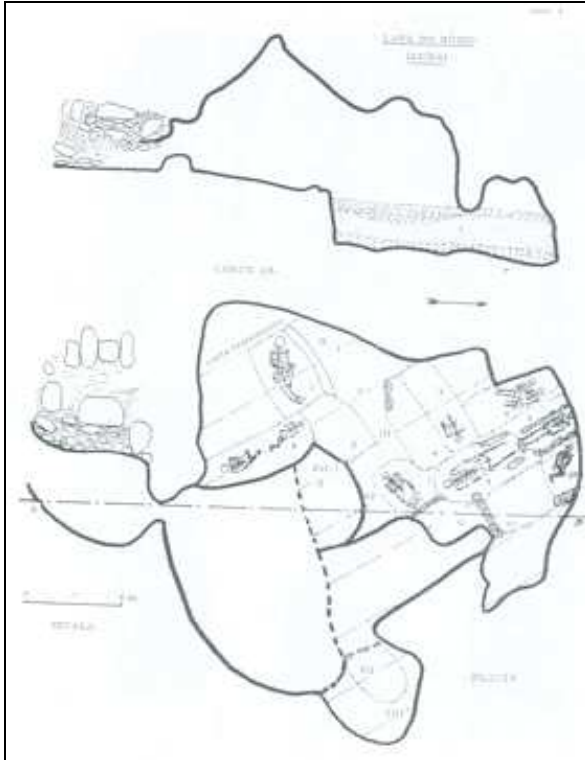


Ilustração 19. Planta e corte realizados na Lapa do Bugio, no final da campanha de escavação de 1966 (sgd Monteiro *et al.*, 1971; Estampa 1)

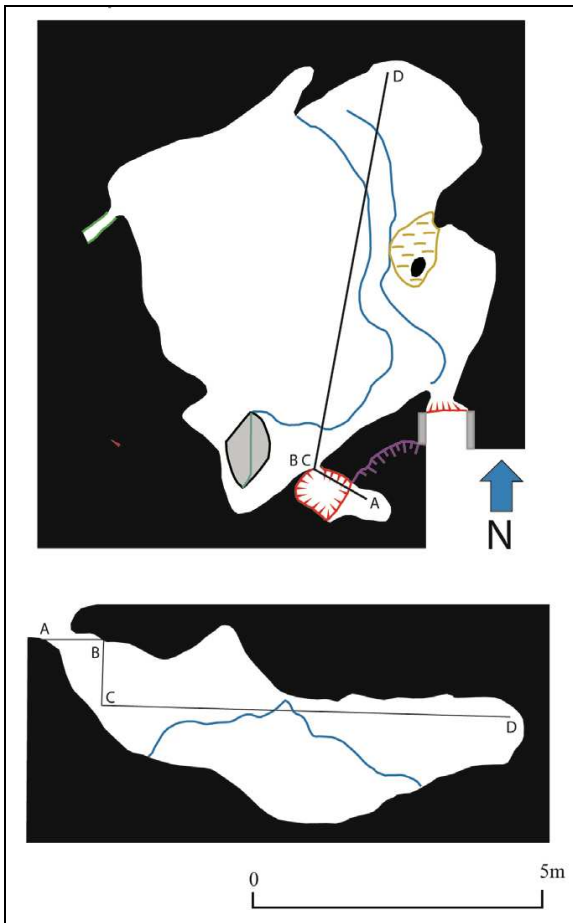


Ilustração 20. Planta actual da Lapa do Bugio. Sgd. AAVV, 2009: 116.

Designação: Lapa do Piolho/ Lapa da Furada

Localização

M: 109053; P: 162977. Altitude: 200m

CMP: 1/25000. Fl. 464.

Tipo: Gruta natural

História do sítio

A Lapa da Furada foi identificada em 1957, no âmbito do levantamento arqueológico efectuado por Eduardo da Cunha Serrão, no concelho de Sesimbra. A recolha de cerâmica cronologicamente associada ao Calcolítico e à Idade do Bronze, bem como ossos humanos, corroborou a sua caracterização como uma necrópole do Bronze (Serrão, 1962).

Em 1992, sob orientação de João Luís Cardoso, iniciam-se os trabalhos de escavação arqueológica que decorreram até 1994, tendo sido identificado um depósito arqueológico composto por abundantes restos osteológicos, mas poucos vestígios artefactuais. Segundo os autores, com base no espólio cerâmico recolhido, poderá tratar-se de um depósito arqueológico, em posição secundária, desconhecendo-se o local da inumação primária – deveria ter ocorrido no exterior da gruta tendo para ali sido constituído um ossário, na Idade do Bronze (Cardoso, 1995).

Descrição

A Lapa da Furada situa-se próximo das localidades de Casais da Serra e da Azóia, distando cerca de uma centena de metros da Lapa do Bugio.

A Lapa da Furada é uma cavidade cársica, natural, tipo algar, de progressão semi-vertical. A entrada ocorre numa diáclase e, o acesso ao interior efectua-se por um algar, com uma profundidade de cerca de 4m, até a primeira sala, que ainda possui luz natural; foi nesta área que se efectuaram as intervenções arqueológicas (Cardoso, 1995).

Nas áreas acessíveis desenvolve-se, regra geral, na vertical, ao longo de uma falha, possui um comprimento linear aproximado de 56m, com um desnível a partir da entrada de 40m. Para além da sala de entrada, conhecem-se ainda algumas pequenas salas e túneis que, em geral, resultam dos trabalhos de espeleologia posteriores à escavação e que possivelmente não estavam visíveis anteriormente. Numa destas salas, que se localiza numa cota inferior à sala da entrada, numa área mais interior da gruta e sem qualquer luz natural, registou-se recentemente a presença de cerâmica e de ossos humanos, bem como

um nicho de médias dimensões onde se encontravam envoltos em calcite, restos osteológicos (ossos longos, fragmentos de calote craniana e um fragmento de maxilar inferior) o que sugere a existência de um segundo espaço de necrópole. Pela sua localização, poderá corresponder a um contexto funerário anterior ao ossário da Idade do Bronze e que poderia explicar a origem dos materiais neolíticos anteriormente recolhidos.

Contexto arqueológico

Com referi anteriormente, os trabalhos de escavação arqueológica desta gruta iniciam-se apenas em 1992, sob a direcção científica de João Luís Cardoso. Esta intervenção permitiu caracterizar a utilização da gruta como necrópole ou depósito secundário, de carácter funerário (Cardoso e Cunha, 1995). No entanto, o seu contexto cultural e a respectiva cronologia (s) revelou-se particularmente complexa.

No âmbito das escavações, confirmou-se a presença de quatro camadas arqueológicas: Camada 1 – Camada terrosa, castanha, com raízes, blocos de calcários dispersos, com cerâmicas pré-históricas (da Idade do Bronze), medievais e modernas dispersas por toda a camada (espessura máxima de 0,50m); Camada 2 – camada terrosa, muito solta, castanho-avermelhada, constituída quase exclusivamente por ossos humanos associados a materiais neolíticos (espessura máxima de 0,20m); Camada 3 – camada de textura mais fina que as precedentes, amarelo-avermelhada, escassos blocos calcários e raros ossos humanos (espessura máxima de 0,35m); Camada 4 – camada esbranquiçada, que constitui o substrato geológico (espessura máxima de 0,20m). (*Idem, Ibidem*: 15);

A camada 2 continha a maior parte do espólio arqueológico para além de uma elevada concentração de restos osteológicos, aparentemente sem qualquer conexão anatómica. O estudo osteológico realizado (Cardoso e Cunha, 1995) permitiu obter uma estimativa para o número mínimo de indivíduos existentes - 130 indivíduos (apesar de não expresso, considere este o número mínimo) - número compatível com outras necrópoles pré-históricas. Também a estimativa da idade à morte e a análise da diagnose sexual permite supor tratar-se de uma população natural.

Paralelamente, este estudo revelou um baixo índice de lesões traumáticas, registando-se um caso de inflamação com perca de face posterior do calcâneo esquerdo de um adulto, o que teria implicado uma impotência funcional do membro inferior esquerdo (*Idem, Ibidem*), mas não foram detectadas lesões que possam ter sido causa de morte. Registou-se também uma situação de nanismo num indivíduo adulto, esta leitura teve por base a comparação ao nível dos ossos longos (úmero, fémur e perónio) com o dos restantes

indivíduos, de salientar que no conjunto, a estatura média dos indivíduos do sexo masculino é de 1,69m e do feminino é de 1,56m (*Idem, Ibidem*),

O estudo da dentição revelou acentuado desgaste dentário quer em dentes definitivos, quer nos de leite, a presença de cáries dentárias, fracturas frequentes (distais e mesiais) no bordo dos dentes incisivos superiores - o desgaste da fractura indica-nos que ocorrerem em vida dos indivíduos. A quase ausência de hipoplasia linear do esmalte, nesta amostra osteológica, permite aceitar tratar-se de uma comunidade sem carências nutricionais significativas (*Idem, Ibidem*),

A este conjunto ontológico associa-se um conjunto artefactual heterogéneo onde se regista a presença de materiais conectados com o Neolítico final e a Idade do Bronze.

Em relação ao espólio recolhido, registou-se a presença de alguns materiais (cerâmicas em calote, esféricos de bordo espessado, taça de carena alta, um furador terminal sob lâmina, um trapézio e pequenas lâminas não retocadas, um machado e uma enxó de pedra polida), genericamente enquadráveis no Neolítico final, embora percentualmente pouco expressivos (*Idem, Ibidem*).

No caso concreto dos materiais líticos recolhidos referem “ que a maioria deste escasso conjunto lítico provém da periferia da sala, onde a camada ossífera não tinha expressão (... /...) é de aceitar que se trata de artefactos mais antigos...” (*Idem, Ibidem*: 15-16). Também o contexto em que foram recolhidos os artefactos da pedra polida, no chão da sala e na área de passagem para a base do pequeno algar de acesso ao exterior, coloca algumas dúvidas sobre a utilização desta parte da gruta como um depósito arqueológico propriamente dito. De facto, a distribuição dos materiais líticos pela sala e a sua aparente descontextualização em relação a esta camada (2), foi interpretada como evidência de uma ocupação anterior, de que estes artefactos seriam o único testemunho (*Idem, Ibidem*).

No âmbito dos levantamentos espeleológicos e arqueológicos efectuados na última década, identificaram-se novas áreas, nomeadamente uma galeria inferior à sala onde foi efectuada a escavação onde identifiquei, recentemente, restos osteológicos e fragmentos de cerâmica dos quais se recolheu um bordo, cuja tipologia é enquadrável no Neolítico final. A existência de um possível contexto arqueológico neste espaço poderá clarificar a presença dos materiais mais antigos da Camada 2 e também da deposição simbólica do machado associado a enxó encontrados na galeria superior. De salientar que o autor da escavação havia já evidenciado a suspeita desta gruta ter sido ocupada no Neolítico final (Cardoso e Cunha, 1995:17-18, 49).

Mas a camada 2 continha também, como referi anteriormente, um conjunto

artefactual integrável na Idade do Bronze antigo e médio. Tratava-se, aparentemente, de uma deposição secundária, com abundantes restos osteológicos e cerâmicas. Este nível arqueológico que *grosso modo* compõe a camada 2, foi depositado em bloco ou num curto espaço de tempo, com base na homogeneidade da composição desta camada (*Idem, Ibidem*: 50).

A datação obtida foi de 4050+-50BP, calibrada a dois sigmas 2700-2450 a.C. (não foi explicitado qual a amostra datada).

Em traços gerais, e atendendo à datação de C14 realizada, pelo menos um dos conjuntos arqueológicos identificados na lapa da Furada, enquadra-se no Neolítico final. À falta de outras datações de C14, resta por esclarecer, ou estabelecer uma cronologia mais fina, para os materiais mais antigos (machado, enxó, furador, trapézio, uma pequena lâmina e cerâmica), em primeiro lugar porque como já anteriormente referi para outra cavidade, a presença de alguns artefactos, ultrapassa a sociedade que os criou e, em segundo lugar, porque pode tratar-se simplesmente de uma cavidade ocupada no Neolítico, possivelmente como necrópole, mas do qual restam apenas alguns vestígios materializados nestes artefactos “fora do contexto”.

J. L. Cardoso e A. Cunha (*Idem, Ibidem*) propõe que se possa tratar de um ossário, constituído na Idade do Bronze com restos osteológicos provenientes de um contexto Calcolítico, possivelmente removido de uma outra cavidade situada na região que trataria também alguns fragmentos de cerâmica que fariam parte do seu quotidiano. Tratar-se-ia assim de um processo de transladação, já sugerido por Leonor Rocha (Rocha, 2005) para explicar a existência de conjuntos artefactuais aparentemente “fora do contexto”.

Nas grutas naturais dos principais maciços calcários, Sicó – Alvaiázere e Estremenho, Península de Lisboa e Setúbal e do Algarve, têm-se registado a presença de espólios associados ao Bronze final, maioritariamente compostos por cerâmicas, que tanto podem ser de cariz quotidiano (tanto ao nível das formas como ao nível do tratamento de pastas e decoração) como possuírem um cariz de excepção, como é o caso das cerâmicas de ornatos brunidos (muito bem representadas na Lapa do Fumo, que dista poucos quilómetros da Furada) por vezes associada a artefactos metálicos, interpretados como locais rituais relacionados com cultos e divindades subterrâneas (Gomes e Calado, 2007). Mas, nestes casos, trata-se apenas de deposições de espólios sem a presença de restos osteológicos.

Materiais

Cerâmica: lisa (grandes vasos, pequenas taças com formas que variam do saco, paredes verticais ou levemente vertidas, troncocónicos, carenas que podem ser bem marcadas até muito esbatidas; os bordos podem ser com e sem espessamento, convexos, extrovertido); decoradas (“a cepillo”, impressões espatuladas no lábio, bordo denteado, cordões plásticos - pouco proeminentes e verticais, brunidos).

Pedra polida: machados e enxó

Pedra lascada: furador sob lâmina, pequenas lâminas não retocadas, trapézio.

Objectos metálicos: fragmento de anzol, pequena lâmina curva, ambos de cobre.

Restos osteológicos: crânios, maxilares, diversos ossos longos completos e fragmentados, úmeros, rádios, cúbitos, fémures, rótulas, tíbias, perónio.

Cronologia

Calcolítico. Idade do Bronze.

Bibliografia

AAVV, 2009; Serrão, 1962, 1994: 82-83; Cardoso, 1995; Cardoso e Cunha, 1995.

Ilustrações

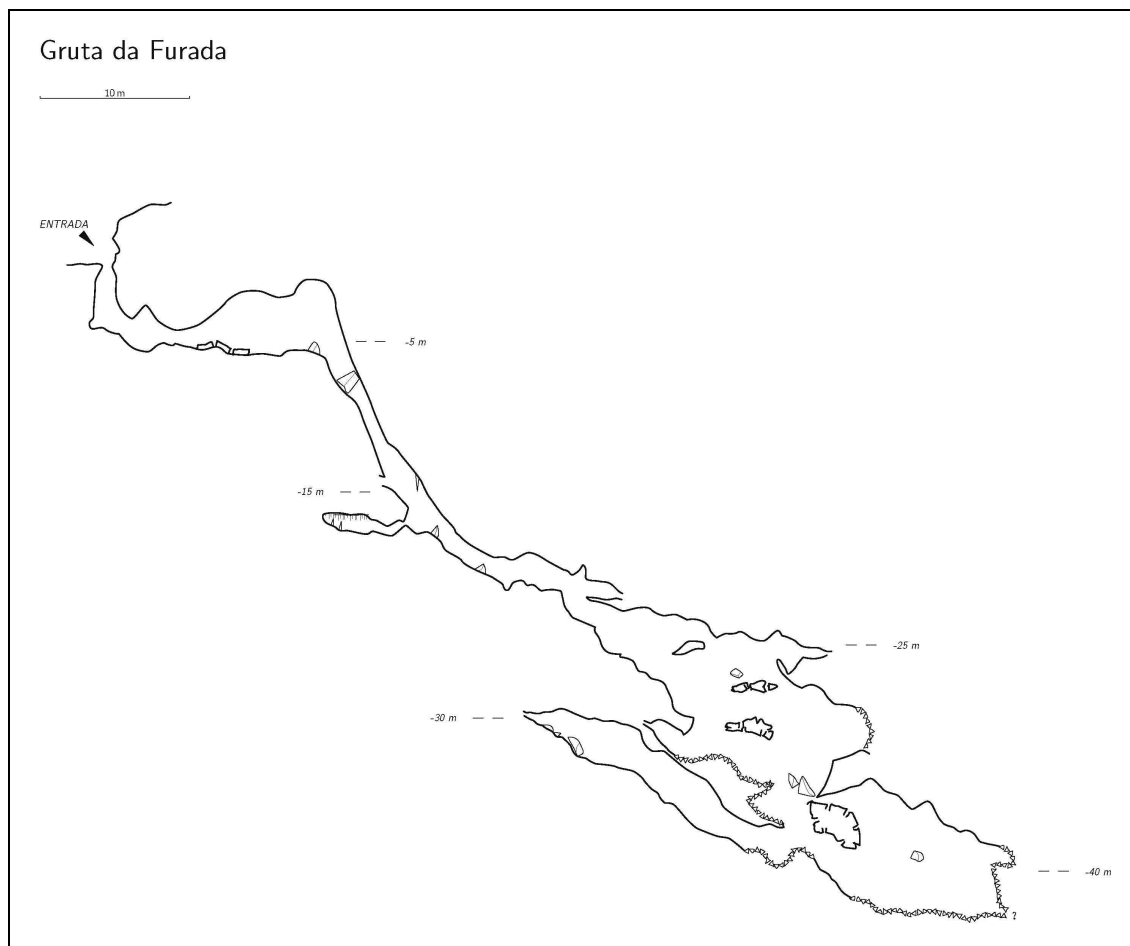


Ilustração 21. Planta actual da Lapa do Furada realizada por Pedro Pinto (CEAE/LPN).

Designação: Lapa 4 de Maio

Localização

M: 108871; P: 162616. Altitude: 85m

CMP: 1/25000. Fl. 464

Tipo: Gruta natural

História do sítio

O sítio foi identificado a 4 de Maio de 1999, no decurso dos trabalhos de prospecção espeleológica realizados pelo NECA, os vestígios arqueológicos encontrados na sala inferior (conta de colar verde, bordo de cerâmica campaniforme e um enxó de anfíbolite), motivaram a suspensão imediata dos trabalhos de desobstrução espeleológica. A primeira publicação desta gruta é feita numa publicação do NECA de 2005, tendo já sido referenciado no âmbito do projecto IACS (Fernandes e Rocha, 1999/2002) e constava na base de dados do Endovélico.

O local foi recentemente revisitado no decurso dos trabalhos de prospecção arqueológica para a elaboração da Carta Arqueológica de Sesimbra. No âmbito desse projecto foi realizado o levantamento topográfico que permitiu recolher, em Junho de 2009, por Rui Francisco e Miguel Amigo uma tábua de madeira com inscrições árabes (Carvalho, 2009). Esta peça encontra-se actualmente exposta no museu da Capela do Espírito Santo em Sesimbra.

Descrição

A Lapa de 4 de Maio situa-se na serra da Azóia, muito perto da povoação da Azóia, num vale conhecido pela população local como Vale Couvo ou Vale das Lapas, por se encontrarem aí várias lapas e abrigos e que registam aliás, quase todas, vestígios arqueológicos.

Na vertente oeste/sudoeste desta encosta encontra-se a Lapa 4 de Maio. Trata-se de uma cavidade natural de progressão horizontal, composta por duas salas que se sobrepõem; a sala superior apresenta um comprimento linear aproximado de 15m e uma largura que varia entre os 5m e os 2m (aproximadamente), com desnível de 0m. A sala inferior possui igualmente um comprimento linear de cerca de 15m, variando a sua largura entre os 2m e os 10m aproximadamente, o desnível é, nesta sala, de -3m.

Implanta-se numa crista de afloramentos rochosos, com as aberturas viradas a Sul. No seu interior, a camada de terra superficial apresenta um tom castanho, com uma textura

muito fina e pouco compacta, regista-se ainda a presença de pedras de diferentes granulometrias, sendo possivelmente, na sua maioria, resultado de desprendimento do tecto da cavidade. A sala de maior interesse no âmbito deste trabalho é a inferior, onde foram identificados os artefactos anteriormente referidos e restos osteológicos, é possível contudo que também a sala superior tenha tido uma utilização como necrópole, mas não existe qualquer informação visível que confirme esta hipótese.

Contexto arqueológico

A prospeção realizada na Lapa 4 de Maio, permitiu identificar a presença de vestígios arqueológicos, em particular na sala inferior, de onde provêm os artefactos que permitiram a sua classificação, sumária, como necrópole do Calcolítico.

Como referi anteriormente, na sala superior foi recentemente recolhida uma tábua de madeira, contendo inscrições árabes (Carvalho, 2009). Trata-se, aparentemente, de um achado isolado, possivelmente resultado da ocultação da peça pela comunidade muçulmana durante as conquistas cristãs deste território, uma vez que até ao momento não se identificaram quaisquer materiais arqueológicos referentes a este período.

A sala inferior é a que reúne, no âmbito deste trabalho, mais interesse, devido ao espólio arqueológico identificado composto por ossos humanos, um bordo de taça campaniforme, com decoração linear pontilhada, uma conta de colar de cor verde, cuja análise revelou ser de talco (Odriozola, 2009), e uma enxó votiva de anfíbolite, que apresenta um gume afiado mas sem qualquer marca de uso.

O fragmento da cerâmica campaniforme e a conta de colar foram estudados com vista à identificação da sua proveniência. Em relação à cerâmica campaniforme verificou-se que a componente química da pasta, após análise e quando comparada com a informação disponível para a cerâmica campaniforme das regiões do Alentejo e Badajoz, (sudoeste peninsular) não possui paralelos com nenhum dos grupos de referência naquela base de dados, pelo que se propôs tratar-se de uma produção local (*Idem, Ibidem*). A este estudo, preliminar, pode-se vir a acrescentar, no futuro, informação de outras estações arqueológicas, preferencialmente com contextos estratigráficos seguros (escavação) de forma a permitir, por um lado, uma caracterização de produções locais e só então, posteriormente, quantificar uma eventual dispersão destes artefactos.

No que diz respeito à conta de colar, que inicialmente se pensava ser de variscite, verificou-se após análise laboratorial, ser de talco (*Idem, Ibidem*), mineral que ocorre igualmente como material de suporte de contas em várias estações com contextos

funerários como os Perdigões (Reguengos de Monsaraz), La Pijotilla (Solana de los Barros), Andévalo Oriental (Huelva). No entanto, não foi ainda possível identificar, com clareza, a região de origem, o autor deste estudo deixa em aberto a possibilidade de, com base nos dados existentes para as contas de variscite em que foi possível determinar a origem, serem precedentes de Pico Centeno (Encinasola, Huelva) ou de Huelva (*Idem, Ibidem*).

Na globalidade, o pequeno conjunto de materiais arqueológicos recolhido na Lapa 4 de Maio apresenta uma relativa homogeneidade, o que permite integrar esta estação num contexto funerário, que possivelmente na sua fase final é enquadrável no Calcolítico pleno. Por comparação com outras estações arqueológicas de Sesimbra, como as lapas do Fumo, do Bugio e dos Pinheirinhos 1, é legítimo aceitar-se a existência de uma possível ocupação para este sítio, a partir do Neolítico final, mas que só escavações futuras poderão atestar.

Materiais

Cerâmica: lisas, de forma indefinidas, com pastas muito grosseiras; decorada, um fragmento de bojo com bordo, com decoração linear pontilhada.

Objectos de adorno: conta de cor verde (talco)

Pedra polida: enxó integralmente polida.

Restos osteológicos: fragmento de calote craniana e ossos longos.

Cronologia

Calcolítico pleno.

Bibliografia

Fernandes e Rocha, 2001; Carvalho, 2009; Odriozola, 2009; AAVV, 2009.

Ilustrações

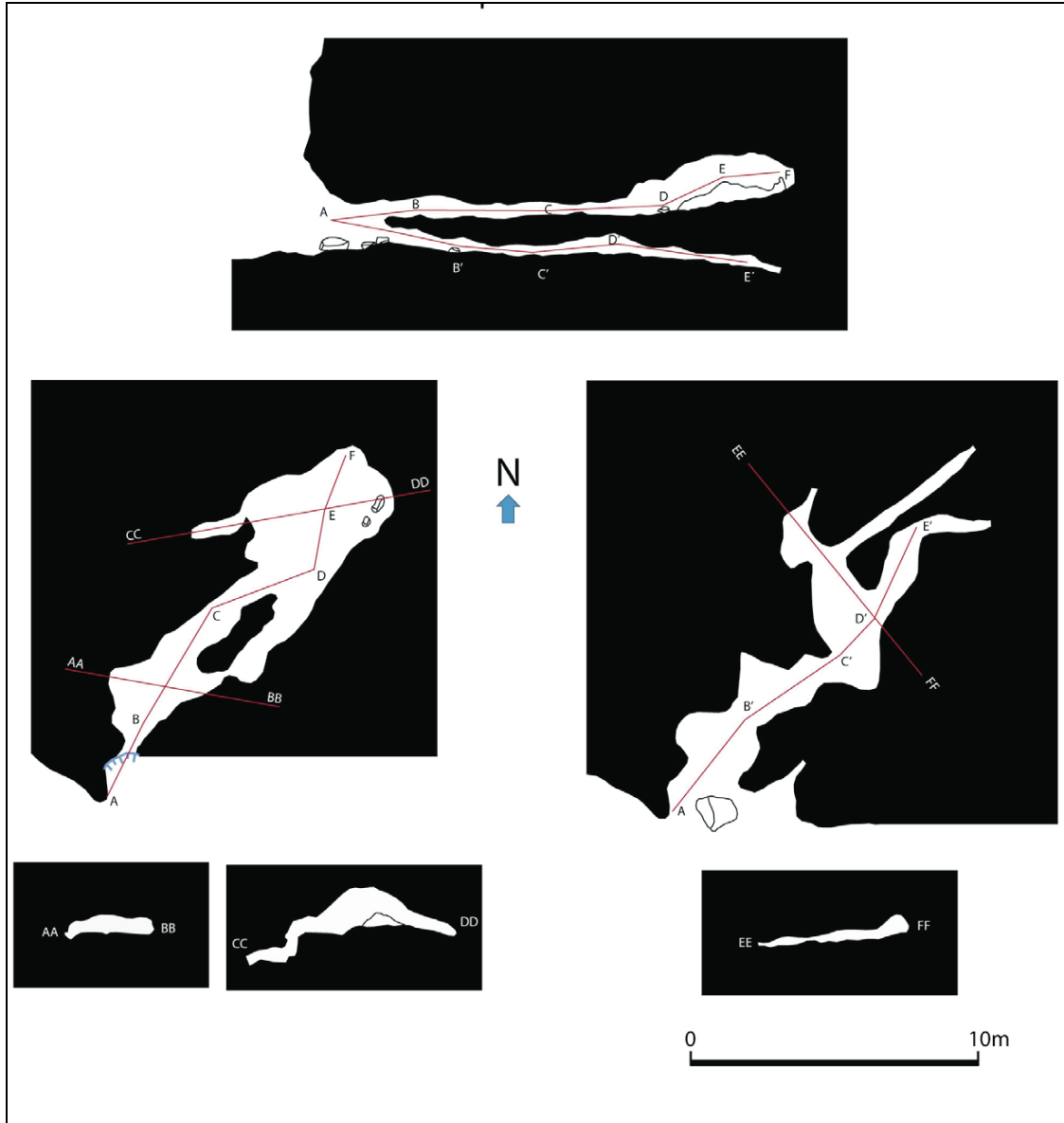


Ilustração 22. Plantas e cortes da Lapa 4 de Maio. Sgd. AAVV. 2009: 117.

Designação: Lapa dos Corvos Marinhos

Localização

M: 108903; P: 162591. Altitude: 80m

CMP: 1/25000. Fl. 464.

Tipo: Gruta natural

História do sítio

Esta cavidade natural foi identificada em 2007, no decurso dos trabalhos de prospecção espeleológica realizados pelo CEAE-LPN, tendo de imediato sido identificada a presença de vestígios arqueológicos (cerâmica e ossos humanos). Visitada no decurso dos trabalhos de prospecção arqueológica para a elaboração da Carta Arqueológica de Sesimbra, não foi contudo possível aferir uma cronologia mais exacta, para este sítio. A primeira referência bibliográfica é efectuada em 2009 (AAVV, 2009).

Descrição

A Lapa dos Corvos Marinhos é uma pequena cavidade natural, que aparentemente se encontra muito colmatada por sedimento arqueológico. Trata-se de uma gruta fóssil, de progressão horizontal, com dimensões aproximadas de 4m de comprimento por 3m de largura, com uma altura média inferior a 1m.

Implantada possivelmente no mesmo sistema cársico da Lapa 4 de Maio, dista desta poucos metros, encontrando-se também a sua abertura virada a Sul. O interior da cavidade é composto por uma camada de terra de textura muito fixa e muito pouco compacta, com coloração castanha.

Contexto arqueológico

A Lapa dos Corvos Marinhos é uma cavidade natural, cujas reais dimensões ainda se desconhecem uma vez que se encontra muito preenchida por sedimentos. A altura média entre o topo da camada e o tecto da gruta é inferior a 1m e o espaço, no seu interior, muito reduzido. Aparentemente, estamos perante um sedimento arqueológico atendendo à presença, ainda que escassa, de ossos humanos e cerâmica de pastas pré-históricas. A inexistência de elementos caracterizadores (bordos, carenas, etc) impede, no momento, uma caracterização cronológica muito precisa.

No entanto, atendendo à presença de ossos humanos, de cerâmica pré-histórica e, por comparação com as outras estações próximas, aceito a hipótese de estarmos perante uma necrópole, embora neste caso apenas uma escavação possa vir a caracterizar o seu contexto cultural.

Materiais

Cerâmica: lisa (não foi possível uma caracterização tipológica)

Restos osteológicos: possivelmente fragmentos de calote craniana, fragmentos de ossos indeterminados.

Cronologia

Pré-história.

Bibliografia

AAVV, 2009.

7.1.3. Outras grutas naturais de Sesimbra

Na área que *grosso modo* integra este estudo, o planalto do Espichel, ocorrem inúmeras cavidades naturais, onde se identificaram espólios arqueológicos de várias épocas, em particular da Idade do Ferro e períodos Romano e Medieval/Moderno.

Na maioria destas cavidades, por não serem visíveis elementos directamente associados com os contextos cronológicos incluídos neste trabalho, optei por não apresentar uma ficha descritiva muito exaustiva. Contudo, também considero que não posso deixar de lhes fazer referência, não só pelas suas características naturais (semelhantes às anteriormente descritas) mas também porque, na ausência de uma escavação, não posso deixar de admitir a possível existência de contextos mais antigos, sem evidências à superfície. Indo um pouco mais além, admito ainda que, com base nos trabalhos arqueológicos já realizados algumas destas cavidades naturais integraram-se certamente na vivência (vida/morte) das populações do Neolítico/ Calcolítico.

Na área do Vale das Lapas, encontramos três cavidades naturais, duas na encosta Este e uma na encosta Oeste que são conhecidas pelas Lapas das Janelas. De salientar que todo este vale apresenta vestígios arqueológicos dispersos, enquadráveis em várias épocas,

e as quatro cavidades que adiante farei referência, distam meia centena de metros das Lapas 4 de Maio e Corvos Marinheiros.

Na encosta entre as praias do Ribeiro do Cavalo e da Mijona surgem também pequenas cavidades; as que se encontram junto à linha de água, não apresentam espólio enquadrável nas cronologias aqui em análise, com exceção da Lapa do Mosquito, que regista a presença pontual de cerâmicas de pasta pré-histórica, contudo devemos procurar a origem destes materiais nas cavidades que se lhe sobrepõem (Withânia e Euphorbia), uma vez que esta cavidade, dada a sua altimetria, é frequentemente varrida pelas águas do mar.

Para além das anteriormente mencionadas, encontram-se um pouco por toda a vertente sul, desde o Cabo Espichel até Setúbal, inúmeras cavidades naturais onde se regista a presença de vestígios arqueológicos, mal caracterizados. Cingir-me-ei, neste estudo, apenas às que se localizam no concelho de Sesimbra, por as conhecer melhor mas também devido às limitações formais do mestrado.

Lapa da Páscoa

(M: 105615; P: 161163 - CMP: 464-1/25000)

Cavidade composta por uma sala com cerca de 20m², encontra-se muito colmatada por um sedimento muito homogéneo que cobre todo o chão da cavidade onde se identificaram apenas ossos e crânios de caprinos. Acede-se a esta sala por um corredor baixo e estreito com cerca de 5m, onde se recolheram pequenos fragmentos de cerâmica manual incaracterística. A ausência de mais informação não permite uma melhor caracterização cronológica.

De realçar que se trata de uma cavidade cujo acesso externo é difícil, obrigando à utilização de cordas. Foi identificada os trabalhos de prospecção espeleológica do NECA, tendo sido posteriormente revisitada no âmbito deste trabalho.

Lapa da Janela 1

(M: 109006; P: 162670 - CMP: 464-1/25000)

Conjunto de pequenas cavidades naturais, interligadas (algumas), onde por vezes ocorre à superfície uma espessa camada composta por excremento de animais (maioritariamente de cabra, o espaço foi usado em tempos para guardar rebanhos). Nos trabalhos de desobstrução do NECA, surgiram alguns materiais arqueológicos, a saber, cerâmica manual (brunidas e elementos de prensão), e de roda. Estes materiais foram recolhidos no interior e exterior da cavidade.

Este sítio foi referenciado no âmbito do projecto IACS (Fernandes e Rocha, 1999/2002), e revisitado no decurso dos trabalhos de prospecção arqueológica para a revisão da Carta Arqueológica de Sesimbra (AAVV, 2009), tendo-se recolhido mais materiais arqueológicos e afinado a cronologia.

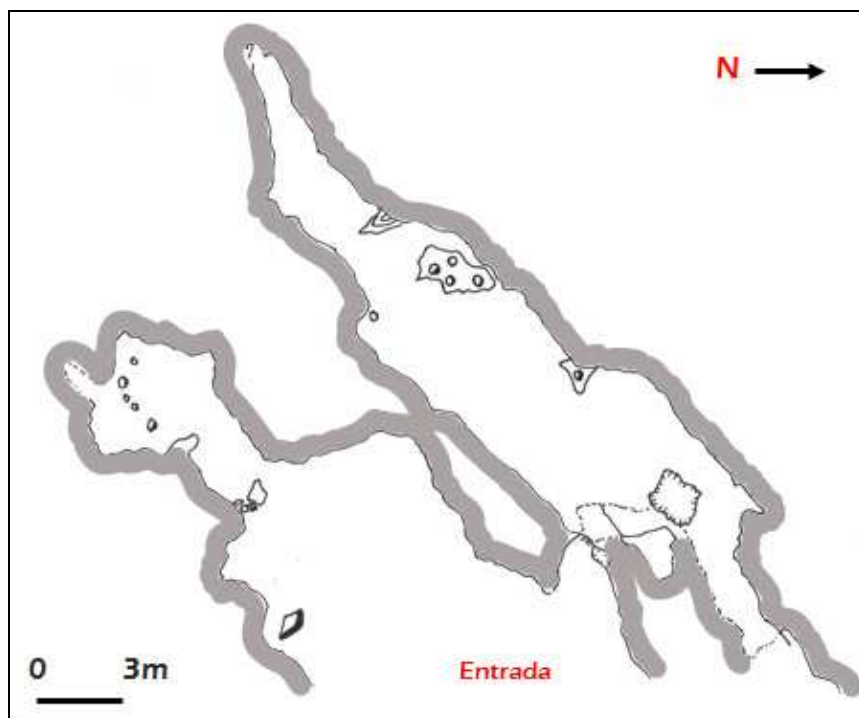


Ilustração 23. Lapa da Janela 1. Planta sgd NECA.

Lapa da Janela 2

(M: 109000; P: 162600 - CMP: 464-1/25000)

Cavidade natural composta por uma sala com cerca de 15m² que se encontra parcialmente colmata, apresentando-se a rocha base em quase toda a área. Numa pequena área, do lado esquerdo da entrada, no que parece ser uma fenda, foram realizados trabalhos de desobstrução espeleológica tendo-se recolhido (por Rui Francisco) um pequeno vaso de colo estrangulado, brunido e com fundo em *onphalo* (ver anexo). O sítio foi revisitado no decurso dos trabalhos de prospecção arqueológica para a revisão da Carta Arqueológica de Sesimbra (AAVV, 2009), não se tendo recolhido mais materiais. Pelas características desta cavidade fica por esclarecer qual o contexto e cronologia da sua aparente utilização.

Lapa da Janela 3

(M: 108942; P: 162769- CMP: 464-1/25000)

Cavidade composta por duas salas, com cerca de 20m², encontrando-se pouco

colmatada por sedimentos. Nos trabalhos de prospecção espeleológica do NECA foram recolhidos lascas de sílex e quartzito, bem como fragmentos de cerâmica de pasta manual. Foi referenciada no âmbito do projecto IACS (Fernandes e Rocha, 1999/2002) e revista no decurso dos trabalhos de prospecção arqueológica para a elaboração da Carta Arqueológica de Sesimbra (AAVV, 2009) tendo-se recolhido materiais apenas no exterior, no acesso a cavidade.

Lapa do Vale

(M: 108800; P: 162551- CMP: 464-1/25000)

Cavidade natural totalmente colmatada por sedimentos até à entrada. Foi identificada nos trabalhos de prospecção espeleológica do CEAE-LPN, tendo sido registada a presença de um fragmento de calote craniana; a ausência de materiais arqueológicos não permite adiantar cronologias. Foi recentemente revista no decurso dos trabalhos de prospecção arqueológica para a elaboração da Carta Arqueológica de Sesimbra, não se tendo acrescentado mais informação (AAVV, 2009).

Lapa do Jerónimo

(M: 109479; P 163301 - CMP: 464-1/25000)

Esta cavidade apresenta um desenvolvimento de 7m de comprimento para uma largura inferior a 2m, pouco mais de 1m de altura, no seu interior. No meio de pequenos blocos foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica medieval, um fragmento de cerâmica manual e um artefacto de osso afeiçoado (Moreno Garcia e Pimenta, 2009). Esta cavidade foi identificada no âmbito dos trabalhos de prospecção espeleológica do CEAE-LPN e revisitada no decurso dos trabalhos de prospecção arqueológica para a elaboração da Carta Arqueológica de Sesimbra, altura em que foi recolhido o espólio (AAVV, 2009).

Withania

(M: 109479; P 163301 - CMP: 464-1/25000)

Trata-se de uma pequena cavidade, composta por uma sala com cerca de 14m. Foi identificada nos trabalhos de prospecção espeleológica do NECA e recentemente revista no âmbito dos trabalhos de Carta Arqueológica (AAVV, 2009). No decurso destes trabalhos registou-se a presença de restos de talhe (sílex).

Euphorbia

(M: 112690; P 163127 - CMP: 464-1/25000)

Pequena cavidade composta por duas salas ligadas, com uma área aproximada e 26m², apresentando-se muito colmatada por sedimentos. Foi identificada nos trabalhos de prospecção espeleológica do NECA, onde a descoberta de um artefacto em osso decorado (NECA, 2005) levou à suspensão dos trabalhos de desobstrução. Foi recentemente revista no decurso do projecto da Carta Arqueológica, mas não se identificaram mais materiais arqueológicos (AAVV, 2009).

De salientar que estas cavidades estão muito próximas de um abrigo, Abrigo do Mosquito, onde se registou a presença de restos de talhe em sílex e quartzo(?), bem como cerâmica manual lisa (bojos), com pastas que apresentavam diferentes tratamentos.

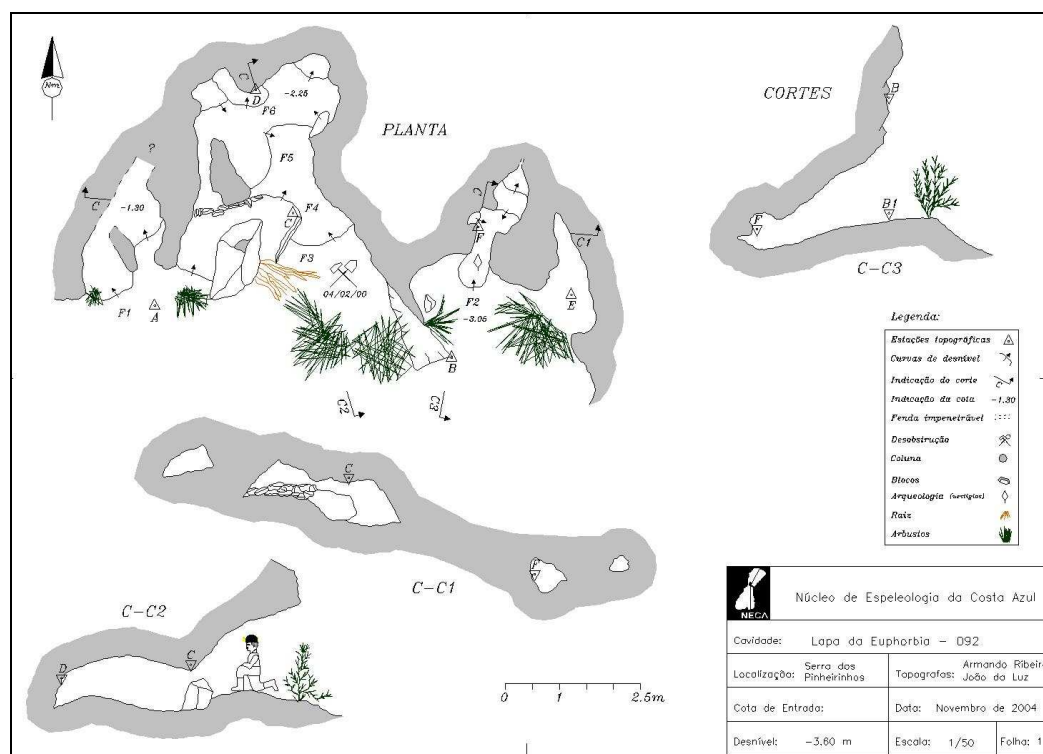


Ilustração 24. Plantas e cortes da Lapa da Euphorbia. Sgd NECA.

Lapa da Cova

A cavidade situa-se na parte superior da arriba da Serra da Achada. Possui uma grande entrada, com cerca de 16m largura, 12m de altura e um comprimento linear de 33m sendo visível apenas pelo mar. Foi identificada nos trabalhos de prospecção espeleológica do NECA, em 1995, tendo sido identificados materiais arqueológicos à superfície. No âmbito do projecto da Carta Arqueológica foram recolhidos mais materiais arqueológicos

(AAVV, 2009).

Em 2010 foi intervencionada por Mário Carvalho, desconhecendo-se ainda os resultados destes trabalhos.

O acesso ao interior da cavidade é feito através de uma escalada simples na arriba.

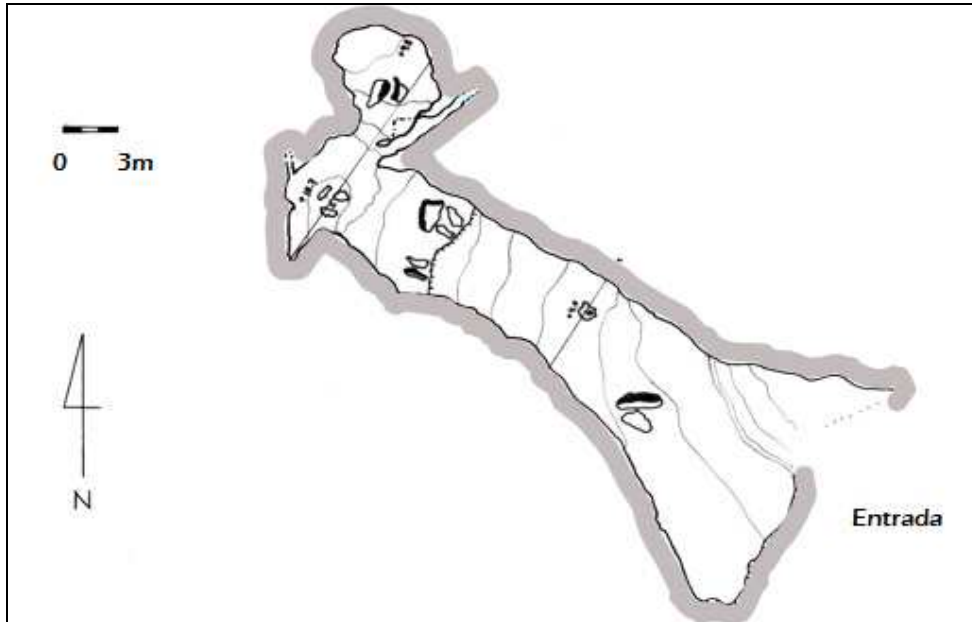


Ilustração 25. Planta da Lapa da Cova, sgd NECA.

7.1.4. As grutas artificiais

Na área em estudo não foi identificada, com clareza, nenhuma gruta artificial. Na realidade, no verão de 2008, no âmbito de um acompanhamento arqueológico de obras de remodelação/ampliação de uma estrada, na povoação dos Fornos, a arqueóloga responsável considerou ter identificado uma estrutura artificial que se estendia, em parte, sob o pavimento. A equipa que se encontrava a tratar dos trabalhos da Carta Arqueológica foi contactada no sentido de emitir uma opinião tendo-se, na altura, considerado tratar-se de uma cavidade natural.

Na área envolvente, nomeadamente nas penínsulas de Setúbal e de Lisboa, existem grutas artificiais, escavadas no decurso do séc. XX e cujos espólios apontam para cronologias mais tardias. Tradicionalmente este tipo de estruturas funerárias tem sido associado a tradições oriundas do mundo Mediterrânico.

Trata-se de grutas artificiais, escavadas em rochas brandas (regra geral nos designados calcários brandos) que foram intervencionadas no decurso do séc. XX e cujos

espólios apontam para uma primeira utilização em períodos posteriores aos das grutas naturais. Apresentam algum polimorfismo arquitectónico que vai desde uma simples cavidade, com acesso a partir de poço até estruturas mais complexas com câmara, antecâmara e corredor.

Na península de Setúbal foram identificados três áreas com estruturas funerárias com estas características: S. Paulo (Almada), constituído por dois hipogeus, Convento dos Capuchos (Palmela) que apresentou um hipogeu muito destruído e a Quinta do Anjo (Palmela).

7.1.4.1. Os hipogeus da Quinta do Anjo

As grutas artificiais da Quinta do Anjo localizam-se na freguesia da Quinta do Anjo, concelho de Palmela, a uma cota de 104,2m. Trata-se de um grupo de quatro cavidades, escavadas nos afloramentos calcários do miocénico, que apresentam uma configuração em alinhamento, com uma orientação aproximada de ENE-WSW.

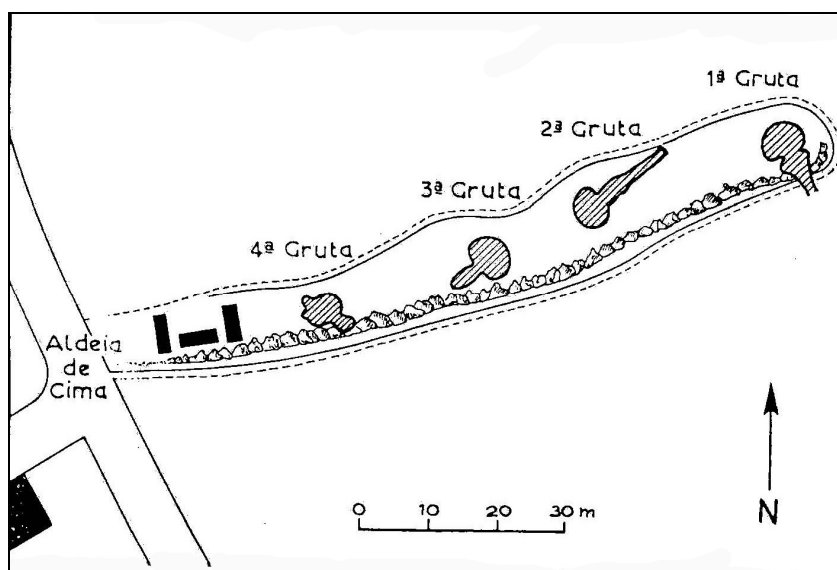


Ilustração 26. Localização da necrópole da Quinta do Anjo (sgd. Leisner *et al*, 1961)

Os primeiros trabalhos de registo arqueológico remontam a 1876, efectuados por António Mendes sob a orientação de Carlos Ribeiro. Os levantamentos então efectuados foram objecto de publicações, nos anos seguintes, por autores como Émile Cartailhac e José Leite de Vasconcelos (Soares, 2003).

Em 1906, António Marques da Costa retoma as escavações e o estudo dos hipogeus ao verificar que estes não haviam sido integralmente escavados, é também este autor que

inicia um estudo sobre o seu enquadramento regional, em particular a relação da necrópole com os povoados da Rotura e de Chibanes. (*Idem, Ibidem*).

Nos anos sessenta do século XX, Vera Leisner publica uma monografia a partir do espólio existente no Museu Nacional de Arqueologia, apresentando ainda de forma exhaustiva um estudo desta estação no *Die Megalithgraber de Iberischen Halbinsel*. (Leisner e Leisner, 1959).

Em 1979, Thomas Bubner publica um estudo sobre os restos osteológicos da necrópole da Quinta do Anjo depositado no MNA (Soares, 2003), mas é já no século XXI que as grutas artificiais localizadas no Casal do Pardo (designação pelas quais também são conhecidas) têm uma monografia completa que integra o estudo das colecções que se encontram distribuídas pelos museus dos Serviços Geológicos e Nacional de Arqueologia, da autoria de Joaquina Soares. (*Idem, Ibidem*).

Como referi anteriormente, as grutas artificiais da Quinta do Anjo são compostas por quatro hipogeus escavados na rocha, apresentando todos a mesma tipologia, possuem um câmara funerária de planta sub circular cujos diâmetros máximos variam entre os 4,60m e os 5.50m; o tecto em abóbada possui uma clarabóia central, têm igualmente uma antecâmara, de planta oval e um corredor estreito com um ligeiro desnível, descendente, em direcção a câmara. O comprimento máximo do conjunto câmara, antecâmara e corredor varia entre os 9.75m – hipogeu 1, 11,50m – hipogeu 2, 10,0m – hipogeu 3; no caso do hipogeu 4, a destruição do corredor e de parte da câmara e da antecâmara não permite medir este sepulcro (*Idem, Ibidem*).

De salientar que os sepulcros quatro e três apresentavam-se parcialmente afectados pela exploração de uma pedreira nas proximidades, o que não impediu a identificação de uma segregação dos espaços, que possui aliás paralelos na Lapa do Bugio e em outras sepulturas do Neolítico/ Calcolítico do Sul de Portugal.

Do ponto de vista da orientação das aberturas dos hipogeus, este é bastante diversificada, possuindo uma amplitude cuja explicação pode passar pela localização de alguns povoados do Neolítico Final do sector oriental da Arrábida (*Idem, Ibidem*).

Quanto ao ritual funerário, a proposta apresentada por Joaquina Soares (*Idem, Ibidem*) com base noutros contextos culturais correlacionados, é a existência de deposições primárias, acompanhadas de espólio, de indivíduos junto as paredes das câmaras, na fase inicial do monumento. Posteriormente, as deposições, por falta de espaço, deslocam-se para o centro câmara e, mais tarde, numa fase final, possivelmente o acesso passa a efectuar-se pela clarabóia. Em todo o caso, também nas grutas artificiais da Quinta do Anjo

deverá ter ocorrido a constituição de ossários, até pela necessidade de gerir o espaço numa longa diacronia de utilização (*Idem, Ibidem*).

A presença de rituais associados ao fogo, dentro da câmara, apenas parece confirmada num enterramento do hipogeu 4; o mesmo se verifica em relação à presença do ocre, que se resume a um pequeno fragmento, recolhido no hipogeu 3.

Em relação ao estudo antropológico dos restos osteológicos recolhidos nos quatro hipogeus da Quinta do Anjo, devo referir que este incidiu apenas sobre o conjunto que se encontrava depositado no Museu Nacional de Arqueologia, não sendo representativa do todo. Assenta no estudo de cerca de cinquenta indivíduos, tendo-se verificado que se trata de uma população natural, que inclui indivíduos de várias faixas etárias e de ambos os sexos, embora aparentemente com uma maior ocorrência de adultos/velhos (*Idem, Ibidem*).

Mas, a notoriedade das grutas artificiais da Quinta do Anjo deve-se, sem dúvida, à riqueza e variedade, do seu espólio, tornando-as uma referência a nível nacional e internacional.

Em termos gerais, o espólio dos quatro hipogeus é muito homogéneo. No que concerne aos recipientes cerâmicos, não decorados, regista-se a presença de taças em calote de esfera, esféricas de fundo estrangulado, hemisféricas (de várias dimensões), taças de bordo espessado e/ou ligeiramente saliente, pratos de bordo simples e espessado internamente. Ao nível da cerâmica decorada verifica-se a presença dos copos com decoração em espinha, vaso com decoração canelada e fragmentos (forma indeterminada) com caneluras paralelas entre si, com aplicações mamilares; regista-se igualmente a presença da denominada decoração simbólica, com um padrão assente em duas linhas paralelas quebradas (técnica incisa) cujo padrão sugere tatuagens faciais. Ainda no conjunto das cerâmicas decoradas destaca-se o conjunto das decorações campaniformes, cujas técnicas mais frequentes são a pontilhada e a incisa, bem como o linear-pontilhado, em formas como caçoilas, taças de diferentes diâmetros, taça em calote de esfera, taça de bordo espessado. A distribuição do padrão decorativo nas peças é muito diversificado, podendo ocorrer no lábio do bordo, sob o bordo ou em barras paralelas e/ou perpendiculares, bojo profusamente decorado e/ou ainda junto ao fundo. (*Idem, Ibidem*).

Ao nível da indústria lítica, verifica-se a presença de pedra polida, representada por machados, quer de secção circular, quer rectangular e enxós. A pedra lascada, por utensílios de base laminar e lamelar com e sem retoque, geométricos, núcleos, pontas de seta de base triangular e triangular/pedúnculo, de base rectilínea e base côncava. A

matéria-prima mais utilizada é o sílex e o quartzo hialino e menos frequente o xisto jaspóide.

Também se regista a presença de pequenas placas em grés, vulgarmente identificadas como braçais de arqueiro.

A indústria óssea é representada por pontas em osso (furadores ou punhais?).

Dentro da categoria do adorno, regista-se a presença de contas de mineral verde, calcário, xisto, anfíbolite, azeviche, marfim e de concha, alfinetes de cabelo com cabeça postiça lisos e decorados com caneluras, botões manufacturados sobre concha, osso, marfim com formas circulares, antropomórficas, perfuração em V, sub-rectangular e ainda, pendentes manufacturados sobre diferentes matérias-primas como rochas verdes, presas de lobo e javali ou xisto. (*Idem, Ibidem*).

Nos artefactos votivos verifica-se a presença de placas de xisto decoradas com motivos geométricos, artefactos de calcário com tipologias variadas, em geral designados por ídolos de calcário como os cilindros, lisos e decorados, com caneluras, hemisfério de face aplanada e/ou caneluras, um de forma fálica e um machado; há ainda pequenas placas, trapezoidal e triangular, pequenos vasos (vulgarmente designados de almofariz). Igualmente associado a espólio de carácter ritual temos peças manufacturadas sobre ossos, pequenas placas, recipientes cilíndricos (vasos) com e sem decoração em canelura. (*Idem, Ibidem*).

A presença dos artefactos metálicos ocorre em pontas (pontas tipo Palmela), punções, de pedúnculo alongado, agulha e objectos indeterminados todas as peças de cobre; em ouro há a registar a presença de pequenos tubos em ouro (três), uma pequena espiral e duas placas. (*Idem, Ibidem*).

O enquadramento cronológico das grutas artificiais da Quinta do Anjo, de acordo com as propostas recentemente apresentadas (*Idem, Ibidem*), situar-se-á, na fase inicial, Neolítico final sendo esta a fase de construção destas estruturas; esta leitura assenta numa análise comparativa da cultura material (como por exemplo a presença das placas de xisto) e em particular quando comparada com estruturas coevas, mas cuja utilização foi menos prolongada, como o hipogeu 1 de S. Paulo (Almada) ou em outras grutas artificiais, como Monte do Castelo (Oeiras) ou Monte Canelas (Lagos) cujas cronologias apontam para a segunda metade do IV milénio a.C.; a sua utilização prolonga-se por todo o Calcolítico, tendo ocorrido o abandono já no Calcolítico Final. De salientar que as datações C14 efectuadas na Quinta do Anjo, obtidas a partir de um objecto de osso e de uma amostra de osso humano, são de $4050\pm 60\text{BP}$ e $4040\pm 70\text{BP}$.

Esta cronologia é, grosso modo, proposta também para outras estruturas escavadas na rocha, como S. Paulo (cuja tipologia arquitectónica é semelhante e a cultura material se repete), mas também é partilhada por outras grutas artificiais na Estremadura, como Alapraia ou Carenque (Gonçalves, 2005).

7.1.5. Os tholoi

Em 1972, Octávio da Veiga Ferreira e Georges Zbyszewski, no decurso dos trabalhos de levantamento para a Carta Geológica de Setúbal, identificaram o monumento da *Roça do Casal do Meio*, tendo a sua escavação ocorrido, nesse mesmo ano, com a colaboração de Konrad Spindler (Spindler *et al*, 1973-1974). Trata-se de um monumento de falsa cúpula, com câmara de planta circular, que continha apenas o enterramento de dois indivíduos do Bronze final, atendendo ao espólio recolhido, composto por cerâmicas brunidas, pente de marfim, pinças e fíbula de enrolamento em arco (Cardoso, 2000).

Este sítio é considerado por muitos investigadores como emblemático e representativo de uma forte componente cultural mediterrânica, tendo sido proposto tratar-se de um enterramento de indivíduos, possivelmente comerciantes, provenientes do Mediterrânico Central - para além do espólio também a estrutura tumular foi comparada com a arquitectura das *tholoi* micénicas (Cardoso, 2000; 2005).

Esta interpretação foi questionada por J. L. Cardoso (Cardoso, 2000: 65) uma vez que atendendo à cronologia da *Roça do Casal do Meio*, esta seria anterior cerca de duzentos anos, às referidas estruturas micénicas.

De facto a explicação proposta pelos seus escavadores (Spindler *et al*, 1973-1974) tem levantado algumas dúvidas, pela raridade (foi recentemente escavado um tholos no Algarve por J.L. Cardoso, com uma reutilização do Bronze final), embora os elementos que compõem o espólio tenham surgido, pontualmente, igualmente em contextos funerários, mas em estruturas sepulcrais distintas.

Pelas suas características singulares (estrutura, ritual funerário e conjunto artefactual), este monumento tem vindo a ser recorrentemente citado e interpretado, sendo de J. Harrison (Harrison, 2007) a mais recente reinterpretação. Segundo este autor, as características arquitectónicas do monumento enquadram-se nos dos *tholoi* do Calcolítico do sudoeste peninsular, e o contexto funerário escavado reporta-se, não aos da sua fase inicial, mas a uma reutilização do monumento para um enterramento do Bronze final; defende ainda que se trata de dois indivíduos sepultados, em diferentes fases, possivelmente dois elementos importantes das elites locais.

Com base nesta interpretação podemos considerar a hipótese de existência de um *tholos* na península de Setúbal, durante o Calcolítico, em todo o caso até ao presente este seria o único. De facto, apesar de no decurso dos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da Nova Carta Arqueológica de Sesimbra se terem identificado algumas estruturas circulares, na área da Roça do Casal do Meio, o seu estado de conservação e a ausência de evidências materiais à superfície não me permite interpretá-las como estruturas funerárias, pré ou proto-históricas, sem escavações.

Em todo o caso trata-se de um sítio com características muito peculiares e, até ao presente uma excepção, pelo que prefiro deixar em aberto qualquer leitura.

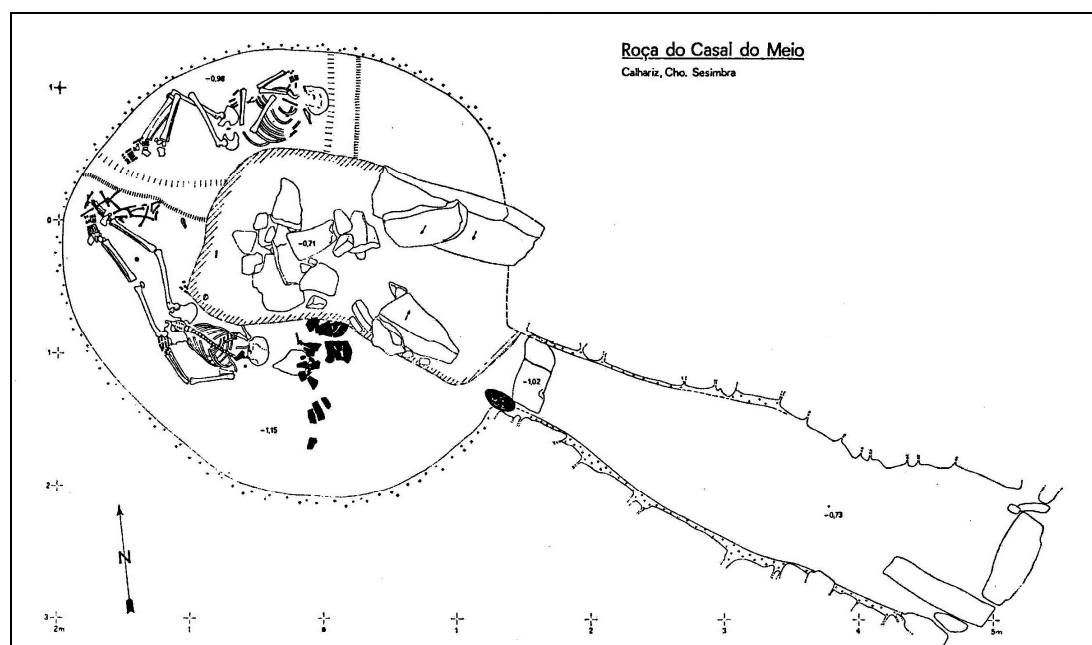


Ilustração 27. Planta da Roça do Casal do Meio com indicação dos enterramentos e espólio. (sgd. Spindler e Veiga Ferreira, 1973)

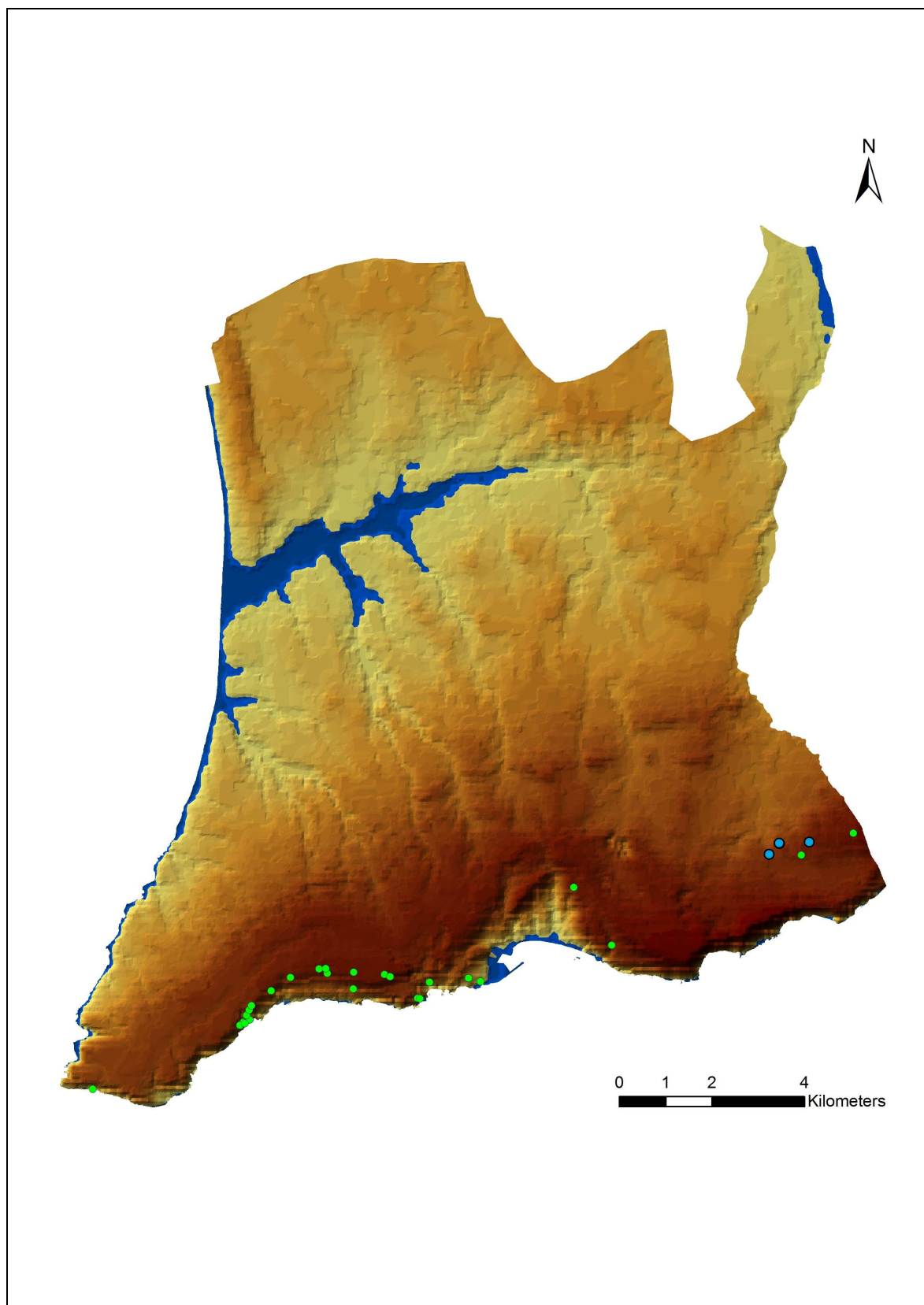


Ilustração 28. Grutas (verde) e eventuais *tholoi* (azul) de Sesimbra.

7.2. O povoamento

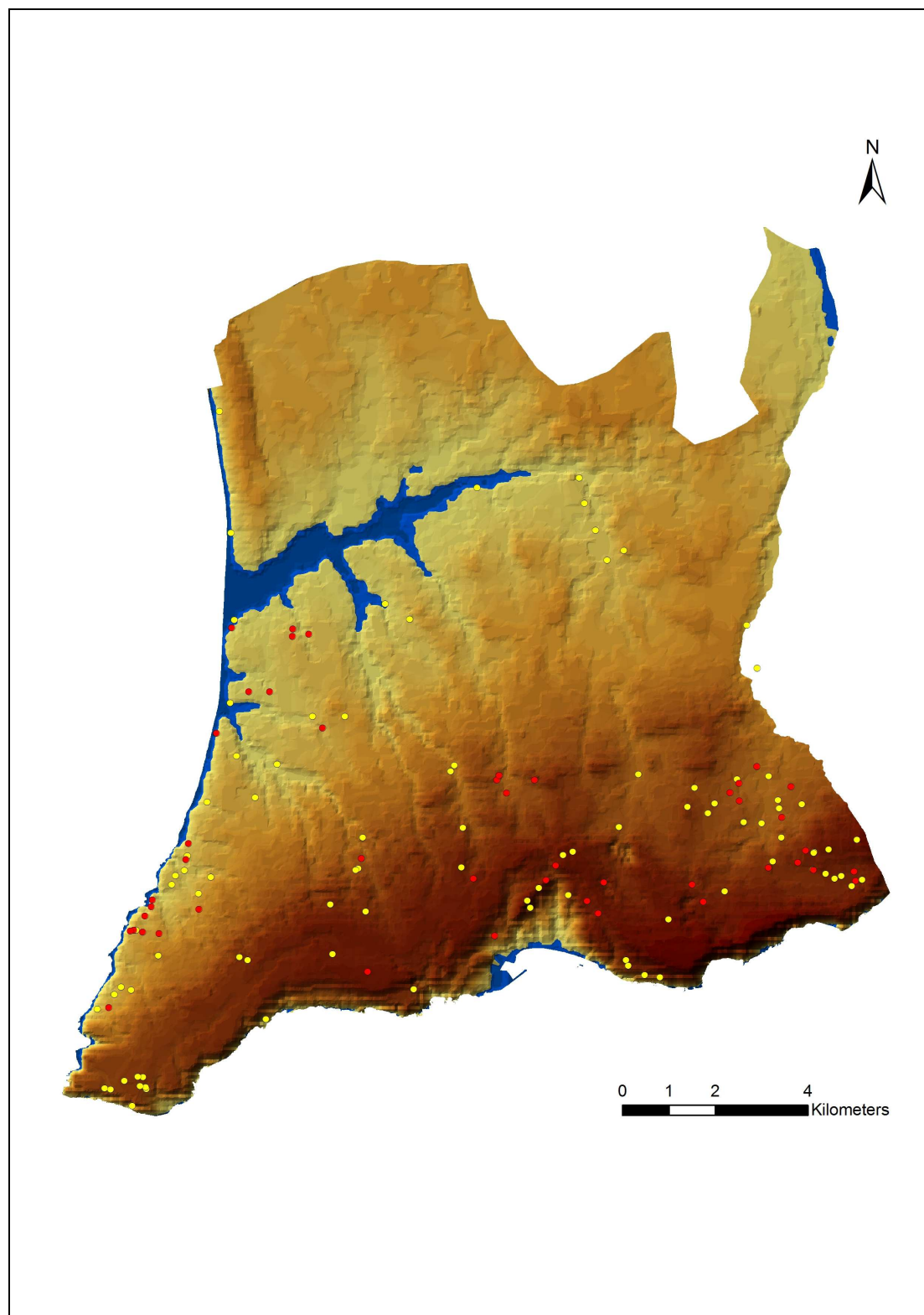


Ilustração 29. Povoamento pré-histórico de Sesimbra. Povoados (vermelho) e Achados avulsos (amarelo)

A utilização das grutas junto do litoral foi defendida como resultado da movimentação sazonal das populações do interior para o litoral, (Cardoso, 2000; Gonçalves, 1999) que dispendo destes espaços neles efectuaría inumações, o carácter temporário destas comunidades não permitiria a disponibilidades para a construção de estruturas funerárias.

Como referi anteriormente, em Sesimbra para além de um provável *tholos* (Roça do Casal do Meio) e de outras estruturas indefinidas, recentemente interpretadas como prováveis *tholoi* (AAVV, 2009) não foi, até ao momento, identificado qualquer monumento megalítico, apesar de algumas indicações da presença de antas nas localidades da Azóia e Sampaio, em Sesimbra. Esta informação não foi até ao momento confirmada, e este quadro estende-se a toda a península de Setúbal, estando os contextos funerários neocalcolíticos atestados apenas em grutas naturais e grutas artificiais.

Embora seja sempre muito subjectivo a correspondência entre um povoado e uma necrópole, verifica-se em Sesimbra a existência de vários sítios com evidências, claras, de se tratar de povoados cujo registo material se enquadra, culturalmente, com o que se surge nas necrópoles.

As várias grutas - necrópole anteriormente referidas, enquadram-se numa longa cronologia de ocupação para o qual existe na área envolvente correspondência no mundo dos vivos.

Em termos gerais, com base nos dados existentes para o povoamento desta área verifica-se que existem grandes contrastes, em termos de registo arqueológico.

Tomando com ponto de referência apenas o concelho de Sesimbra, para o qual disponho de dados mais actualizados, por ter co-dirigido projectos de investigação que visavam a identificação de sítios pré e proto-históricos (AAVV, 2009; Fernandes e Rocha, 2008), verifica-se que a informação existente não nos permite aferir cronologias muito finas, uma vez que estamos a trabalhar essencialmente com dados de superfície que ou por serem escassos, ou por serem incaracterísticos, não permitem grandes extrapolações.

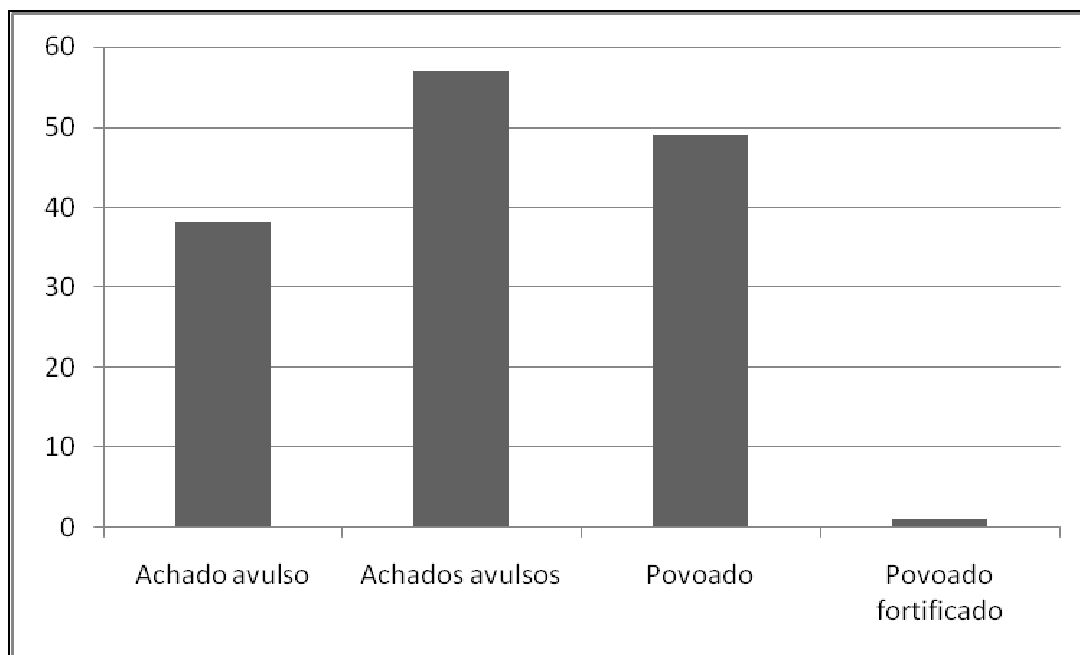


Gráfico 1. Tipos de sítios Neo-Calcolíticos do concelho de Sesimbra

Se analisarmos sob a perspectiva do Tipo, verificamos que a esmagadora maioria dos sítios registados pertencem às categorias de Achado avulso (1 peça) e Achados avulsos (várias peças). Claro que a distinção entre Achados avulsos e Povoado pode ser sempre questionada. O limite está, na realidade, dependente da equipa de prospectores/arqueólogos que realiza o trabalho. Na realidade, se alargarmos esta análise a outras escalas, podemos constatar que, na base de dados do IGESPAR (Endovélico) estas categorias se podem multiplicar (achados dispersos, manchas de materiais, etc). Em Sesimbra, a opção foi pelo número, tipologia dos artefactos e matérias-primas. Mas, reconheço, poderia ter sido outra.

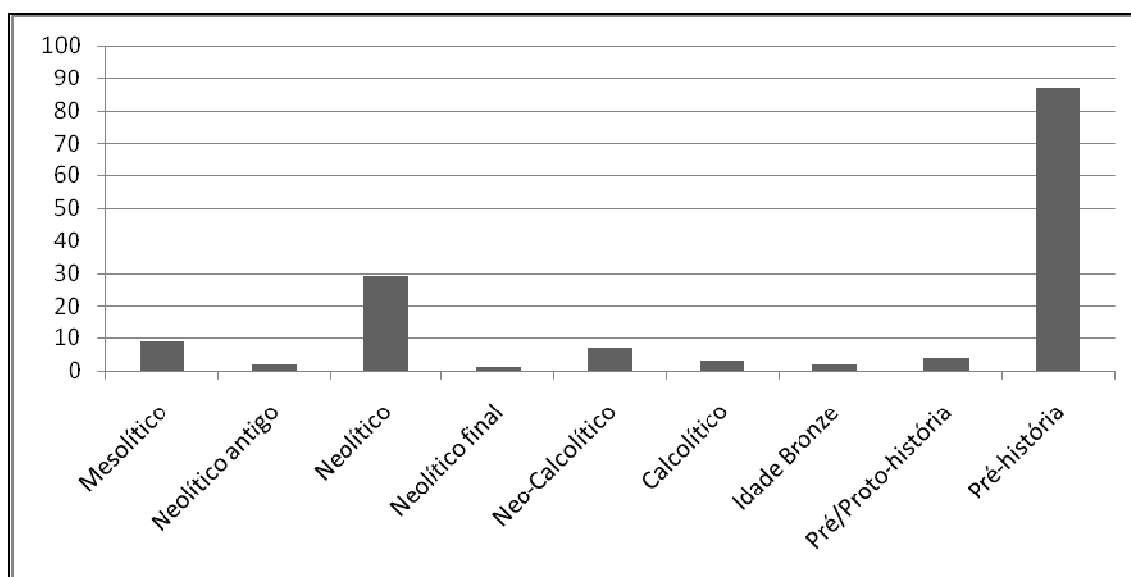


Gráfico 2. Sítios por cronologia no concelho de Sesimbra

Claro que se analisarmos os dados na perspectiva cronológica, verificamos que o grau de informação que dispomos para analisar o povoamento desta área é, ainda, mais ambíguo. De facto, raros foram os sítios que forneceram artefactos, à superfície, que permitissem atribuir, com alguma segurança, uma cronologia pelo que a maioria acabou por ser genericamente classificado como “Pré-histórico”. Mas, apesar de raros, alguns dos sítios podem e devem ser aqui referidos.

Orlando Ribeiro (Ribeiro, 1937) refere que, em termos agrícolas, os solos mais propícios a esta actividade são os que se encontram nos vales e colinas, nas aluviões das ribeiras, na planície que se encosta aos relevos pré – arrábicos, nas proximidades de Sesimbra, nas terras perto da Lagoa de Albufeira e do Calhariz, nas terras do Risco e depois em Azeitão e Vale do Picheleiro. Nestas áreas as culturas dominantes são os cereais (trigo), o milho, a vinha, hortaliças, legumes árvores de fruta e oliveiras. Pelo contrário, as terras da área do Cabo Espichel são pobres apenas existindo culturas que não necessitem de ser irrigadas artificialmente, como o trigo, a vinha e a oliveira, mas apenas nas áreas mais abrigadas (*Idem, Ibidem*).

Esta análise parece poder aplicar-se a tempos mais antigos. De facto, se analisarmos os dados sobre o povoamento pré e proto-histórico verifica-se que a área do Cabo Espichel tem vestígios de povoamento, do Paleolítico. A partir do Neolítico, este povoamento desloca-se para as áreas referidas por O. Ribeiro.

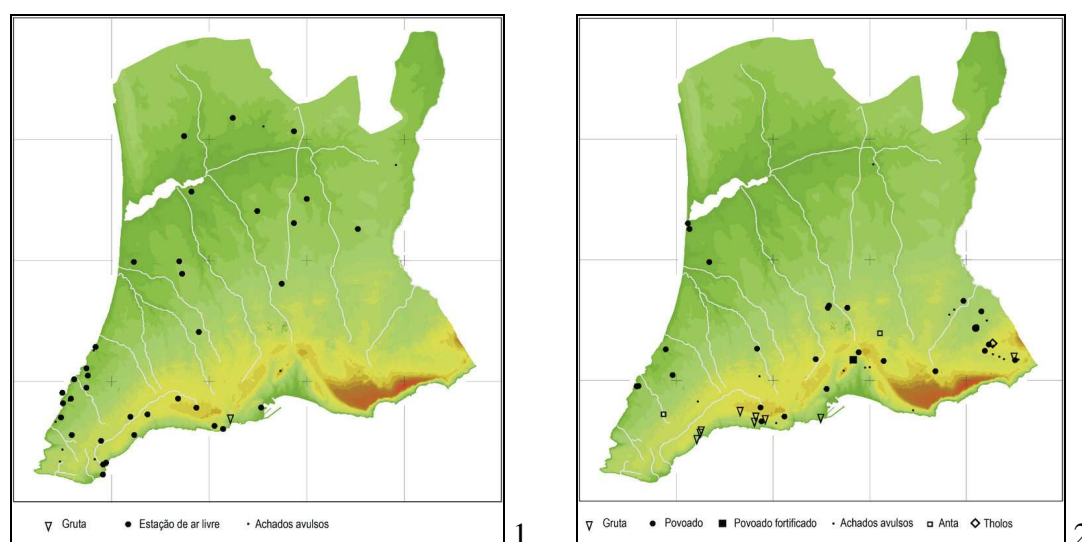


Ilustração 30. Povoamento Paleolítico (1) e Neolítico (2). Sgd. AAVV, 2009.

O povoamento do Neolítico antigo encontra-se documentado em encostas suaves ou em vastas plataformas como a Fonte de Sesimbra (Soares, *et al*, 1979), o Lagão, o Casal do

Meio, a Roça do Casal Meio 6 (AAVV, 2009) e Pinheirinhos (Silva e Soares, 1986). Nestes sítios recolheram-se cerâmicas decoradas (impressa, incisa e plástica) e pedra lascada. Por se tratar de trabalhos de prospecção desconhecem-se as características e em particular qual o seu sistema económico, em qualquer dos casos, a maioria destes sítios não se implanta sob a linha de costa.

A ligação ao mar parece ter sido, no entanto, um factor de referência para as comunidades humanas que cronologicamente lhes sucedem e cuja presença está atestada no povoado do Pontal (Cardoso, 2000), também em Sesimbra foram identificados três povoados abertos, (AAVV, 2009) sem condições naturais de defesa e implantados sob a linha de costa apontando para uma exploração de recursos de cariz marítima. Sob a praia das Bicas, o Arneiro das Bicas 1, onde se recolheram fragmentos de cerâmica manual, seixos talhados, sílex e elementos de mó (movente e dormente em arenito); a Foz do Paraíso 1 e 2 onde se identificaram dispersos, por duas áreas paralelas, fragmentos de cerâmica manual, restos de talhe em sílex e lascas de quartzo e sílex. Apesar de entre os dois sítios existir uma faixa onde não se recolheu qualquer material (por isso estar designado por 1 e 2) considero que, possivelmente, poderá tratar do mesmo povoado, dispersando-se os vestígios por uma área extensa.

Com referi anteriormente, nesta vertente litoral oeste de Sesimbra, verifica-se uma disparidade acentuada entre a abundância de artefactos de pedra lascada face a um registo, muito pontual, de pedra polida, de elementos de mó e de cerâmicas. Este facto, particularmente no que se refere às cerâmicas poderá estar associado a processos tafonómicos, por hora mal conhecidos.

Mais para o interior do concelho localizam-se povoados abertos, mas com boas condições naturais de defesa como é o caso do Zambujal, cuja primeira fase de ocupação (Silva e Soares, 1986) seria contemporâneo - tal como os povoados abertos e implantados em zonas baixas como os Prados ou Ouriços (AAVV, 2009) - da construção dos monumentos megalíticos no Alentejo e cujos mortos eram acompanhados pelas placas de xistos presentes nas Lapas do Fumo e Bugio, bem como a fase de construção e primeiras inumações das grutas artificiais do Casal do Pardo (Soares, 2005) e enquadráveis no Neolítico final.

No 3º milénio a.C. o padrão de povoamento identificado na Arrábida demonstra uma quase exclusiva opção por uma implantação em locais elevados e com boas condições naturais de defesa e onde se assiste à construção de sistemas defensivos, esta fase está representada na ocupação inicial do Outeiro Redondo, em Sesimbra. A presença do “copo”

canelado (Cardoso, 2009) integra este sítio na fase inicial do Calcolítico estremenho, onde o domínio visual das áreas circundantes e em particular o aparente controle de áreas de passagem parece ser também a preocupação desta rede de povoamento que se mantém no Calcolítico pleno. As cronologias obtidas para esta estação apontam para uma ocupação entre 2800 a 2200 a.C., registando-se na fase de abandono a presença, escassa, do campaniforme do grupo Internacional (Cardoso, 2009).

No Calcolítico final, o povoamento denota acentuadas alterações, parecendo verificar-se o regresso ao modelo de povoamento existente na Arrábida no Neolítico final (Cardoso, 2000), esta fase é acompanhada pela cerâmica e decoração campaniforme, que está representada nos contextos funerários, marcando *grosso modo* as derradeiras utilizações quer das grutas naturais quer das artificiais, da Arrábida.

O povoamento do Bronze, na Arrábida, é ainda hoje esparto, em Sesimbra parece resumir-se ao Risco (AAVV, 2009) completado com descobertas isoladas como os machados das Pedreiras e de Alfarim, pela presença das cerâmicas de ornatos brunidos do Fumo e ainda pela Roça do Casal do Meio.

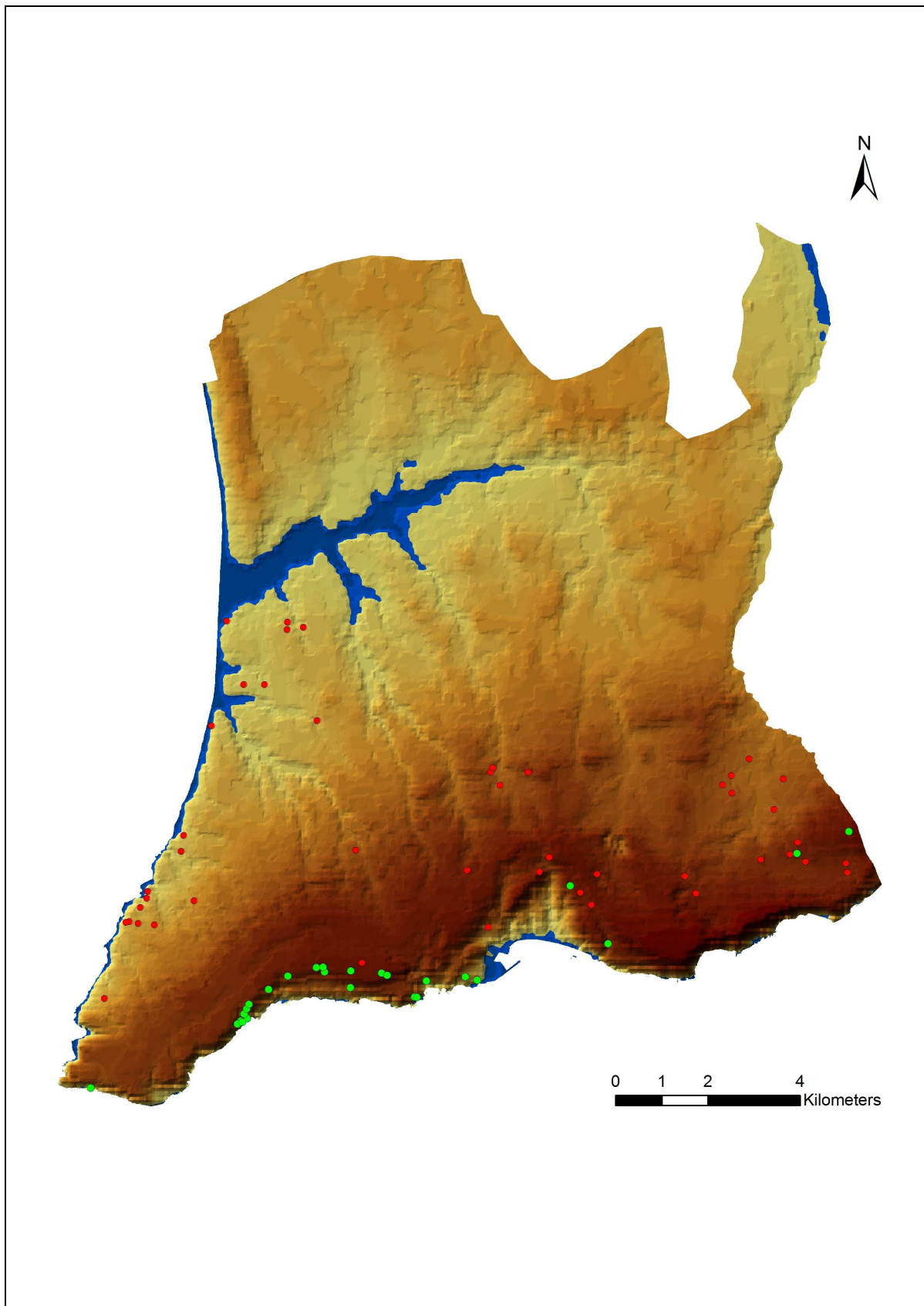


Ilustração 31. Relação das grutas (verde) com os povoados pré-históricos (vermelho) em Sesimbra.

8. Do Alentejo...

“Para quem gosta da grandeza solitária da paisagem alentejana, esta região tem um encanto singular. Nas áreas graníticas o terreno é ligeiramente ondulado e das colinas disfruta-se uma vista soberba sobre estas terras férteis, alvejando os «montes» espalhados entre olivais e azinhais”

Leisner e Leisner, 1951: 15

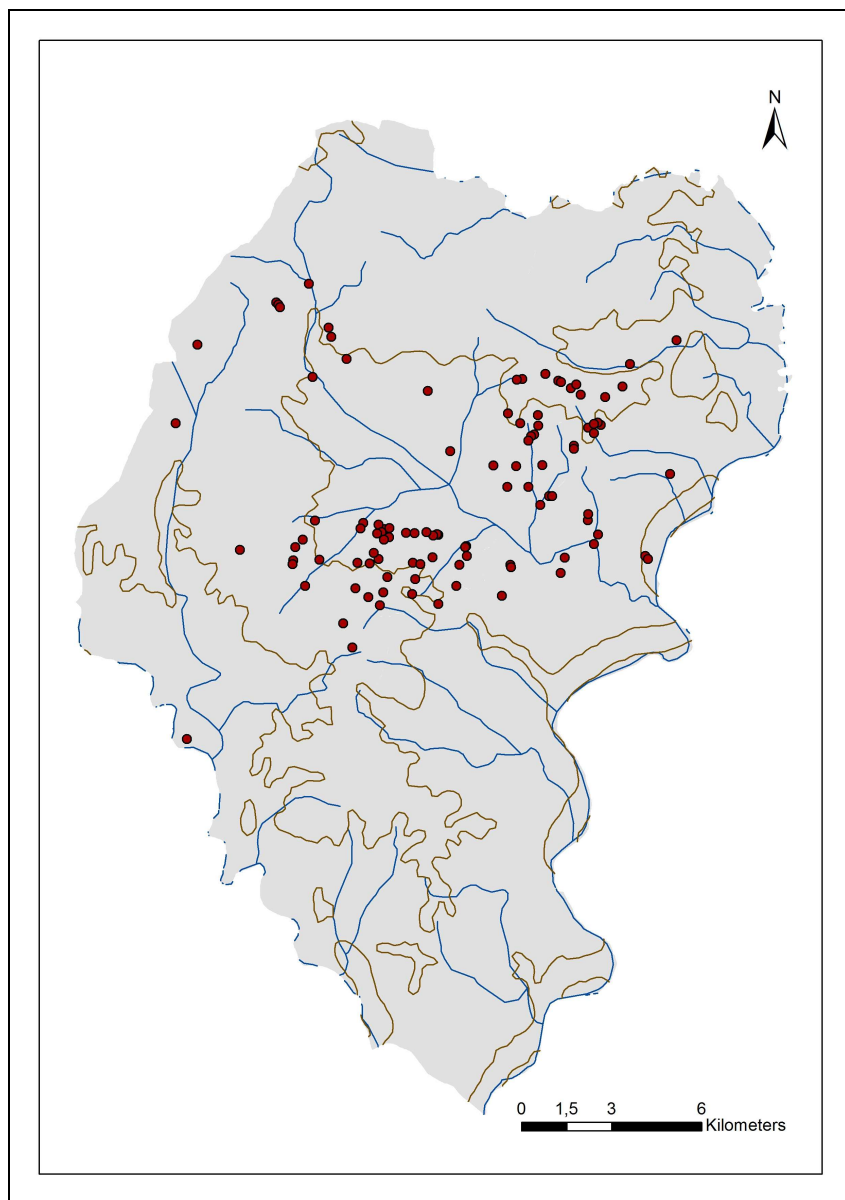


Ilustração 32. Dispersão dos monumentos megalíticos de Reguengos de Monsaraz. Fonte: Endovélico.

A riqueza do megalitismo alentejano é conhecida desde, pelo menos, o séc. XV. De facto, Gabriel Pereira refere a existência de um documento onde aparece a menção explícita, a uma anta “ *hua pedra da anta que está levantada sobre pedras aadecima de ryo de oinhos na quall pedra da dita anta está feita hua cruz do aguyam, e dêa a dita anta como atravessa ho caminho que vay pera a córte da pedra direito a huns penedos gordos...*” (Pereira, 1887 *apud* Rocha, 2005: 32).

Ao longo dos cinco séculos seguintes foram inventariados inúmeros monumentos megalíticos funerários, que em termos de formas arquitectónicas se inseriam em apenas quatro categorias: as pequenas sepulturas, as antas, os tholoi e as cistas.

A primeira gruta natural a ser identificada como necrópole (Gruta do Escoural) foi descoberta de forma fortuita, e apenas na 2ª metade do Séc. XX (Santos, 1964; 1971; Santos *et al*, 1991; Araújo *et al*, 1993; Araújo *et al*, 1995)

Mas, foi preciso dobrar o milénio para que novos e importantes dados emergissem no seio da comunidade arqueológica portuguesa. O trabalho realizado por Leonor Rocha (Rocha, 2005) de recuperação e avaliação das centenas de monumentos megalíticos escavados por Manuel Heleno no Alentejo Central permitiu desmistificar um mito e, por outro, a arqueologia empresarial, no âmbito das medidas de minimização de impactes do empreendimento de Fins Múltiplos do Alqueva, de projectos associados bem como projectos de índole agrícola permitiram, na área de Évora/Reguengos de Monsaraz/Beja, identificar e escavar um conjunto de diferentes soluções funerárias que, no seu conjunto, tem vindo a revolucionar e baralhar todo o conhecimento supostamente existente e consolidado sobre os contextos funerários pré e proto-históricos.

8.1. As grutas do Alentejo

Como referi anteriormente, a ocorrência de cavidades naturais é um fenómeno recorrente nos maciços calcários do Mesozóico. Mas não é exclusivo. De facto, também nas rochas carbonatadas do Câmbrico, que afloram em extensas áreas do Alentejo, como as faixas Montemor – Ficalho, Ossa-Morena, Alter do Chão – Elvas e Estremoz, podem ter-se formado este tipo de cavidades. Por se tratar de um carso superficial e pouco desenvolvido e cujas formas superficiais são pouco nítidas, mesmo os relevos mais importantes como os Maciços Calcários de Estremoz, Adiça, Preguiça e Ficalho, (Crispim, 2007) possuem um endocarso pouco desenvolvido, as cavidades são de pequenas dimensões mas que, mesmo

assim, poderiam ter sido utilizadas pelas comunidades humanas, particularmente como necrópoles, como foi o caso da Gruta do Escoural (Montemor) e parece ter sido o do Algar do Guano (Adiça)⁴.

8.1.1. A gruta do Escoural

A gruta do Escoural é uma cavidade natural que se localiza na freguesia de Santiago do Escoural, no concelho de Montemor-o-Novo, implantada a 270 metros de altura, numa área de formação metamórficas do Pré-Câmbrico, constituída por xistos, micaxistos, xistos anfibólicos e gnaisses. A rede de galerias da gruta do Escoural desenvolve-se ao longo da faixa de calcários cristalinos brancos do Câmbrico Inferior. Trata-se de uma galeria fóssil com desenvolvimento horizontal (Araújo, 1995; Crispim, 1995).

Descoberta acidentalmente, em Abril de 1963, no decurso dos trabalhos de exploração de uma pedreira de mármore, iniciaram-se os trabalhos arqueológicos nesse mesmo ano a cargo de Manuel Farinha dos Santos. Os resultados desta 1ª fase foram pontual e parcialmente publicados (Araújo *et al*, 1995). Na década de 90, do séc. XX, são realizados novos trabalhos arqueológicos nesta gruta, publicados em 1995 por Ana Cristina Araújo e Marylise Lejeune (*Idem, Ibidem*). Esta publicação apresenta uma compilação dos trabalhos realizados anteriormente por M. Farinha dos Santos, a arte e a ocupação Paleolítica da cavidade (da responsabilidade de M. Lejeune) e os contextos funerários neolíticos (analisados por C. Araújo). Atendendo aos objectivos deste trabalho excludo, desta análise, os contextos Paleolíticos.

A gruta do Escoural é, até ao presente, a única cavidade natural situada no interior do Alentejo (as outras cavidades com eventuais contextos funerários localizam-se no litoral) onde se regista uma ocupação, como necrópole, durante o Neolítico

Na altura da sua identificação, um dos aspectos mais notáveis era a conservação (em parte graças ao manto de calcite que cobria o chão) das inumações que se encontravam na gruta. A distribuição espacial do espólio funerário apresentava padrões muito uniformes pela cavidade no que concerne à cerâmica, indústria lítica e óssea, objectos de adorno e

⁴ No âmbito de acompanhamento dos trabalhos de prospecção e levantamento espeleológico efectuado pelo CEAE-LPN no Baixo Alentejo em Ficalho e Adiça, constatei a presença de espólio osteológico, em elevado número, no Algar do Guano, Adiça. Os restos osteológicos distribuem-se por várias galerias, parecendo ter sido posto a descoberto por alguma erosão, mas também por aparentes violações. A pouca presença artefactual que se encontra dispersa pelas galerias, aponta contudo para uma ocupação romana. Pelas características da cavidade e a própria área onde se enquadra é possível que futuros trabalhos venham a clarificar melhor a ocupação e as cronologias desta gruta.

votivos. A sala 1 apresentava uma maior concentração de materiais, sendo este espaço a principal área da necrópole (*Idem Ibidem*).

Nesta cavidade natural foi possível identificar vários tipos de inumações: 1) deposição de indivíduos sobre o chão da gruta, em posição fetal, acompanhados das respectivas oferendas funerárias; 2) eventual inumação em fossa. Este tipo não foi identificado no decurso da escavação mas, a análise da distribuição em profundidade do espólio da sala 3, parece indiciar a existência de inumação de dois indivíduos numa estrutura em fossa, acompanhados de artefactos e onde se regista a presença de ocre; 3) a constituição de ossários também parece ter-se verificado, atendendo à presença de montículos desordenados de ossos e cerâmicas. Estes amontoados de ossos apresentam uma concentração selectiva dos ossos (fémures e tíbias) sem espólio, registando-se também, pelo menos, um nicho apenas com crânios (*Idem Ibidem*).

Ao nível do espólio artefactual, regista-se a presença de um número significativo de cerâmicas lisas, cujas formas variam entre as esféricas, hemisféricas, elípticas e carenadas, algumas com elementos de suspensão, que se caracterizam por asas, mamilos e cordões perfurados.

Ao nível da indústria lítica, verifica-se a presença de pedra polida, representada por machados, enxós e goivas e pedra lascada, com utensílios de base laminar e lamelar, a maioria sem retoque, geométricos (trapézios) e núcleos. A matéria-prima utilizada é o sílex, de diferentes tipos, e também o quartzo hialino (2 núcleos).

A indústria óssea é representada quase exclusivamente por furadores.

A lista dos objectos de adorno da gruta do Escoural é composta por contas de colar, cilíndricas, em osso, contas discóides em rocha (não especificada) e alfinete de cabelo cuja cabeça possui um contorno trapezoidal, fragmento de bracelete de concha *Glycimeris*.

Ao nível dos artefactos votivos regista-se a presença de apenas duas placas de grés, um fragmento de um tacão que poderá corresponder a base de um objecto votivo de calcário e diversa conchas de espécies como *Pecten*, *Mitylus* e *Ostrea*. Associado igualmente a contextos rituais, verifica-se a presença de inúmeros fragmentos de ocre.

No Escoural, foi possível identificar uma ocupação associada ao Neolítico antigo onde se regista a presença de cerâmica com decoração cardial e decoração impressa. Contudo não foi possível clarificar a relação entre os materiais e o seu contexto na cavidade. Também as sondagens realizadas no exterior da cavidade registaram a presença de fragmentos de cerâmica genericamente enquadráveis no Neolítico antigo; aparentemente existem dois fragmentos (um proveniente do exterior e outro do interior)

que pertencem á mesma peça. A dispersão no interior, a avaliar pela distribuição pelas várias camadas no interior da gruta, tornam muito difícil uma leitura em que se pudesse vincular a ocupação desta cavidade, como necrópole, já no Neolítico antigo (*Idem Ibidem*).

As datações obtidas (no total de seis) apresentam cinco datas com uma informação cronométrica coesa, o que permitiu aos investigadores apontarem uma utilização da necrópole entre 3500 e 3000 cal BC. (Soares, 1995).

As datações de C14 obtidas permitem assim enquadrar o contexto funerário existente na gruta do Escoural ao Neolítico final, alterando as cronologias inicialmente propostas com base no espólio (Araújo, 1995; Soares, 1995) que atribuíam a necrópole ao Neolítico médio.

8.2. Os monumentos megalíticos funerários

Não é meu intuito, neste ponto, apresentar uma descrição pormenorizada do megalitismo funerário de Reguengos de Monsaraz, pois isso iria alongar demasiado um trabalho que, pela sua natureza, terá de ser relativamente curto. Pretendo antes comparar alguns dos espólios presentes que, a meu ver, podem comprovar a existência de uma rede privilegiada de contactos entre a Arrábida e o interior alentejano.

O conjunto de monumentos megalíticos de Reguengos de Monsaraz, composto essencialmente por antas às quais se associam, por vezes, os tholoi apresenta-se como uma mancha relativamente densa, dividida em dois grupos: o grupo oriental e o grupo ocidental (Gonçalves, 1992)

8.2.1. As antas

As antas são monumentos compostos por uma câmara, cuja planta mais comum apresenta sete esteios, podendo no entanto integrar mais, ou menos, ortostatos. Registam igualmente a presença de um corredor, embora nos monumentos mais antigos este possa estar ausente (Rocha, 2005) e cujas dimensões são muito variadas, associando-se os monumentos de corredor longo às fases tardias do fenómeno megalítico (Leisner e Leisner, 1951; Gonçalves, 1992; Rocha, 2005). Os tholoi surgem, por vezes, anexados à construção dos corredores das antas (Olival da Pega 2), ou com corredores paralelos (Farisoa).

Toda esta estrutura (câmara e corredor) estava coberta por um *tumulus* cujas dimensões também variam, em geral de forma directamente proporcional à estrutura pétreia.

Outras das questões associadas a estes monumentos são a sua visibilidade na paisagem e a sua orientação. Em relação à primeira questão, verifica-se para o conjunto das antas de Reguengos, uma grande diversidade na escolha da implantação, pois esta tanto ocorre em pontos dominantes, como em campo aberto, a diferentes distâncias de linhas de água (Gonçalves, 1992). Já quanto à sua orientação a regularidade parece ser a nota dominante, uma vez que a grande maioria das antas (97%) apresentam-se orientadas ente 90° e os 135°, entre Este e Sudeste (*Idem, Ibidem*).

No que concerne aos rituais associados à inumação dos indivíduos nestes monumentos, existem indícios no registo arqueológico que apontam para várias práticas, que vão desde as simples deposições primárias (atestada pela presença em conexão de partes do esqueleto), em geral depositados em posição fetal como ocorre num dos enterramentos da Anta 3 da Herdade de Santa Margarida - os enterramentos da câmara, designado de Cm-2 e Cm-3 - (Gonçalves, 2003d: 88) ou de deposições secundárias, atestados pela presença de ossos em desconexão e/ou selecção de partes do esqueleto, registando-se por vezes nestes ossos indícios de fogo, situação que também parece ter ocorrido no interior dos monumentos, com cremação parcial dos ossos (Gonçalves, 1992)

O espólio recolhido nas diversas intervenções realizadas nesta área e os tipos de arquitectura identificados apontam para uma utilização mais ou menos contínua entre o que poderíamos considerar um Neolítico “médio” e um Calcolítico médio/final (Leisner e Leisner, 1951; Pina, 1961, 1962; Gonçalves, 1992, 1999, 2003). De facto, apesar de se registar a quase total ausência de artefactos metálicos, existem monumentos que possuem a nível da estrutura elementos mais tardios (tholoi) e, a nível dos espólios, a presença de cerâmicas com formas e/ou decorações mais tardias (decoração simbólica e campaniforme) e os báculos.

Apesar da longa diacronia em que inserem as antas de Reguengos o espólio é, salvo casos pontuais como a Anta de Olival da Pega 1 (Leisner e Leisner, 1951), muito homogéneo, registando-se a presença recorrente dos mesmos artefactos.

Pedra polida:

- machados de secção circular (ou oval), com o gume polido e corpo picotado.
- enxós;
- goivas;

Os machados surgem, por vezes, associados a enxós (em menor número que os machados), sendo o caso mais interessante identificado na Anta 1 do Poço da Gateira. Neste caso, ao conjunto machado+enxó juntava-se um vaso formando assim,

aparentemente, um conjunto fechado associado a uma inumação (*Idem, Ibidem*). De realçar que a esta anta se atribui uma das fases mais antigas do conjunto megalítico de Reguengos e, neste caso, regista-se também um número de artefactos de pedra polida superior ao que ocorre nas restantes antas, 13 machados, 12 enxós e 1 goiva.

Pedra lascada:

- geométricos: com predomínio dos trapézios mas também existem triângulos e crescentes. Também neste caso a sua presença parece apontar para os espólios mais antigos (Rocha, 2005) sendo o seu número muito expressivo na Anta 1 do Poço da Gateira, com 22 exemplares (Leisner e Leisner, 1951).

- pontas de seta: verifica-se um domínio quase total das de base côncava, seguida das de base rectas, produzidas sob sílex, mas principalmente sob xisto;

- lâminas: de diferentes dimensões, com e sem retoque estão igualmente presentes na maioria dos monumentos. Verifica-se, contudo, um aumento da dimensão nas lâminas sem retoque nos espólios mais tardios;

- lamelas: sobretudo de sílex e quartzo hialino.

- para além das categorias anteriormente referidas, regista-se ainda a presença de núcleos.

Cerâmica:

Este grupo está também presente na maioria das antas de Reguengos e foi tipologicamente enquadrada em 12 grupos, pelo casal Leisner (Leisner e Leisner, 1951) classificação que, de *grosso modo*, se mantém variando entre os vasos, os esféricos, os vasos globulares de bordo espessado, as taças semi - esféricas e carenadas, os vasos esféricos de colo estrangulado e bordo saliente, os vasos bicónicos de fundo esférico ou paredes côncavas, os vaso de corpo cilíndrico, os pratos, as colheres, as tampas e suporte de vasos.

Os primeiros são de pequena a médias dimensões enquanto nos globulares se enquadram as cerâmicas de maiores dimensões, em geral a cerâmica é predominante lisa, ocorrendo contudo decorações de mamilos, bem como asas associadas a suspensão ou a decorações simbólicas.

No campo das decorações a técnica utilizada é a incisa, associada à cerâmica simbólica, mas não só – com ligações a padrões decorativos mais frequentes na baixa Estremadura. Outra das técnicas decorativas que ocorre é o almagre, embora pontualmente.

Objectos de adorno:

Os mais frequentes, em Reguengos, são as contas de xisto, de pequenas dimensões de forma discoidal, cilíndrica e bicónica. Ocorrem ainda de outras matérias-primas, como a calaíte, o quartzo, o azeviche (mas sempre em numero muito inferior e em geral em contas maiores). Existem ainda berloques ou pendentos, normalmente em forma de triângulo alongado.

Outro dos artefactos associados ao adorno pessoal são os alfinetes de osso, surgindo mais frequentemente estes objectos em forma de um pauzinho cilíndrico simples, mas ocorrem também com uma das pontas da haste, decorada ou composta por outro elemento decorado ou não, sendo a decoração mais frequente as caneluras.

Contudo, o conjunto maioritário de artefactos votivos nas antas de Reguengos, são as placas de xisto, em todas as suas variantes; com e sem perfuração, com todos os elementos que compõem a gramática decorativa (faixas largas - verticais, preenchidas com traços; faixas estreitas – rectas, verticais ou horizontais, zigzagueantes, segmento de círculo; triângulos – vazios, preenchidos; quadrados ou rectângulos preenchidos), diferentes divisões de área cabeça/corpo, com e sem recorte e ainda com gravação nas duas faces (Leisner e Leisner, 1951; Gonçalves, 1992, 1999 2003).

Ainda de xisto ocorre a presença dos denominados “ídolo chato” (figura antropomórfica) e de báculos. Se o primeiro tem sido interpretado como a emergência de uma nova divindade, ao segundo tem sido atribuído caracteres de poder (Gonçalves, 1992).

Os báculos, para além de partilharem com as placas de xisto a matéria-prima, comungam também dos mesmos motivos decorativos (gravação geométrica) e as mesmas técnicas de gravação (*Idem, Ibidem*).

Nas antas de Reguengos encontram-se ainda alguns lagomorfos, pequenas esculturas zoomorfas em osso. A presença de furos para eventual suspensão poderá dar a estas peças uma utilização de objecto de adorno pessoal do inumado mas, ainda assim, parecem inscrever-se num quadro simbólico associado às práticas mágico-religiosas em contextos funerários.

A presença de ocre em contextos rituais funerários, está bem mercada em Reguengos, mas nem sempre com a mesma representatividade, se por vezes surgem pequenos indícios da sua presença, parecendo indiciar um “polvilhar” de ossos e de artefactos noutros a intensidade com que ocorreu, “tingiu” completamente os artefactos e ossos que lhe estavam associados (Leisner e Leisner, 1951; Gonçalves, 1992).

Apesar do significativo número de antas intervencionadas em Reguengos apenas possuímos datações para quatro destes monumentos, cujo quadro geral se apresenta na

tabela 1. Como se pode verificar, as datações que dispomos apontam, de *grosso modo*, para uma utilização das antas no Neolítico final e Calcolítico

Antas	Data BP	1 σ cal BC	2 σ cal BC
Santa Margarida 2	4410 \pm 60	3270-3240 3110-2910	3340-3210 3200-3150 3140-2900
Santa Margarida 3	4290 \pm 40	2930-2870	3030-2870 2810-2770
Santa Margarida 3	4170 \pm 40	2880-2840 2820-2740 2730-2670	2890-2620
Santa Margarida 3	3770 \pm 40	2290-2130	2340-2320 2310-2030
Santa Margarida 3	3730 \pm 40	2200-2120 2100-2040	2290-2020 2000-1980
Cebolinhos 2	3900 \pm 40	2470-2340	2490-2270 2250-2230 2220-2210
Cebolinhos 2	3840 \pm 40	2430-2420 2410-2380 2350-2200	2470-2190 2160-2150

Tabela 1. Datações para as antas de Reguengos de Monsaraz (seg. Boaventura, 2009)

8.2.2. Os *tholoi*

Estes monumentos funerários apresentam uma estrutura arquitectónica diferente das antas na forma, nas técnicas de construção e na matéria-prima utilizada (xistos, por oposição aos granitos dos esteios das antas de Reguengos).

Nos levantamentos efectuados pelos Leisner em Reguengos, foram identificados por estes investigadores 2 *tholoi* em associação directa com as antas - anta 2 da Herdade da Comenda e anta 1 da Herdade da Farisoa (Leisner e Leisner, 1951).

Estes investigadores associaram estas estruturas a fases tardias do fenómeno megalítico funerário, não só pelo enquadramento da associação *tholos*/anta onde estava patente a construção prévia da anta no conjunto, bem como pelo espólio que apresentavam, que apesar de evidenciar continuidades possuía algumas inovações, como a cerâmica simbólica, que ainda assim não é exclusiva dos *tholoi*, pois ocorre também em algumas antas - o que indicaria uma utilização em simultâneo destas duas estruturas, isto é a construção dos *tholoi* não implicou o fim de inumações em antas.

No início dos anos noventa do século XX, as escavações da anta 2 de Olival da Pega, vieram a revelar um complexo funerário (Gonçalves, 1999) composto por uma anta – com um corredor de grandes dimensões (16m) - e mais quatro áreas funerárias, 3 *tholoi* (OP2b, OP2d, OP2e) e uma sepultura secundária (OP2c). Destes, o OP2e era o que

apresentava dimensões mais reduzidas e o OP2b, o que forneceu maior número de espólio e restos osteológicos (*Idem, Ibidem*).

Para além disso, e ao contrário dos já conhecidos, o corredor destes imbricava no da anta, tendo ainda sido acrescentados, à entrada, dois esteios em xisto, com dezenas de «cavinhas».

Este monumento, no seu conjunto, evidenciou alguma sequência de construção e gestão de um espaço funerário onde se integraram e correlacionaram várias soluções arquitectónicas e rituais de inumação sem que o espólio artefactual apresente grandes rupturas, sendo a diferença mais marcante a dispersão dos artefactos pelas várias fases de ocupação documentada no *tholos* OP2b.

Neste espaço foram registadas três fases de ocupação; a primeira fase, que corresponderia ao dos construtores deste *tholos*, é a que apresenta maior número de espólio votivo; segue-se um nível de deposições sob a selagem que havia sido precedida por um incêndio de grandes proporções dentro da câmara do *tholos*; a fase três corresponde ao colapso da estrutura de falsa cúpula e abandono da utilização deste espaço (Gonçalves, 1992).

Os rituais detectados na câmara do *tholos* apontam para a presença de ocre vermelho, para a existência de fogos dispersos, de um nível de incêndio por todo o espaço da câmara (marcando a separação entre a fase 1 e a fase 2 de inumação), para a utilização de pedras para apoio dos crânios, para a reutilização de placas de xistos, (em particular na segunda fase), para a prática, em todas as fases, de primeiras inumações (*Idem, Ibidem*).

A presença e dispersão dos artefactos votivos pelas três fases de utilização do *tholos* é a seguinte;

Artefactos	Fase 1	Fase 2	Fase 3
fragmentos calotes cranianas	118	1	0
seixos talhado	0	2	0
lâminas	107	15	2
lamelas de quartzo hialino	2	0	0
pontas de seta	26	1	1
ponta de dardo	1	0	0
alabardas	2	0	0
alfinetes de cabelo	63	0	0
alfinetes de cabeça canelada	1	0	0
contas de colar	585	1	0
figura zoomórfica	1	0	0

dormentes	0	0	2
cerâmica	15	136	7
ídolos-falange	3	0	0
placas de xisto	3	32	4
possíveis cabos de báculo	2	0	0
punhal de cobre	0	1	0

Ilustração 33. Tipo e número de artefactos recolhidos no *tholos* de OP2b. (quadro adaptado de Gonçalves, 1999:95)

As datações obtidas para o *tholos* de OP2b (no total de três) apresentam uma informação cronométrica coesa, entre 4290±100BP e 4130±60 BP, o que aponta para uma utilização entre 3100 e 2500 cal BC. (Boaventura, 2009).

Em 1997, na sequência dos trabalhos de emergência levados a cabo pela Era - Arqueologia, no sítio arqueológico dos Perdigões, um povoado com fossos com cerca de 16ha, foi identificada uma área com sepulcros megalíticos, entre os dois grandes fossos, numa bolsa semicircular. (Lago *et al*, 1998)

Um dos primeiros aspectos a reter sobre este sítio é a estreita relação entre a necrópole e o povoado, uma vez que se regista, pela primeira vez, a inclusão de uma necrópole na própria estrutura do povoado. A necrópole aponta para a existência de sete ou oito estruturas sepulcrais, das quais duas já foram escavadas. Trata-se de estruturas semi - subterrâneas, parcialmente escavadas na rocha, sendo os sepulcros compostos por uma câmara de planta sub-circular, revestida de lajes de xisto, pequeno corredor intermédio, um átrio de planta circular no sepulcro 1 e em elipse no sepulcro 2, ambos revestidos de xisto, com ausência de *tumulus*, sem vestígios de cobertura colocando-se a hipótese de se tratar de material perecível (Valera, *et al*, 2000).

Pelas características arquitectónicas gerais, apesar das questões colocadas pelos próprios investigadores desta necrópole⁵ estes sepulcros enquadram-se no que tradicionalmente se designa por *tholoi*.

No sepulcro 1, regista-se uma demarcação intencional dos espaços: no átrio existia apenas artefactos de carácter votivo - recipientes de calcário, pontas de seta de xisto, um recipiente cerâmico de pequenas dimensões, uma alabarda e conchas de *pecten*. A câmara apresentava uma intensa deposição de espólio osteológico, acompanhado de vasos de

⁵ A problemática da designação de *tholoi* à estruturas sepulcrais com características tão distintas como as que ocorrem no território nacional ((Valera *et al*, 2000:93) bem como ao ausência nestes sepulcros de vários *itens*, justifica a utilização de designação sepulcro e não *tholoi*, classificação que irei respeitar.

calcário, pontas de seta, contas de colar de cor verde, punhais/alabardas, lâminas, alfinetes, ídolos, ídolos - falange e báculo, a cerâmica é maioritariamente lisa.

No sepulcro 2, os três espaços que o compõem, corredor, átrio e câmara registam a presença de deposições de restos humanos e espólio artefactual. No átrio encontravam-se seis vasos de calcário, um ídolo cilíndrico (igualmente de calcário), ídolo – falange, antropomórfico, placas, bainha de punhal e alfinetes, contas de colar (maioritariamente de calíço), escassa indústria lítica e cerâmica, quer lisa quer decorada (apenas dois vasos um liso e outro com decoração simbólica “barroca”), ausência de pontas de seta e pedra polida (*Idem, Ibidem*).

No sepulcro 2 registou-se uma reutilização tardia, trata-se de um depósito que integrava ossos longos e uma armação de cervídeos delimitado por lajes de xistos e duas estelas/menir também de xisto. Também a presença de duas chapas de ouro e um botão com perfuração em V, deverão corresponder à fase campaniforme, ainda não identificada em sepulturas, mas presente no recinto (Valera e Godinho, 2009).

Aparentemente, o espólio osteológico que se encontra nos dois sepulcros, senão todo pelo menos a sua grande maioria, resulta de segundas inumações.

A presença de ocre vermelho e o ritual que lhe está associado, foi neste sítio bem caracterizado. No sepulcro 1 existia em abundância, cobrindo ossos e artefactos, mas no átrio não foram identificados vestígios desta substância. No sepulcro 2, quer na câmara quer no átrio registou-se a presença de ocre amarelo, pelo que parece verificar-se uma associação directa inumação/ocre, já que nos espaços em que apenas ocorre espólio votivo (como no átrio do sepulcro 1) o ocre está ausente (Valera *et al*, 2000).

Quanto à presença de sinais de fogos, totais ou parciais, não foram até ao presente identificados vestígios claros da sua existência.

Na complexa “rede de fossos” que compõem as estruturas negativas do povoado dos Perdigões, e já fora da área identificada anteriormente como necrópole, nas fossas designadas por 7 e 11 também se identificaram contextos funerários. A fossa 7 evidenciou a presença de partes anatómicas em conexão, faltando contudo o esqueleto completo cujo único elemento votivo seriam os ossos (também em conexão) da pata de um suídeo. Este cenário repete-se na fossa 11, onde três inumações primárias são igualmente associadas a um mesmo elemento votivo, de salientar que estas inumações correspondem a indivíduos não adultos e sub-adultos. (Valera e Godinho, 2009).

Segundo os investigadores responsáveis por esta intervenção, é possível que se trate de rituais e práticas funerárias detectados nos sepulcros já escavados, onde se regista quase

exclusivamente segundas inumações. O espaço dos fossos teria assim sido utilizado num primeiro momento, para deposições primárias - onde aliás se identificou uma situação compatível com a ideia de manipulação do esqueleto (*Idem, Ibidem: 376*) - e a existência de dois locais para processamento da morte, implicaria um prolongamento do ritual. (Valera *et al*, 2000).

Quanto às cronologias apontadas para os Perdigões, os dados publicados indicam que o enchimento dos dois fossos do sector I e do sepulcro 1 se enquadram na segunda metade do 4º milénio e primeira metade do 3º milénio a.C. (Valera e Godinho, 2009).

9. As datações disponíveis, as cronologias possíveis.

“O problema com que, naturalmente, lidamos é o de como abordar a diversidade que cada vez mais vem caracterizando as práticas funerárias no Neolítico e Calcolítico peninsulares”

Valera e Godinho, 2009:

Propor para a utilização das grutas - necrópole uma cronologia fiável, tão fiável quanto o C14 permite, torna-se para as cavidades naturais do planalto do Espichel um exercício muito arriscado, em primeiro lugar porque a maioria dos dados, provêm de trabalhos de prospecção, recolhas de superfície, sem o devido contexto estratigráfico e, em segundo lugar, porque os dados procedentes de escavações, resultam de estudos muito parcelares e antigos, caso do Fumo (Serrão, 1971). Os estudos mais recentes, também se baseiam nos espólios de escavações antigas sem uma definição estratigráfica muito segura, entre outros problemas, como é o caso do Bugio (Cardoso, 1992), ainda assim a estação melhor estudada nas grutas litorais de Sesimbra.

Para além das grutas naturais, os únicos contextos funerários datados na península de Setúbal reportam-se às grutas artificiais, da Quinta do Anjo (Casal do Pardo, Palmela) e de São Paulo (Almada). Para as primeiras, face à sua precoce descoberta no panorama arqueológico, conhecemos a variedade e riqueza do espólio, mas pouco sabemos sobre a estratigrafia (Soares, 2003), e a segunda, embora resulte de escavações recentes, foi ainda estudada sumariamente (Barros e Santos, 1997).

Assim o quadro das datações de C14 existentes para as necrópoles da península de Setúbal, revela-se parco, datando regra geral uma fase de utilização como é o caso da Lapa do Fumo e do Casal do Pardo, não indicando as datações disponíveis as reais cronologias que o espólio resultante do processo acumulativo de deposições deixa adivinhar. Em todo o caso, a incidência no 3º e 4º milénio das datações disponíveis também parece corresponder a uma maior frequência da utilização de grutas – necrópoles, nestes períodos.

Cavidade natural	Amostra/ Contexto	Data BP	1 σ cal BC	2 σ cal BC
Lapa do Fumo	Ossos humanos “camada vermelha”	4420±110	3270-3240 (5,9%) 3110-2920 (62,3%)	3340-3210 (21%) 3190-3150 (3,8%) 3130-2910 (69%)
Lapa do Bugio	Frag. alfinete de cabelo de osso	4420±110	3330-3210 (20,6%) 3180-3160 (2,8%) 3120-2910 (44,9%)	3500-3460 (1,2%) 3380-2870 (94,2%)
Lapa do Bugio	Ossos humanos	4850±45	3700-3630 (55,4%) 2560-3530 (12,8%)	3750-3740 (0,3%) 3720-3620 (64,9%) 3610-3520 (30,3%)
Lapa da Furada	Ossos humanos	4610±60	3520-3330 (60,9%) 3210-3190 (4,2%) 3160-3130 (3,0%)	3630-3600 (2,4%) 3530-3260 (72%) 3250-2100 (20,3%)
Lapa da Furada	Ossos humanos	4050±50	2840-2820 (4,3%) 2660-2650 (0,8%) 2640-2480 (63,2%)	2860-2800(10,2%) 2760-2720 (3,7%) 2710-2460 (81,5%)
Gruta artificial	Amostra/ Contexto	Data BP	1 σ cal BC	2 σ cal BC
São Paulo 2	Osso humano	3870±70	2470-2280 (62%) 2250-2230 (4,8%) 2220-2210 (1,0%)	2570-2530 (1,9%) 2500-2140 (93,5%)
Casal do Pardo 3	Frag. de alfinete de osso cabeça postiça	4050±60	2840-2810 (5,1%) 2670-2470 (63,1%)	2870-2800 (12,0%) 2780-2460 (83,4%)
Casal do Pardo (Nec.)	Fémur no vaso camp. Inter.	4040±70	2840-2810 (5,0%) 2670-2470 (63,2%)	2880-2450 (93,4%) 2420-2400 (0,7%) 2380-2350 (1,5%)

Tabela 2. Datações de C14 disponíveis para a península de Setúbal. (sgd. Boaventura, 2009)

Com base nos dados que disponho presentemente, espólio e datações, proponho a existência de, pelo menos, cinco momentos de ocupação para as grutas naturais do planalto do Espichel.

O primeiro momento de utilização destas cavidades naturais terá ocorrido na Neolítico antigo/evolucionado, presente na Lapa do Fumo, não sendo clara a sua utilização como necrópole, e na Lapa do Sono, com enterramentos associados a cerâmicas com

decoração com cordões, espinhas e bandas, semelhantes aos encontrados na Gruta da Furninha.

O segundo momento, do qual apenas existem alguns indícios, ténues, poderia corresponder à utilização das grutas A e B do Forte do Cavalo, onde a presença de machados e enxós é abundante.

A fase seguinte regista a presença da placa de xisto nas primeiras inumações da camada vermelha da Lapa do Fumo, ao qual se associaram outras necrópoles em gruta como as Lapas do Bugio e dos Pinheirinhos 1 e 2 correspondendo os momentos finais desta fase à construção e primeiras inumações na necrópole da Quinta do Anjo e de São Paulo.

Sucedem-se a utilização das grutas com deposições cujo espólio votivo integra os ídolos de calcário, em particular na Lapa do Bugio.

A derradeira fase, por ora identificada em inumações em gruta natural no planalto do Espichel surge associada ao campaniforme, inciso e pontilhado, presente nas Lapas do Fumo, do Bugio, dos Pinheirinhos 1 e 4 de Maio.

Excluí deste conjunto, por ora, a Lapa da Furada, porque apesar das datações indicarem que o espólio osteológico se enquadra *grosso modo* na primeira metade do 4º milénio a associação com materiais da Idade do Bronze torna complexa a sua integração.

10. Algumas [possíveis] conclusões

“A construção de vastas redes de interacção, à escala europeia, e as analogias que daí resultaram, são elementos indispensáveis numa avaliação actual dos megalitismos”.

Rocha, 2005: 270

A região de Sesimbra pelas condicionantes geográficas apresenta-se como uma área periférica, integrada na península de Setúbal, amplo espaço já por si confinado entre o mar e os rios Tejo e Sado mas, mais de que território de fronteira, apresenta-se no registo arqueológico, como uma área de convergência.

A leitura por vezes proposta para os enterramentos em grutas, em particular quando juntas ao litoral, assenta na movimentação sazonal de populações ou de parte delas, do interior para o litoral. Dado o carácter temporário com que estas comunidades ocupavam esses territórios, optariam por inumar os seus mortos nestes espaços naturais substituindo assim a construção de estruturas funerárias (Cardoso, 2000; Gonçalves, 1999).

De Sesimbra e da península de Setúbal apenas se conhece um monumento megalítico, a Roça do Casal do Meio, para além da existência, na toponímia local, do termo “Anta” que nos poderá remeter para a existência, em tempos passados deste tipo de monumentos mas dos quais não resta, actualmente, qualquer evidência. Os contextos funerários neo-calcolíticos parecem assim confinar-se apenas às grutas naturais e artificiais.

Esta mesma realidade foi apontada para outras áreas de Estremadura (Boaventura, 2009), onde a construção de monumentos, em particular antas, é secundada pela utilização de grutas naturais ou artificiais, podendo assim aferir, que no que aos contextos funerários do 4 e 3 milénio a.C. diz respeito, para as penínsulas de Lisboa e Setúbal a construção de arquitecturas funerárias do tipo antas⁶ parece não assumir o papel preponderante que se aceita para outras regiões, nomeadamente para Reguengos.

⁶ Não posso contudo deixar de salvaguardar que a pressão, em particular a urbana exercida sobre este tipo de estruturas arquitectónicas na área metropolitana de Lisboa, implicou por certo uma amputação considerável no seu registo numérico.

Quanto a uma eventual rede de povoamento associadas a estas cavidades naturais, e embora seja sempre muito subjectivo a correspondência entre um os locais de povoamento e as respectivas necrópoles, por falta de escavações e datações de C14 verifica-se, na Arrábida, a existência de vários sítios com evidências claras de se tratar de áreas de habitat, cujo registo material se enquadra culturalmente com o que se regista na longa cronologia de ocupação das grutas - necrópole em estudo.

Em traços gerais o povoamento do Neolítico antigo encontra-se documentado em encostas suaves ou em vastas plataformas como a Fonte de Sesimbra (Soares, *et al*, 1979), no Lagão, no Casal do Meio e na Roça do Casal Meio 6 (AAVV, 2009) e nos Pinheirinhos (Silva e Soares, 1986), este último na área de duas cavidades com vestígios também de Neolítico antigo, as Lapas do Fumo e o do Sono.

Da fase seguinte, Neolítico médio/final, existe, mais evidências de uma rede de povoamento, com semelhanças em outros territórios (supostamente de origem das populações que sazonalmente frequentariam o território, como o Alentejo), registam-se povoados abertos, localizados em áreas com boas condições naturais de defesa como o Alto de São Francisco e o Zambujal (primeira fase de ocupação) ou o Moinho da Fonte do Sol (Silva e Soares, 1986). Estes povoados parecem ser contemporâneos de outros localizados em áreas abertas e de cotas mais baixas, como o do Prados ou dos Ouriços (AAVV, 2009).

No advento do 3º milénio a.C. o padrão de povoamento identificado na Arrábida, altera-se significativamente com uma quase exclusiva opção por implantação em locais elevados e com boas condições naturais de defesa e onde se assiste à construção de sistemas defensivos; a presença na fase inicial de ocupação do Outeiro Redondo, em Sesimbra, do “copo” canelado (Cardoso, 2009) integra, tal como o Pedrão, o Moinho do Cuco ou o Cabeço dos Caracóis no Calcolítico estremenho.

Igualmente o domínio visual das áreas circundantes e em particular o aparente controle de áreas de passagem parece ser também a preocupação desta rede de povoamento que no Calcolítico pleno se mantêm e se reforça, posteriormente, em sítios como a Rotura, Chibanes, ou Casal do Bispo (Silva e Soares, 1986) implicando, por vezes, uma substituição de um povoado por outro, como parece ter acontecido entre o do Pedrão e o da Rotura, mas onde a tónica dominante é a manutenção de povoados no Calcolítico pleno, situação patente também nos contextos funerários, cujas utilizações ter-se-ão iniciado no Neolítico final e mantêm-se por todo o Calcolítico, como testemunham as necrópoles do

Fumo, Bugio e Casal do Pardo e S. Paulo (Almada), no extremo Norte da península de Setúbal.

No Calcolítico final registam-se acentuadas alterações, parecendo verificar-se o regresso ao modelo de povoamento existente na Arrábida no Neolítico final (Cardoso, 2009). Como o povoado das Malhadas também outros sítios, anteriormente abandonados, como o Pedrão são reocupados.

De salientar que nesta fase, um pouco por todo o mundo estremenho, os grandes povoados entram em ruína e/ou a sua ocupação contrai-se. Neste período regista-se a presença de cerâmica com decoração/formas campaniforme, que está igualmente representada nos contextos funerários, marcando de *grosso modo*, as derradeiras utilizações, quer das grutas naturais, quer das grutas artificiais, da Arrábida.

Pelo que anteriormente foi exposto parece-me existir condições para aceitar que os inumados, nas grutas naturais, podem ser autóctones, tal facto não excluí, contudo, a movimentação de indivíduos, que o registo artefactual deixa advinha, apesar de não termos por ora evidências claras nos registos osteológicos - onde o padrão apresenta populações naturais. A escassez de dados, por ausência de escavações recentes e estudos exaustivos dos restos osteológicos recuperados nas escavações antigas não nos permite o esclarecimento de algumas questões, como as relações de parentesco e as áreas de origem destes indivíduos (através da análise de isótopos que permitam avaliar a composição da alimentação: terrestre ou marinha).

No estado actual dos nossos conhecimentos, a única fonte que nos permite avaliar estes contactos assenta na comparação e análise de espólios artefactuais e aquilo que podemos designar de trocas. Com base nos dados que dispomos para Sesimbra esta “rede comercial” pode, eventualmente, estar documentada em artefactos como os machados e enxós de pedra polida, aparentemente de origem alentejana (são abundantes nas antas e povoados de Reguengos) e que se encontram nas grutas A e B do Forte Cavallo, no Bugio e Fumo e em alguns dos povoados, mas sempre em número reduzido. As análises realizadas ao espólio da Lapa do Bugio permitiram, a este nível, apontar como provável área de proveniência da pedra polida a faixa vulcano - sedimentar de Castro Verde – Grândola, para os machados e, da área de Sines, para as enxós (Cardoso, 1992).

Nos objectos de adorno, as contas mais comuns são de xisto e encontram-se em abundância no Bugio, Fumo e Pinheirinhos 1, são também as mais frequentes no Alentejo de onde são, muito provavelmente, provenientes. Quanto às contas de pedra verde

(variscite ou talco), a análise realizada à conta da Lapa 4 de Maio propõe uma origem comum com as encontradas nos Perdigões, ou seja de Huelva (Odrizola, 2009).

Mas, um dos artefactos que mais enfatiza os contactos entre as comunidades humanas que inumaram os seus mortos nas cavidades naturais do planalto do Espichel e as que o fizeram nos monumentos megalíticos funerários alentejanos é, sem dúvida, a placa de xisto. Este artefacto, independentemente da matéria-prima de base (xisto ou grés) que o relaciona directamente ao território das antas, apresenta um discurso simbólico na temática gravada (triângulos, linhas, ziguezagues, olhos, etc), cuja repetição e/ou semelhanças respeita um quadro de itens simbólicos que obrigam a uma descodificação por parte dos interlocutores (Leach, 1976), incluindo-os assim num mesmo quadro mental.

Enumerei apenas alguns, muito poucos aliás, artefactos que nos demonstram a existência de uma complexa rede de trocas que não se resumia apenas à satisfação de uma vertente economicista mas que se inscreve numa partilha, por estas comunidades, de uma série de princípios ou praticas repetidas em diversos pontos e diversas áreas.

Quanto às práticas funerárias, tipo de inumações, os dados que dispomos são, mais uma vez, muito reduzidos. Nas grutas de Sesimbra, parecem evidenciar que ocorreram inumações colectivas primárias com a deposição dos indivíduos logo após a sua morte (sepultura 1 do Bugio) e inumações secundárias, em que as grutas são o segundo local para deposição, neste caso do esqueleto ou partes dele (camada vermelha do Fumo). No entanto, não devemos esquecer que a própria natureza colectiva e a utilização constante destes espaços obriga à manipulação dos vestígios osteológicos, (Duarte, 2003), implicado a constituição de ossários (ocorrem em todas as grutas escavadas até ao presente em Sesimbra) quer resultem da gestão do espaço sepulcral ou da “transladação” a partir de outros espaços, como parece ser o caso da Furada. Qualquer uma das práticas apontadas surge isoladamente ou em conjunto nas estruturas funerárias megalíticas e, a sua prática não parece estar associada nem a factores cronológicos nem regionais. Um bom exemplo disso é, precisamente, Reguengos com os enterramentos primários no *tholos* de Olival da Pega 2b (Gonçalves, 1999; 2002) e os enterramentos, também em *tholoi* (sepulcro 1 e 2) dos Perdigões com segundas inumações (Valera *et al*, 2000; 2007).

Um dos rituais frequentemente enumerado para atestar a relação entre os enterramentos nas grutas e os contextos funerários megalíticos é a presença do ocre, nas duas áreas em estudo. De facto, um número significativo de estruturas funerárias megalíticas, independentemente da sua arquitectura ou região inclui este ritual (Gonçalves, 2002; Oliveira, 1997, 2006), mas com algumas variantes, duas delas estão atestadas em

Sesimbra, no Bugio um eventual polvilhar⁷, enquanto a abundante utilização de ocre no Fumo imprimiu uma coloração ao espaço sepulcral.

Os pontos anteriormente expostos apontaram as convergências que encontramos nos comportamentos humanos, face à morte, mostrando uma grande diversidade de soluções, mas que aparentam relacionar-se e integrar-se num fenómeno mais complexo.

A escolha das cavidades naturais como espaço sepulcral antecede contudo todas estas procissões, ao surgir associada ao advento das comunidades produtoras. No ocidente mediterrânico as grutas surgem como espaços sacralizados e/ou simbólicos, dentro dos contextos funerários e, se os primeiros se encontram bem representados no levante espanhol, os segundos são a principal referência para os enterramentos do Neolítico antigo no centro e sul do território português (Diniz, 2009). Apesar do (ainda) reduzido número de necrópoles cabalmente conectadas com as práticas funerárias do Neolítico antigo, a leitura que dispomos deixa expressa a dualidade de utilização entre habitat e necrópole atestada em grutas como a do Caldeirão (Zilhão, 1992). Quanto aos contextos funerários, estes incluem um número reduzido de indivíduos, cujas inumações parecem ter ocorrido (com base nas datações) num tempo alargado, em deposição primária, acompanhados de um espólio, aparentemente de cariz pessoal: objectos de adorno, como contas de colar, pendentes de conchas/búzios e “dente de veado”, braceletes; contudo, estes conjuntos, bem como a presença da cerâmica decorada, inserem-se nas práticas simbólicas do mediterrâneo (Dinis, 2009), numa fase em que o comportamento face aos mortos não parece estruturado e está incluído na paisagem quotidiana das comunidades (*Idem, Ibidem*).

A avaliar pelas datações que dispomos as grutas continuam a ser utilizadas para contextos funerários, registando-se nos finais do 5º milénio, na Gruta do Cadaval (camada D, sala 2), datada de 4060-3790 cal BC⁸ a presença, no espólio, de geométricos, machado, enxó, lâminas, adorno sobre concha e cerâmica.

Independentemente da problemática que envolve as limitações das datações obtidas e os respectivos contextos, parece aceitável a proposta apresentada recentemente por Rui Boaventura (Boaventura, 2009) que, na transição do 5º para o 4º milénio a.C, em particular do primeiro quartel deste, se assiste à inclusão nos contextos funerários de uma prática mais estruturada e conteúdos mais simbólicos, intensificando-se a partir de então o número de grutas utilizadas como necrópole.

⁷ Devo ressaltar que condicionantes tafonómicas, podem condicionar esta leitura

⁸ O intervalo longo impõe reservas no manuseamento desta informação.

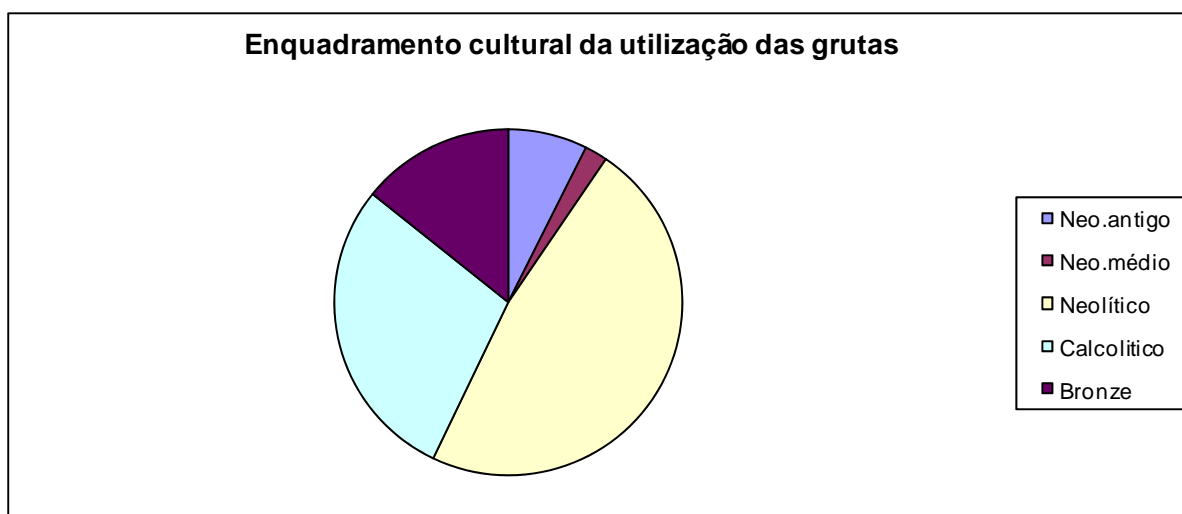


Gráfico 3. Utilização das grutas, a nível nacional, com base nos dados do Endovélico (IGESPAR)

Do 4º milénio a.C. e até finais do 3º milénio a.C. as cavidades naturais são receptáculos preferências (nas áreas onde ocorrem) para as prescrições mágico -religiosas dos contextos funerários, esta aparente “facilidade” de integração pode ser explicada pelas utilizações pré-existentes (no Neolítico antigo) e cuja tradição poderá ter condicionado os próprios arquétipos das novas estruturas funerárias (Osterbeek, 1997). Mas esta diversidade do produto final (grutas naturais, antas, grutas artificiais e *tholoi* - para citar os ainda mais emblemáticos), poderá resultar não só da variabilidade interna das componentes culturais e tecnológicas, mas também da sua assimilação sobre uma “teia de signos pré-existentes” (Diniz, 2009) da qual as cavidades naturais são a face que perdura.

A escolha da paisagem e a complementaridade de uma rede de povoamento, numa franja cronológica onde ocorreram importantes transformações económicas, tecnológicas, sociais e culturais, deixa-nos a leitura de que estes espaços - grutas naturais – possuem uma génese própria, não sendo a sua utilização mero “oportunismo” das comunidades humanas face a um espaço pré-existente, mas antes espaços com expressão e influência de e para outros territórios (expresso no conjunto artefactual e ritual), bem como um dos componentes estruturais de sociedades em transformação e mudança, atestada pela sua vivência milenar.

Bibliografia

ARAUJO, A.C; LEJEUNE, M. (1995) - Gruta do Escoural: Necrópole Neolítica e Arte Rupestre Paleolítica. *Trabalhos de Arqueologia*. 8. Lisboa: IPPAR.

AAVV (2009) - *O tempo do Risco. Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.

BARROS, L; SANTOS, P.E (1997) – Gruta artificial de São Paulo. *Setúbal Arqueológica*. 11-12.Setúbal: MAEDS, 217-220.

BOAVENTURA, R. (2009) – *As antas e o Megalitismo da região de Lisboa*. Vol I e II. Tese de dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

BOAVENTURA, R. (2010) – O Megalitismo da região de Lisboa: as antas. *3º Colóquio Internacional Transformação e Mudança*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 349-356.

BRANDÃO, R. (1917) – *Húmus*. Lisboa: Porto Editora.

BUENO RAMÍREZ, P; BARROSO BERMEJO, R; BALBÍN BERHMANN (2009) – Agricultores y metalúrgicos en El Valle de Huecas (Toledo). *El Valle de Huecas (Huecas, Toledo)*. *Arqueologia*. Anthhropos. Ciudad Real.

CALADO, M (2001) – Da Serra d’Ossa ao Guadiana: Um estudo de pré-história regional. *Trabalhos de Arqueologia*. 19. Lisboa: IPA.

CALADO, M (2004) – *Menires do Alentejo Central: Génese e evolução da paisagem megalítica regional*. Tese de dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

CALADO, M; GONÇALVES, L; FERNANDES, R; ROCHA, L. (em provas) – Nova Carta Arqueológica de Sesimbra. *Encontro Arqueologia e Autarquias*. (Cascais, Setembro de 2008).

CARDOSO, J. L. (1990) – A Lapa do Bugio. *Sesimbra Cultural*. 0. Câmara Municipal de Sesimbra, 15-34.

CARDOSO, J. L. (1991) – Sobre os ídolos de calcário – “pinhas”- do calcolítico da Estremadura – Algumas considerações sobre dois exemplares da Lapa do Bugio. *Sesimbra Cultural*. 1. Câmara Municipal de Sesimbra, 6-14.

- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. IX-X. Setúbal, Assembleia Municipal de Setúbal, 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1994) – O litoral sesimbrense da Arrábida. Resenha dos conhecimentos da sua evolução quaternária e das ocupações humanas correlativas. *Sesimbra Cultural*. 4. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 5-12.
- CARDOSO, J. L. (2000) – Na Arrábida, do Neolítico antigo ao Bronze final. *Trabalhos de Arqueologia. Actas do Encontro sobre Arqueologia da Arrábida*. 14. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 45-70.
- CARDOSO, J. L. (2005) – A Pré-história de entre Sado e Tejo. *Actas do I Seminário de Paleontologia e arqueologia do Estuário do Sado*. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal do Montijo: 11-42.
- CARDOSO, J. L. (2010) – Outeiro Redondo. *O tempo do Risco – Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 154-155.
- CARDOSO, J. L. (2010) – O povoado calcolítico de Outeiro redondo (Sesimbra). Notícia preliminar. *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e. Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 67-130.
- CARDOSO, J. L; CUNHA, A.S (1995) – A Lapa da Furada (Sesimbra). *Resultados das escavações arqueológicas realizadas em Setembro de 1992 e 1994*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.
- CARDOSO, J. L; SOARES A. M (1995) - Sobre cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*. 2ªserie, 4. Almada, 10-13
- CARDOSO, J. L; CARVALHO, A.F (2008) - A Gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e a sua importância no faseamento do Neolítico no território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras - Homenagem a Octávio da Veiga Ferreira*. 16. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 269-300.
- CARVALHO, A.F (1998a) – O Abrigo da Pena d’Água (Rexaldia, Torres Vedras), resultado dos trabalhos de 1992-1997. *Revista portuguesa de Arqueologia*. 1, 2. Lisboa, IPA, 39-72.
- CARVALHO, A.F; FERREIRA, N.A; VALENTE M.J (2003) – A gruta necrópole-neolítica do Algar do Barrão (Monsanto - Alcanede). *Revista portuguesa de Arqueologia*. 6:2. Lisboa: IPA, 101-119.

CARVALHO, A.F. (2005) – As primeiras antigas sociedades camponesas de Lisboa (c.5200-4500 cal BC). *Cascais há 5000 anos*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 33-43

CARVALHO, A. M. G. (1968) - Contribuição para o conhecimento geológico da Bacia Terciária do Tejo. *MSGP*. 15. Lisboa: S.G.P.

CARVALHOSA, A. (1983) - Esquema geológico do Maciço de Évora. *CSGP*. T. 69. Fasc. 2. Lisboa: S.G.P., p. 201-208.

COSTA, P.e António C. (1708) – *Corografia Portuguesa*. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes, 2º Vol.

DAVEAU, S. (1980) - Espaço e tempo. Evolução do Ambiente geográfico de Portugal ao longo dos tempos Pré-Históricos. *Clio*. Lisboa: INIC, 2, p. 13-37.

DAVEAU, S. (1985) - *Mapas Climáticos de Portugal. Nevoeiro e Nebulosidade. Contrastes Térmicos*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.

DIAS M. I; VALERA, A.C; LAGO, M; e PRUDÊNCIO, M.I. (2008) - Proveniência e tecnologia de produção de cerâmicas nos Perdígões. Actas do III Encontro de Arqueologia do SW (Aljustrel, 2006). *Vipasca*. 2, 2ª Série. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel.

DINIZ, M (1994) – *Acerca das cerâmicas do Neolítico antigo da gruta da Furninha (Peniche) e da problemática da neolitização do Centro/Sul de Portugal*. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa.(Policopiado)

DINIZ, M.(2001) – Uma datação absoluta para o sítio do Neolítico Antigo da Valada do Mato, Évora. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:2. Lisboa: IPA, 111-113.

DINIZ, M. (2007) – O Sítio da Valada do Mato (Évora): Aspectos da neolitização no Interior/Sul de Portugal. *Trabalhos de Arqueologia*. 48. Lisboa: IPA.

DINIZ, M (2009) – Ainda antes do 4º milénio a.C: As praticas simbólicas das comunidades neolíticas, no ocidente peninsular. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 157-174.

DINIZ, M; GONÇALVES, V.S. (1993-94) – Actividade arqueológica em Portugal na 2ª metade de século XIX. *O Arqueólogo Português*. 4º série. 11-12. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 176-187.

DUARTE, C. (1998b) – Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo. Contexto cronológico e espaço funerário. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2. Lisboa: IPA, 107-118.

DUARTE, C. (2003) – Bioantropologia, Paleoecologia humana e arqueociências. Um programa multidisciplinar para a arqueologia sob tutela da Cultura. *Trabalhos de Arqueologia*. 29. Lisboa: IPA, 263-296.

FERNANDES, R. (2010) – Lapa do Sono (Sesimbra). *Relatório dos trabalhos realizados em 2009*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.

FERNANDES, R; ROCHA, L. (1999) – *Relatório de progresso do PNTA “Investigação Arqueológica no concelho de Sesimbra”*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR. Lisboa, Portugal.

FERNANDES, R; ROCHA, L. (2000) – *Relatório de progresso do PNTA “Investigação Arqueológica no concelho de Sesimbra”*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR. Lisboa, Portugal.

FERNANDES, R; ROCHA, L. (2001) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados na Gruta dos Pinheirinhos 1 (Sesimbra)*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR. Lisboa, Portugal.

FERNANDES, R; ROCHA, L. (2008) – Intervenção arqueológica na Lapa dos Pinheirinhos 1 (Sesimbra). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11. 2. Lisboa: IGESPAR, 29-40

GOMES, M; CALADO, D. (2007) - Conjunto de cerâmicas da gruta da Ladroeira Grande (Moncarapacho, Olhão, Algarve) e os santuários subterrâneos, da Idade do Bronze Final, no Sul de Portugal. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:1. Lisboa: IPA, 141-158.

GONÇALVES, J. P. (1957) – Roteiro de alguns megálitos da região de Évora. *A Cidade de Évora*. XXXII: 58 Jan-Dez. Évora: [s.n.], 241-261.

GONÇALVES, J. P. (1962) – Monsaraz e seu termo. *Boletim da Junta Distrital de Évora*. Évora: [s.n.], p. 269-351.

GONÇALVES, J. P. (1970) – Menires de Monsaraz. *Arqueologia e História*. IX: II. [s.l: s.n], 157-176.

GONÇALVES, J. P. (1972) – Arte Rupestre de Monsaraz. *Arquivos do Centro Cultural Português*. V. Paris: [s.n.], 489-502.

GONÇALVES, J. P. (1975) – Roteiro de alguns megálitos da região de Évora. Separata de *A Cidade de Évora*. 58. Évora: [s.n.], 3-25.

GONÇALVES, V. S. (1992) – *Reverendo as antas de Reguengos de Monsaraz*. Lisboa: UNIARQ/INIC.

- GONÇALVES, V. S. (1995a) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz: procurando algumas possíveis novas perspectivas, sem esquecer as antigas. *O Megalitismo do Centro de Portugal: Mangualde*. Viseu: Centro de Estudos Pré-históricos da Beira – Alta, 115-135.
- GONÇALVES, V. S. (1995b) – Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4º e 3º Milénios. *Ophiussa I*. [s.l.]: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, 1-21.
- GONÇALVES, V.S. (1999) – *Reguengos de Monsaraz – Territórios Megalíticos*. [s.l.]: CMRM.
- GONÇALVES, V. S. (2000) – Muitas antas, pouca gente? Muitas antas, pouca gente? Actas do I Colóquio Internacional sobre Megalitismo. *Trabalhos de Arqueologia*. 16. Lisboa: IPA, 5-10.
- GONÇALVES, V. S. (2002b) – Lugares de povoamento das antigas sociedades camponesas entre o Guadiana e a Ribeira do Álamo (Reguengos de Monsaraz): um ponto da situação em inícios de 2002. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5-2. Lisboa: IPA, 153-189.
- GONÇALVES, V. S. (2003a) – A anta 2 da Herdade dos Cebolinhos (Reguengos de Monsaraz). As intervenções de 1996 / 1997 e duas datas de radiocarbono para a última utilização da Câmara ortostática. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6-2. Lisboa: IPA, 14 - 166.
- GONÇALVES, V. S. (2003b) – Manifestações do sagrado na Pré-história do Ocidente peninsular. 4. A «síndrome das placas loucas». *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6-1. Lisboa: IPA, 131-157.
- GONÇALVES, V. S. (2003d) – *STAM-3, a anta 3 da Herdade de Santa Margarida (Reguengos de Monsaraz)*. Lisboa: IPA.
- GONÇALVES, V. S. (2003e) – Pastores, agricultores e metalurgistas em Reguengos de Monsaraz: os 4º e 3º milénios. *Ophiussa*. Lisboa: [s.n.]. 1.
- GONÇALVES, V. S. (2004) – Manifestações do sagrado na Pré-história do Ocidente peninsular. 5. O explícito e o implícito. Breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7-1. Lisboa: IPA, 165-183.
- GONÇALVES, V. S; CALADO, M. (1990-91) – A necrópole da Idade do Bronze do Monte dos Cebolinhos (S. Pedro do Corval, Reguengos de Monsaraz). Notícia da sua identificação. *Portugália*. 11-12. Porto: IAFLP, p. 143-147.

GONÇALVES, V. S; CALADO, M. e ROCHA, L. (1992) – Reguengos de Monsaraz: o antigo povoamento da Herdade do Esporão. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: MAEDS. IXX, p. 391-412.

GONÇALVES, V. S; BALBÍN-BEHRMANN, R; BUENO-RAMIREZ, P. (1997) – A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal). *Brigantium*. 10. A Coruña: [s.n.], 235-254.

GONÇALVES, V. S; SOUSA, A.C. (1997) – A propósito do grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e das origens do megalitismo no Ocidente Peninsular. *Actas do Colóquio Internacional O Neolítico Atlântico e as Orixes do Megalitismo*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Gallega, Universidade de Santiago de Compostela, Unión Internacional de Ciencias Prehistóricas e Protohistóricas, p. 609-634.

GONÇALVES, V. S; SOUSA, A.C. (2000) – O grupo megalítico de Reguengos de Monsaraz e a evolução do megalitismo no Ocidente peninsular (espaços de vida, espaços de morte: sobre as antigas sociedades camponesas em Reguengos de Monsaraz. In Gonçalves, V.S., (ed.) *Muitas Antas, Pouca Gente?*- *Actas do Colóquio Internacional sobre Megalitismo*. Lisboa: IPA, 11-104.

GONÇALVES, V. S; SOUSA, A.C. eds (2010) – Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e. *Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

GONÇALVES, V. S; ALFARROBA, A. (2010) – Ver ao longe no 3º milénio a.n.e. Sobre a localização e o significado do Monte Novo dos albardeiros (Reguengos de Monsaraz). *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal: o 4º e o 3º milénios a.n.e. Actas do Colóquio Internacional (Cascais, 2005)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 297-324.

GOMES, M.V. (1997a) – Anta da Belhoa (Reguengos de Monsaraz, Évora). Resultados da campanha de escavações de 1992. *Cadernos de Cultura*, 1. Reguengos de Monsaraz: Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz, 39-69.

GUILAINE, J. (2006) – Pourquoi j'ai construit une maison carrée. Paris: Actes Sud/Errance.

LAGO, M; DUARTE, C; VALERA, A; ALBERGARIA, J; ALMEIDA, F. e CARVALHO, A. (1998) – Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1, 1. Lisboa: IPA, 45-152.

LEACH, E. (1976) – Cultura e Comunicação. - A lógica da conexão dos Símbolos, *Perspectivas do homem*, Edições 70.

LEISNER, G. e V. (1959) – *Die Megalithgraber der Iberischen Halbinsel: Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter. II: 2.

MARÇAL, F, MARTINS, F. (2005) – A Arrábida: um olhar por dentro e por fora. Geomorfologia, geologia e biologia da região da Serra da Arrábida. *Paleontologia e Arqueologia do estuário do Tejo. Actas do I Seminário*. Lisboa: Edições Colibri/C. M. Montijo, 111-123.

MARQUES, R; SILVA, A.M (2009) – Espólio Antropológico do Concelho de Sesimbra. *O tempo do Risco – Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 148-151.

MEDEIROS, C.A. (1987) – *Introdução à Geografia de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa.

MONTEIRO, R; ZBYSZWSKI, G; FERREIRA, O.V (1967) – Uma notável placa de xisto encontrada na Lapa do Bugio (Azóia). *Revista de Guimarães*. 77: 3-4. Guimarães, 323-328.

MONTEIRO, R; ZBYSZWSKI, G; FERREIRA, O.V (1971) – Nota preliminar sobre a lapa pré-histórica do Bugio. *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Vol. 1. Coimbra: Junta Nacional de Educação, 107-120.

MURRIETA FLORES, P.A; WHEATLEY, D; GARCÍA SANJUÁN. L. (2011) – Antes de los mapas: navegación y orientación terrestre en la Prehistoria Reciente Ibérica. *Revista PH*. 67. Sevilha: Instituto Andaluz del Patrimonio Histórico: 85-88.

ODRIZOLA, C; HURTADO PÉREZ, V; DIAS, M.I. e VALERA, A.C. (2008) - Produção e consumo de campaniformes no vale do Guadiana: uma perspectiva ibérica. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 3. Lisboa: NIA-ERA, 45 - 52.

ODRIZOLA, C. (2009) – Análisis de Procedencia de Campaniformes y una Cuenta de Collar, *O tempo do Risco – Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 156-159.

OLIVEIRA, J. (1997) – Monumentos Megalíticos da Bacia Hidrográfica do Rio Sever. Castelo de Vide, Cedillo, Herrera de Alcântara, Marvão, Nisa, Valência de Alcântara. *IBN MARUAN*. Lisboa: Edições Colibri.

OLIVEIRA, J. (2006) – *Património Arqueológico da Coudelaria de Alter e as primeiras comunidades agropastoris*. Lisboa: Edições Colibri/Universidade de Évora.

- OOSTERBEEK, L (1995a) - A fácies megalítica da gruta do Cadaval (Tomar). *Actas I Reunião do Quaternário Ibérico*. Vol. 2. Lisboa, 147-159.
- OOSTERBEEK, L (1995b) – Elementos para o estudo da estratigrafia da gruta do Cadaval (Tomar). *Al-Madan*. 2ª série. 4-5. Almada, 7-12.
- OOSTERBEEK, L (1997a) – Back home! Neolithic life and the rituals of death in the Portuguese Ribatejo. In Bonsall, C; Tolan-Smith, C. (eds) – *The human use of caves*. BAR International Series: 667. Oxford: Archaeopress, 70-80.
- PINA, H.L. (1971) – Novos monumentos megalíticos do Distrito de Évora. *Actas do II CNAP*. VI. Coimbra: [s.n.], 151-161.
- PINA, H.L. (1962) – A Anta 2 da Azinheira (Reguengos de Monsaraz). *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*. Porto: SPAE, 25-46.
- REAL, F.C. de SOUSA (1987) – *Notícia explicativa da Carta Geológica. Atlas Ambiente*. Lisboa: Secretaria de Estado do Ambiente e Recursos Naturais.
- RIBEIRO, O. (1937) – A Arrábida: Esboço geográfico. *Revista Faculdade de Letras de Lisboa*. 4. I. Lisboa: [s.n.], 2-131
- RIBEIRO, O. (1998) – *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico: Esboço de relações geográficas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 7ª edição revista e ampliada.
- ROCHA, L (2005) – *Origens do megalitismo funerário no Alentejo central: a contribuição de Manuel Heleno*. Tese de Doutoramento em Historia (Arqueologia). Lisboa: Faculdade de Letras/ Universidade de Lisboa (Policopiada).
- ROCHA, L; FERNANDES, R. (no prelo) - Coast People, interior people ... trade or breaks? *Symposium Internacional “Gentes del Mar. Historia y Arqueología en el litoral del Arco Atlântico”*. (Luanco, Espanha, Dezembro de 2009).
- ROCHA, L; CALADO, M; FERNANDES, R; GONÇALVES, L. (no prelo) - Paysages et environnements littoraux dans la préhistoire de Sesimbra, Arrábida. Portugal. *Landscape Evolution & Geoarchaeology*. (Porto Heli, Grécia, Junho de 2008).
- ROCHA, L; FERNANDES, R. (no prelo) – Carta Arqueológica de Sesimbra. Resultados do 1º ano de trabalhos de campo. *II Encontro de Arqueologia da Arrábida* (Setúbal, Novembro de 2007).
- ROCHA, L; FERNANDES, R. (2009) – *Carta Arqueológica de Sesimbra. Relatório final do projecto 2009*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.

ROCHA, L; CALADO, M; FERNANDES, R; GONÇALVES, L. (2009) – *Carta Arqueológica de Sesimbra. Relatório de progresso 2008*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.

ROCHA, L; CALADO, M; FERNANDES, R; GONÇALVES, L. (2008) – *Carta Arqueológica de Sesimbra. Relatório de progresso 2007*. Acessível nos Arquivos do IGESPAR, Lisboa, Portugal.

SERRÃO, E. (1958) - Cerâmica Proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*. I. Salamanca: [s.n.], 176-186.

SERRÃO, E.C; Monteiro. R (1959) - Estação Isabel: (necrópole pré-histórica da Azóia), Sep.: *I Congresso Nacional de Arqueologia*. I. Lisboa: [s.n.], 407-429.

SERRÃO, E. C. (1967a) - As grutas A e B do Forte do Cavalo. *Boletim do Centro de Estudos do Museu Arqueológico de Sesimbra*. I. Sesimbra: [s.n.], 76-93.

SERRÃO, E. C. (1970) - As cerâmicas de "retícula bruñida" das estações arqueológicas espanholas e com "ornatos brunidos" da Lapa do Fumo. *Actas das I Jornadas Arqueológicas. II*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 271-307.

SERRÃO, E.C (1971) - Estrato pré-campaniforme da Lapa do Fumo (Sesimbra), *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. I. Coimbra: Ministério da Educação Nacional. Junta Nacional da Educação, 121-142.

SERRÃO, E.C (1975) - Contribuições arqueológicas do sudoeste da Península de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. 1. Setúbal: Junta Distrital de Setúbal, 199-225.

SERRÃO, E.C (1978) - *A Lapa do Fumo. Aspectos e métodos da Pré-História*. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto – GEAP: Porto, 27-45.

SERRÃO, E.C (1978) - Primeiras contribuições para uma periodização do Neolítico e do Calcolítico da Estremadura Portuguesa. *Aspectos e métodos da Pré-História*. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto – GEAP: Porto, 17-25.

SERRÃO E.C (1979) - Sobre a periodização do Neolítico e Calcolítico do território português. *O Neolítico e o Calcolítico em Portugal*. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto – GEAP: Porto, 147-182.

SERRÃO, E. (1958) Cerâmica Proto-histórica da Lapa do Fumo (Sesimbra) com ornatos coloridos e brunidos. *Zephyrus*. Salamanca. I, p. 176-186

SERRÃO, E.C (1994) - Carta arqueológica do concelho de Sesimbra: desde o vilafranquiano médio até 1200 d.C. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra.

- SILVA, A (2002) – *Antropologia Funerária e Paleobiologia das Populações Portuguesas (Litorais) do Neolítico Final / Calcolítico*. Coimbra Universidade, Dissertação de Doutoramento. Policopiada.
- SILVA, A.M; MARQUES, R. (2009) – Lapa do Bugio: Os dados antropológicos. *O tempo do Risco – Carta Arqueológica de Sesimbra*. Sesimbra: Câmara Municipal de Sesimbra, 142-147.
- SILVA, C.T; SOARES, J (1983) – Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral: A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*. 4^a série. I. Lisboa. Museu Nacional de Arqueologia, 63-88.
- SILVA, C.T; SOARES, J (1986) – *Arqueologia da Arrábida*. Coleção Parques Naturais. 5. Setúbal.
- SILVA, C.T; SOARES, J (1997) Chibanes revisitado. Primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais*. 6. Lisboa: Instituto Oriental da Universidade Nova de Lisboa, 33-66.
- SIMÕES, T (1999) - O Sítio Neolítico de São Pedro de Canaferrim (Sintra). *Trabalhos de Arqueologia*. 12. Lisboa: IPA.
- SOARES, A. M (1995) - A Datação Absoluta da Necrópole “Neolítica” da Gruta do Escoural. Gruta do Escoural: Necrópole Neolítica e arte Rupestre Paleolítica. *Trabalhos de Arqueologia*. 8. Lisboa: IPPAR, 111-119.
- SOARES, J. (2003) – *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal, MAEDS.
- SOARES, J; SILVA. A.T. (1975) – A ocupação pré-histórica do Pedrão e o Calcolítico da região de Setúbal. *Setúbal Arqueológica*. 1. Setúbal: MAEDS, 53-154.
- SOARES, J; SILVA, C.T; BARROS, L. (1979) - Identificação de uma jazida neolítica em Fonte de Sesimbra (Santana), *Setúbal Arqueológica*. 5, p.47-65
- SOUSA, A.C (1998) – O neolítico final e o Calcolítico na área da Ribeira de Cheleiros. *Trabalhos de Arqueologia*. 11. Lisboa: IPA
- SPINDLER, K; CASTELLO BRANCO, A; ZBYSZEWSKI, G; VEIGA FERREIRA, O. (1973-1974) – Le monument à cupole de l’Age du Bronze Final de la Roça do Casal do Meio (Calhariz). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. 57. Lisboa: SGP, 91-154.
- TERESO, J; NEVES, C; GASPAR, R; ALDEIAS, V; DUARTE, C; GONÇALVES, D; NETO, F; PINHEIRO, V. (2006) – A necrópole da gruta do Rio Seco (Alcobaça): Dados

da primeira intervenção. *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular: Simbolismo, Arte e Espaços Sagrados na Pré-história da Península Ibérica., Promontória Monográfica*. 5. Faro: Universidade de Faro.

VALERA, A; LAGO, M; DUARTE, C; EVANGELISTA, L. (2000) - Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigões: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *ERA Arqueologia*. 2. Lisboa: ERA/Colibri, 84 - 105.

VALERA, A; LAGO, M; DUARTE, C; DIAS, M^a I.; PRUDÊNCIO, M^a I. (2007) - Investigação no complexo arqueológico dos Perdigões: ponto da situação de dados e problemas”. *Actas do 4º Congresso de Arqueologia Peninsular*. Faro: Universidade do Algarve.

VALERA, A; GODINHO, R. (2009) - A gestão da morte nos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): novos dados, novos problemas. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. 17. Oeiras: Câmara Municipal, 371-387.

VALERA, A. (2010) - Marfim no recinto calcolítico dos Perdigões (1): Lúnulas, fragmentação e ontologia dos artefactos. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. 5. Lisboa: NIA-ERA Arqueologia, 31-42.

VASCONCELOS, J.L. (1913) – *As religiões da Lusitânia*. Lisboa.

ZILHÃO, J (1992) – Gruta do Caldeirão – o Neolítico Antigo. *Trabalhos de Arqueologia*. 6. Lisboa: IPPAR.

ZILHÃO, J (1995) – Primeiras datações absolutas para os níveis neolíticos das Grutas do Caldeirão e da Feiteira: Suas implicações para a cronologia da Pré-História do sul de Portugal: KUNST, M (coord.) – Origens, estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península Ibérica. *Trabalhos de Arqueologia*. 7. Lisboa: IPPAR, 113-122.

ZILHÃO, J; CARVALHO A.F (1996) – O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho: Crono-estratigrafia e povoamento. *I Congrès del Neolítico a la Península Ibèrica*. Gava: Bellaterra, 659-671.

SITES.

Memórias paroquiais de 1758 (Azeitão/Sesimbra), vol. 5, nº 68, p. 961 a 974, acessível em <http://digitarq.dgarq.gov.pt?ID=4239121>

